

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Tese

Produção de subjetividades de crianças e jovens em situação de acolhimento:
adoção tardia, futebol e outras práticas corporais

Lóry da Silveira Ribeiro

Pelotas, 2025

Lóry da Silveira Ribeiro

Produção de subjetividades de crianças e jovens em situação de acolhimento:
adoção tardia, futebol e outras práticas corporais

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação Física.

Orientador: Dr. Luiz Carlos Rigo

Pelotas, 2025

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

R484p Ribeiro, Lory da Silveira

Produção de subjetividades de crianças e jovens em situação de acolhimento [recurso eletrônico] : adoção tardia, futebol e outras práticas corporais / Lory da Silveira Ribeiro ; Luiz Carlos Rigo, orientador. — Pelotas, 2025.
148 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Pelotas, 2025.

1. Crianças e Jovens. 2. Instituições de Acolhimento. 3. Futebol. 4. Subjetividade. 5. Adoção tardia. I. Rigo, Luiz Carlos, orient. II. Título.

CDD 796.33

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Lóry da Silveira Ribeiro

Produção de subjetividades de crianças e jovens em situação de acolhimento:
adoção tardia, futebol e outras práticas corporais

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa:
21/07/2025

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo (Orientador)
Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas

Prof.^a Dr.^a Silvana Vilodre Goellner
Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas

Prof.^a Dr.^a Raquel da Silveira
Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Gustavo da Silva Freitas
Doutor em Educação em Ciência pela Universidade Federal do Rio Grande

Prof. Dr. Alan Goularte Knuth (Suplente)
Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

RIBEIRO, Lóry da Silveira. **Produção de subjetividades de crianças e jovens em situação de acolhimento: adoção tardia, futebol e outras práticas corporais**¹. 2025. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025².

Esta tese se propôs a pesquisar a produção das subjetividades de crianças e jovens institucionalizados em três casas de acolhimento da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. O estudo centrou-se em conhecer a rotina dessas instituições a fim de problematizar e cartografar as narrativas e as práticas vivenciadas pelos sujeitos nesses espaços. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e a sua metodologia utilizou-se de princípios provenientes da etnografia contemporânea, mais especificamente a “participação observante” e as “entrevistas compreensivas”. A pesquisa de campo dentro das casas de acolhimento aconteceu de março de 2022 a outubro de 2023, sendo realizada uma visita por semana, com duração de uma hora, em cada instituição. O estudo problematizou como as práticas discursivas e não discursivas fabricam as subjetividades de crianças e jovens institucionalizados em situação de acolhimento. O produto final da pesquisa foi sistematizado no formato de três artigos autônomos, cada um com seus respectivos objetivos: o primeiro deles buscou analisar as reconfigurações sócio-históricas das instituições de acolhimento na sociedade brasileira e problematizar o fenômeno da adoção tardia; o segundo artigo analisou a atuação do futebol na produção das subjetividades dos sujeitos acolhidos; e o terceiro e último artigo teve como objetivo problematizar a produção da subjetividade de dois jovens transgêneros em situação de acolhimento institucional. A pesquisa concluiu que as subjetividades das crianças e jovens em situação de acolhimento são produzidas por práticas discursivas e não discursivas presentes no corpo social. Assim, o futebol, o lazer, a escola e os discursos de corpo, gênero e sexualidade são marcas constituintes das subjetividades dos jovens institucionalizados. Eles também são atravessados e constituídos por singularidades de sua condição de sujeitos excluídos e institucionalizados em casas de acolhimento, como é o caso dos discursos e das práticas de adoção e da adoção tardia.

Palavras-chave: crianças e jovens; instituições de acolhimento; futebol; subjetividade; adoção tardia.

¹ O termo “práticas corporais” foi utilizado neste estudo inspirado no conceito de práticas culturais, conforme utilizado por Michel de Certeau (1994; 1995) para se referir às invenções e práticas culturais de resistência que fazem parte do cotidiano do sujeito das classes populares. No campo da Educação Física, o conceito de práticas corporais constitui-se como um conceito em construção, em disputa, que está sendo utilizado com certa heterogeneidade para designar significados distintos (Manske, 2022). Nesta pesquisa, ele foi elencado para designar “expressões individuais ou coletivas do movimento corporal, advindas do conhecimento e da experiência em torno do jogo, da dança, do esporte, da luta, da ginástica, construídas de modo sistemático (na escola) ou não sistemático (tempo livre/lazer)” (Brasil, 2012, p. 28). Para mais considerações sobre o uso do conceito de práticas corporais no campo da Educação Física, ver Manske (2022), Knuth e Antunes (2021) e Damico e Knuth (2014).

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

ABSTRACT

RIBEIRO, Lóry da Silveira. **Production of subjectivities among children and youth in foster care: late adoption, soccer and other bodily practices.** 2025. Thesis (Doctorate in Physical Education) – Postgraduation Program in Physical Education, Higher School of Physical Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2025.

This thesis set out to explore how subjectivities are produced among children and youth living in three foster homes in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul. The study focused on understanding the daily routines of these institutions in order to problematize and map the narratives and practices experienced by the subjects in these spaces. This is a qualitative study that employed methodologies drawn from contemporary ethnography—specifically, “observant participation” and “comprehensive interviews”. Fieldwork within the foster homes were conducted from March 2022 to October 2023, with one one-hour visit per week to each institution. The study examined how both discursive and non-discursive practices shape the subjectivities of institutionalized children and youth. The final output of the research was organized into three independent articles, each with its own objective: the first one analyzed the sociohistorical reconfigurations of foster homes in Brazilian society and questioned the phenomenon of late adoption; the second one explored the role of soccer in shaping the subjectivities of institutionalized youth; and the third and last one aimed to problematize the production of subjectivity of two transgender adolescents living in a foster home. The study concluded that the subjectivities of children and youth in foster homes are shaped by discursive and non-discursive practices present in the broader social fabric. Soccer, leisure activities, school, and discourses on body, gender, and sexuality emerge as key elements in the constitution of these subjectivities. These individuals are also shaped by the singularities of their condition as excluded and institutionalized subjects, particularly through discourses and practices surrounding adoption and late adoption.

Keywords: children and youth; foster homes; soccer; subjectivity; late adoption.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Roda dos expostos	19
Figura 2 - Asylo de Órphãs Nossa Senhora da Conceição	21
Figura 3 - Instituto Nossa Senhora da Conceição, anteriormente nomeado de Asylo de Órphãs Nossa Senhora da Conceição	21
Figura 4 - Meninos acolhidos organizando o campo para o jogo	53
Figura 5 - Jogo de videogame.....	54
Figura 6 - Campeonato na escola de futebol	55
Figura 7 - Treinamento do time de futsal.....	56

Lista de figuras do artigo B

Figura 1 - Meninos acolhidos organizando o campo para o jogo	92
Figura 2 - Jogo de videogame.....	93
Figura 3 - Campeonato na escola de futebol	95
Figura 4 - Treinamento do time de futsal.....	96
Figura 5 - Álbum de figurinhas da Copa do Mundo Feminina com os jogadores e as jogadoras da casa.....	102
Figura 6 - Álbum de figurinhas da Copa do Mundo Masculina com os jogadores e as jogadoras da casa.....	103

Lista de figuras do artigo C

Figura 1 - Roda dos expostos da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, BA, 21/01/2025	110
Figura 2 - Aniversário de 15 anos de Victória, 29/12/2023.....	115
Figura 3 - "Peneirão" do time de futsal, 09/07/2023	121
Figura 4 - Torcida para Endrick, 29/07/2023	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cronograma	62
-----------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPC	Benefício de Prestação Continuada
CNA	Cadastro Nacional de Adoção
DNCR	Departamento Nacional da Criança
EC	Estudos culturais
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ESEF	Escola Superior de Educação Física
Febem	Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
Funabem	Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
PPGEdu	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGEF	Programa de Pós-Graduação em Educação Física
RS	Rio Grande do Sul
SAM	Serviço de Assistência ao Menor
SNA	Sistema Nacional de Adoção
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
1.1 Projeto de pesquisa	11
2 INTRODUÇÃO	12
2.1 Justificativa.....	12
2.2 Objetivos	16
3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	17
3.1 Dos desvalidos aos acolhidos: contornos históricos do acolhimento institucional	17
3.1.1 O governar da vida dos menores	25
3.2 Subjetividade	27
3.2.1 A produção de subjetividade de crianças e jovens acolhidos.....	29
3.2.2 Subjetividades de jovens transgêneros	33
3.2.3 Futebol e a produção de subjetividades de crianças e jovens	38
4 METODOLOGIA	43
5 NOTAS DA EXPERIÊNCIA DE CAMPO	47
5.1 Descrições	47
5.2 Futebóis das/nas casas de acolhimento	51
5.2.1 Treinos e jogos.....	55
5.2.2 Copa do Mundo Masculina.....	56
5.2.3 Copa do Mundo Feminina	58
5.2.4 Artefatos da copa	59
6 CRONOGRAMA	62
Referências	63
7 ARTIGO A - ADOÇÃO TARDIA: MANIFESTAÇÕES DO COTIDIANO DE UMA CASA DE ACOLHIMENTO DE PELOTAS/RS.....	69
7.1 Introdução.....	71
7.2 Práticas de acolhimento institucional: da emergência à propagação de um dispositivo de captura de “fazer viver”	72
7.2.1 Menor como sujeito e objeto da lei.....	74

7.2.2 Crianças e adolescentes como cidadãos legais.....	75
7.3 A casa de acolhimento de Pelotas: os sujeitos e o dia a dia da instituição	77
7.4 “Eu estou cansado de estar sempre neste abrigo. são sempre os outros que são escolhidos” – adoção tardia: manifestação de uma condição de exclusão.....	80
7.5 Considerações finais	83
Referências	84
8 ARTIGO B - O FUTEBOL COMO PRODUTOR DE SUBJETIVIDADE: UM ESTUDO A PARTIR DE CRIANÇAS E JOVENS DAS CASAS DE ACOLHIMENTO DA CIDADE DE PELOTAS/RS.....	88
8.1 Introdução.....	89
8.2 Futebóis nas/das casas de acolhimento	90
8.3 Treinos e jogos.....	94
8.4 Copas do Mundo	96
8.5 Artefatos da Copa	100
8.6 Considerações finais	104
Referências	107
9 ARTIGO C - A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE JOVENS TRANS EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO	109
9.1 Introdução.....	109
9.2 Apresentação dos protagonistas desse texto, Victória e Endrick.....	112
9.3 Construção da sexualidade em jovens trans de um casa de acolhimento	113
9.4 Futebol e outras práticas corporais dos jovens trans em situação de acolhimento	120
9.5 Considerações finais	126
Referências	128
10 IN/CONCLUSÃO.....	131
REFERÊNCIAS.....	134
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	138
ANEXO B - CARTA DE APRESENTAÇÃO DE PESQUISADORA	140

1 APRESENTAÇÃO

A presente tese de doutorado se caracteriza como requisito para a obtenção do título de doutora em Educação Física na linha de pesquisa dos Estudos Socioculturais do Esporte e da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel). Esta tese foi engendrada a partir do modelo alternativo previsto no regimento do PPGEF/UFPel. O projeto de pesquisa foi qualificado em 25 de julho de 2024.

A tese está estruturada do seguinte modo: inicialmente, apresentamos o projeto de pesquisa da tese; em seguida, os três artigos produzidos a partir dessa pesquisa.

O primeiro artigo intitula-se “Adoção tardia: manifestações no cotidiano de uma casa de acolhimento de Pelotas/RS”, tendo sido aceito para publicação na revista Caderno Pedagógico no dia 27 de julho de 2025 e está disponível no link <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/9121>.

O segundo artigo, intitulado “O futebol como produtor de subjetividade: um estudo a partir de crianças e jovens das casas de acolhimento da cidade de Pelotas/RS”, foi aprovado para publicação no dia 13 de abril de 2025 na revista Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade (RELACult) e está disponível no link: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2619>.

O terceiro artigo trata da produção da subjetividade de dois jovens transgêneros em situação de acolhimento institucional na cidade de Pelotas/RS. O artigo foi feito com base em alguns fragmentos de narrativas oriundos do campo de pesquisa e de uma entrevista com um desses jovens. O artigo será enviado para submissão após a defesa da tese, considerando as sugestões da banca examinadora.

1.1 Projeto de pesquisa

Nome: Lóry da Silveira Ribeiro.

Orientador: Dr. Luiz Carlos Rigo.

Programa: Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Linha: Estudos Socioculturais do Esporte e da Saúde.

Título: Produção de subjetividades de crianças e jovens em situação de acolhimento: adoção tardia, futebol e outras práticas corporais.

2 INTRODUÇÃO

Este projeto propõe-se a pesquisar, a partir da escuta, as produções discursivas que crianças e jovens institucionalizados em uma casa de acolhimento narram sobre as suas vidas e como essas são atravessadas por temáticas como o futebol, a adoção tardia e questões de gênero. Busca-se, também, conhecer a rotina dessas instituições, compreender as práticas vivenciadas pelos sujeitos nesses espaços e identificar de que maneira essas crianças e jovens narram o seu cotidiano. Para isso, foram traçados os seguintes questionamentos: de que maneira os discursos sobre futebol fabricam as subjetividades de meninos e meninas em situação de acolhimento na cidade de Pelotas/RS³? Quais condições de possibilidade criam os moldes de instituições de acolhimento da atualidade? Por que existe um perfil de crianças adotáveis? De que formas a adoção tardia reconfigura e constrói a subjetividade dos sujeitos que não são adotados? Quais as principais barreiras impostas para jovens transgêneros em situação de acolhimento? De que forma os jovens trans se inserem no esporte e no lazer?

Como produto desta pesquisa, foram elaborados três artigos, cada um com os seus respectivos objetivos. O primeiro deles, intitulado “Adoção tardia: manifestações no cotidiano de uma casa de acolhimento de Pelotas/RS”, objetivou problematizar as manifestações da adoção tardia de uma casa de acolhimento, bem como narrar as reconfigurações sócio-históricas das instituições de acolhimento na sociedade brasileira. O segundo artigo, intitulado “O futebol como produtor de subjetividade: um estudo a partir de crianças e jovens das casas de acolhimento da cidade de Pelotas/RS”, analisou a forma como o futebol atua na produção das subjetividades dos sujeitos acolhidos. Por fim, o terceiro e último artigo teve como objetivo explicitar a produção da subjetividade de dois jovens transgêneros em situação de acolhimento institucional na cidade de Pelotas/RS a partir das narrativas e do cotidiano destes.

2.1 Justificativa

A escolha pelo tema de pesquisa deste projeto foi motivada pelas vivências desta pesquisadora. No ano de 2010, minha família começou a fazer parte do

³ Pelotas é um município da região sul do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil.

Programa de Apadrinhamento Afetivo, que possibilita que crianças e jovens acolhidos⁴ tenham uma família que os acompanhe, isto é, tenham alguém para se tornar referência, para que, mesmo quando não sejam adotados, sintam-se parte de um grupo familiar. Essa foi uma das experiências que fez com que eu voltasse o olhar para as instituições de acolhimento, fazendo desses espaços e das infâncias e juventudes que neles se constituem objetos de estudo e investigação.

Esta aproximação fez com que eu realizasse o Trabalho de Conclusão de Curso para a Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) em uma instituição de acolhimento, com temática que girava em torno da produção dos corpos femininos.

A pesquisa em questão foi realizada com as meninas que residiam em uma instituição de acolhimento da cidade de Pelotas/RS, pois percebi que existiam investimentos diferentes sobre seus corpos, em comparação aos dos meninos, acerca das convenções que separam homens e mulheres, meninos e meninas, em espaços próprios, demarcando-se modos de vida distintos, construídos ao longo do tempo. Essas subjetividades vão se constituindo no contexto da cultura e da época em que os sujeitos se encontram inseridos.

A partir desses diálogos, problematizamos os corpos para além da materialidade biológica, entendendo-os também como construções históricas, sociais e culturais, observando a experiência da institucionalização como forma de docilizar corpos e mentes (Foucault, 2004). O futebol, enquanto esporte reconhecido como paixão nacional no Brasil, se constitui produto cultural, de maneira que não pode ser visto como neutro. Fabrica discursos que produzem modos de ser, forjando subjetividades. Aqueles e aquelas que estão inseridos nas instituições de acolhimento acabam sendo atravessados por essa prática e pelos significados dela.

Entre as possibilidades de ressignificar entendimentos promovidas no meu percurso de pesquisadora, destaco, ainda, a compreensão de que a educação não se constrói somente nas instituições escolares, mas no contexto de todas as práticas implicadas na transformação de subjetividades (Silva, 2007). A partir da utilização desses “óculos” acadêmico, meu olhar foi se modificando, permitindo interrogar

⁴ Segundo Szortyka *et al.* (2012, p. 278), o acolhimento institucional “atende a crianças e adolescentes em grupo, em regime integral, por meio de normas e regras estipuladas por entidade ou órgão governamental ou não-governamental [sic]”.

certezas e construções históricas que se consolidaram como verdades aceitas ao longo do tempo.

No Curso de Especialização em Educação Física Escolar da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPel), no ano de 2018, dei continuidade à pesquisa com as infâncias institucionalizadas, dessa vez com foco nos processos de escolarização. Também no ano de 2018, ingressei no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da FURG, espaço em que me senti provocada a pesquisar sobre as relações entre os artefatos midiáticos e o processo de adoção.

Além disso, sou torcedora no âmbito do futebol, o que por vezes é questionado por eu ser do gênero feminino. O futebol ainda costuma ser tratado como um esporte restrito aos homens. Para Rigo *et al.* (2008, p. 185), “boa parte da discriminação e dos preconceitos [...], certamente, tem a ver com os 30 anos de proibição⁵ e de desqualificação que ajudaram a construir uma moral sexista alicerçada no discurso de que mulher não combina com futebol”. Isso fez com que eu questionasse os modos como esses espaços produzem as subjetividades de crianças e jovens, ditando quem pode torcer e quem deve ser interpelado para confirmar se realmente se constitui como parte dessa prática social.

Entendo que a pesquisa precisa estar atrelada à vida da pesquisadora, não sendo possível pesquisar qualquer tema, mas sim um que atravesse o meu sentir, que me toque de alguma maneira, tornando o tema relevante não apenas pelos dados acadêmicos que se pretende trazer, mas também por algo que me atinja, me inquiete, faça com que eu me questione, enfim, me toque a ponto de ser necessário saber mais sobre o tema. Considero importante investigar como as subjetividades de crianças e jovens acolhidos estão sendo fabricadas por perceber que essas instituições são tão educativas e disciplinadoras quanto outras que são normalmente pesquisadas, como a escola, o quartel ou a prisão.

A partir das experiências acadêmicas narradas até aqui, que envolveram a trajetória formativa trilhada por mim e o exercício analítico, fui mobilizada a perceber o mundo, os sujeitos e sua educação através de outras lentes. No contexto dos

⁵ O Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que estabelecia as bases da organização desportiva brasileiras, proibiu as mulheres de praticarem esportes que eram considerados como incompatíveis com a natureza feminina (Brasil, 1941). O Decreto-Lei foi revogado somente em 1979, e o futebol de mulheres foi então oficializado em 1983. Para mais considerações sobre a história da proibição do futebol de mulheres no Brasil, ver Cunha (2024).

estudos culturais (EC), comecei a questionar o caráter construído dos discursos que enfatizam as formas de ser criança e jovem como única, homogênea. Considerando os efeitos desses discursos para as práticas sociais que conduzem os sujeitos, passei a problematizar o fato de que aqueles que não correspondem a tais visões pré-estabelecidas passam a ser significados como seres desviantes, sendo percebidos e descritos a partir de categorias discursivas que ressaltam a necessidade de correção ou de normalização.

Porém, por mais que existam tensões que tentem padronizar esses sujeitos e creditar apenas uma forma de ser, os estudos que realizei me levam a considerar múltiplas existências, flexionadas no plural, pois são distintas e variadas. Além disso, incontáveis vezes, escapam às tentativas de disciplinamento e normalização que buscam definir e classificar uma única forma de ser (Louro, 2007). Ademais, os significados e os modos de viver são (re)construídos constantemente.

Desde a virada culturalista problematiza-se o borramento entre as fronteiras do que é educativo, passando-se a compreender que as expressões da cultura popular também possuem caráter pedagógico. Sendo assim, na perspectiva dos EC, todo conhecimento fabricado a partir de um sistema de significação e cultural é produzido no contexto de relações de poder. O futebol, sendo o esporte mais popular do Brasil, constitui-se enquanto produtor de subjetividades e espaço potente de pesquisa. Todas as instâncias culturais tornam-se pedagógicas, ou seja, ensinam alguma coisa, visto que estão imbricadas em processos de transformação das subjetividades (Silva, 2010).

A partir do exposto, este trabalho faz-se relevante por estudar diferentes sujeitos institucionalizados em casas de acolhimento, sendo um dos discursos em circulação o do futebol.

As instituições de acolhimento, assim como as escolares, buscam educar e disciplinar crianças e jovens. Esse regramento faz com que quem circule nesses espaços tenha discursos que constituem modos de ser. A partir das leituras com que me deparei durante a minha jornada acadêmica, passei a compreender as subjetividades como construções sociais que contam histórias com variadas possibilidades, sendo condicionadas pela cultura em que estão inseridas. Essas subjetividades em permanente construção são educadas constantemente em todos

os espaços que transitam, entre eles as escolas e as suas moradias – neste caso específico, as instituições de acolhimento.

Com base no exposto, esta investigação justifica-se por voltar o olhar para as narrativas dos sujeitos que estão em situação de acolhimento, que produzem e são produzidos pelas instituições em que transitam, percebendo como os discursos sobre o futebol as atravessam e as educam. Além disso, este trabalho busca escutar os sujeitos acolhidos, que por vezes são invisibilizados e têm muito o que falar sobre aquilo que os toca e os constitui, neste caso, mais especificamente, o futebol.

2.2 Objetivos

Em consonância com o modelo escolhido para a apresentação desta tese, o produto da pesquisa será apresentado no formato de três artigos autônomos, cada um com seus objetivos específicos:

- a) o artigo A trata da adoção tardia e tem como objetivos narrar o processo histórico da produção das instituições de acolhimento na sociedade brasileira e problematizar a presença da adoção tardia na subjetividade de crianças e jovens institucionalizados;
- b) o artigo B tem como objetivo principal problematizar como as práticas futebolísticas do jogar e do torcer atuam na constituição das subjetividades de crianças e jovens em casas de acolhimento; e
- c) o artigo C visa problematizar questões referentes à constituição da subjetividade de dois acolhidos que se percebem como jovens trans.

3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Neste item, movimentamo-nos na escrita com o objetivo de compreender, com base na perspectiva dos EC na sua vertente pós-estruturalista, mais especificamente a partir de alguns princípios de Foucault, como se produz, ao longo do tempo, a subjetividade de meninas e meninos em situação de acolhimento, problematizando determinadas condições históricas, políticas, sociais e culturais. São focalizadas problematizações sobre instituições de acolhimento, infâncias, juventudes e futebol.

3.1 Dos desvalidos aos acolhidos: contornos históricos do acolhimento institucional

Os contornos históricos apresentados aqui acerca das práticas de acolhimento são processos que se entrecruzam e que estão mutuamente implicados, como a invenção das infâncias, das juventudes e das instituições responsáveis por seu cuidado e por sua educação.

As casas de acolhimento devem garantir a possibilidade de que os sujeitos tenham espaço para guardar seus objetos e assim sejam respeitadas as suas histórias de vida. Consiste em uma prática que visa o retorno ao convívio familiar da forma mais rápida possível, visando que o sujeito em situação de acolhimento volte para um espaço seguro. A família de origem é priorizada, porém, se não for possível o retorno, procura-se uma família substituta por meio da adoção, guarda ou tutela (Brasil, 2020).

Ainda podem ocorrer casos de desabrigamento por idade, situação em que o jovem completa 18 anos e precisa se retirar da casa de acolhimento (Sayão, 2017). Em algumas cidades, como é o caso de Pelotas/RS, já existem moradias, nomeadas de repúblicas, em que esses sujeitos podem morar até os seus 21 anos. Esses espaços têm o objetivo de que os jovens possam estruturar as suas vidas, fazendo cursos de formação profissional e conseguindo empregos, para que assim consigam se manter e alugar as suas próprias casas.

Não é possível pensar a constituição dessas infâncias e juventudes em situação de acolhimento sem pensar a interseccionalidade entre classe, gênero e especificidades étnico-raciais. Segundo o Sistema Nacional de Adoção (SNA, 2020), a maior parte dos acolhidos no Brasil tem mais de 15 anos de idade. O Instituto de

Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2021, p. 82), a partir da observação do perfil dos acolhidos, entende que as instituições de acolhimento geralmente são “espaços para crianças e adolescentes negros, pobres e vítimas da violência estrutural que atinge, sobretudo, as famílias de baixa renda”.

Os espaços voltados às crianças nomeadas como desvalidas, abandonadas ou órfãs foram sendo criados nos períodos de guerras e grandes epidemias, eventos em que houve aumento no número de crianças que perderam suas famílias. Esses espaços foram alvo de “interesses dos diferentes grupos sociais [representantes dos poderes públicos, religiosos e das classes sociais altas], que tinham como principal propósito o de controlar e normatizar a infância desvalida”, ou seja, esses grupos eram os responsáveis por supervisionar e disciplinar os desvalidos para que se moldassem a regras e leis (Caldeira, 2020, p. 51).

Até a atualidade, ainda se constitui socialmente a noção de que essas instituições são espaços para crianças sem família, órfãs, o que se constitui como a minoria dos acolhidos. Crianças e jovens são retirados das famílias somente em situações em que se considera importante o seu acolhimento, levando em consideração o melhor interesse da criança e/ou jovem, como em casos de violência.

Em meados do século XVIII, importa-se de Portugal a ideia da roda dos expostos, um dispositivo que servia para abrigar crianças. Esse mecanismo era visto como uma “solução para os enjeitados” e dispositivos com essas características foram utilizados por mais de 200 anos no país (Porto, 2011). A roda dos expostos fazia parte das ações de acolhimento de instituições caridosas, como abadias, mosteiros e irmandades beneficentes. Esses espaços produzidos no Brasil colonial pelo governo português foram extintos no final de 1940 pelo governo Getúlio Vargas (Porto, 2011).

Segundo Ariza (s.d.), o mecanismo da roda dos expostos era formado por uma caixa de formato cilíndrico inserida nos muros de instituições de caridade, sendo os hospitais um desses espaços. A roda ficava aberta para o exterior com o espaço para receber a criança, garantindo anonimato para quem a deixava. Ao rodar o cilindro, a criança era encontrada no interior da instituição e então recolhida.

Figura 1 - Roda dos expostos



Fonte: Ariza (s.d.).

A roda dos expostos foi entendida como um dispositivo que solucionava o abandono dos “enjeitados”. Mecanismos com essas características foram usados por cerca de 200 anos no Brasil (Porto, 2011). Segundo Vanti (2002), a responsabilidade sobre o gerenciamento das crianças pequenas era socialmente tido como exclusivamente da família até o fim do século XIX. Em Pelotas, os atendimentos institucionais voltados para as crianças só aconteciam para aqueles que eram abandonados a partir da roda dos expostos da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas e do Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição. A autora destaca que, na Europa e em alguns lugares do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro, esse período passa a ser demarcado pelo surgimento de jardins da infância e creches assistenciais.

Antes da criação dessas instituições de recolhimento e cuidado das crianças que eram abandonadas, a responsabilidade de assistir esses sujeitos era municipalizada; porém, não existia nenhum espaço específico para acolher os desamparados. Com isso, a única ação existente na época era um pagamento irrisório para amas de leite, que deviam ficar incumbidas da amamentação e do cuidado dessas crianças (Vanti, 2002).

O dispositivo nomeado como roda dos expostos foi legalizado no Rio Grande do Sul através da Lei Provincial nº 09, de 1837. A partir dessa regulamentação, as Santas Casas de Misericórdia gaúchas entram em conformidade com as diretrizes das tradicionais Santas Casas de Misericórdia portuguesas, passando a ter responsabilidade pelas crianças abandonadas. Com isso, as Câmaras Municipais

transferem oficialmente essas incumbências para as Casas de Misericórdia, que assumem a guarda e os cuidados dos “enjeitados” (Vanti, 2002).

A Santa Casa de Pelotas, orientada pelas diretrizes das casas de caridade portuguesas, cria, em 1849, a “Caza para os Expostos”, com o objetivo de acolhimento e cuidado dos “enjeitados”, a fim de que fosse diminuído o número de infanticídios. Recebe, então, três crianças abandonas que anteriormente estavam sob responsabilidade da Câmara Municipal. Depois que a Santa Casa passa a se encarregar dos expostos, o número de crianças aumenta, o que Vanti (2002) entende como resultado da não identificação daqueles que deixam as crianças.

Um dos sujeitos encarregados por inspecionar os serviços relacionados às crianças deixadas na roda dos expostos, era o “mordomo dos expostos”. Era ele quem registrava as características físicas, a idade e a data do abandono das crianças, além de nomeá-las, registrá-las e providenciar padrinhos de batismo. Esses padrinhos eram elegidos a partir das suas condições sociais e financeiras, com a finalidade de futuramente assistir a criança.

Tal prática evoca os moldes do Programa de Apadrinhamento Afetivo, que se constitui na contemporaneidade. Essa ação oportuniza que crianças e jovens em situação de acolhimento tenham uma família que lhes acompanhe e ajude, alguém para se tornar referência, para que, mesmo quando não são adotados, sintam-se parte de uma família (Oliveira, 1999).

Alguns procedimentos para o recolhimento e cuidado dos “enjeitados” da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas são demarcados em seu regimento interno de 1890. Assim, quando as crianças eram acolhidas pela religiosa franciscana encarregada pela guarda da roda, as outras irmãs da caridade faziam a higiene e a troca de roupas dos bebês. Posteriormente, a criança era examinada por um médico para depois ser entregue ao “mordomo dos expostos” e assim ser realizado o seu registro.

Em seguida, a criança era entregue a uma ama de leite, que ficava encarregada de amamentar e cuidar. Depois do desmame, era encaminhada para as chamadas amas criadeiras ou mães criadeiras, que costumava ser a ama de leite que havia feito o aleitamento anteriormente (Vanti, 2002).

Quando as crianças completavam 3, 5 ou 7 anos, deveriam retornar para a Santa Casa com o intuito de ser adotadas por seus padrinhos ou pela mãe criadeira. Além desses destinos, as meninas com 3 ou 5 anos podiam ser encaminhadas para

o Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição e os meninos com 7 anos eram direcionados ao Arsenal de Guerra, em Porto Alegre (Vanti, 2002).

Figura 2 - Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Olhares sobre Pelotas (2013).

Figura 3 - Instituto Nossa Senhora da Conceição, anteriormente nomeado de Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Instituto Nossa Senhora da Conceição (2022).

Em 1837, no Rio Grande do Sul, na época nomeado como Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a partir da instauração da Lei nº 12, cria-se o Colégio de Artes Mecânicas, voltado para a educação das infâncias desvalidas:

Art. 1.º Haverá na Capital da província um Collegio de Artes Mecanicas para o ensino de Orfãos pobres expostos, e filhos de pais indigentes que tiverem chegado á idade de dez annos, sem seguirem alguma occupação útil. Aos Juizes de Orfãos incumbe fazer remetter para o Collegio os primeiros, e aos Juizes de Paz os outros. O numero total dos alumnos não excederá de cem.
Art. 2.º Serão igualmente admittidos nas officinas do Collegio quaesquer moços, exceptuados os escravos, que pretenderem aprender os officios que n'ellas se ensinarem, obrigando-se seus pais, ou bem feitores a pagar as despesas que fiserem com a sua subsistência, e ensino (Arraiada; Tambara, 2004, p. 11).

O enfoque dessa lei era capturar os órfãos ou vadios por meio de medidas voltadas à preparação para o trabalho, a fim de produzir mão de obra barata e evitar que esses sujeitos passassem a realizar atos criminosos (Caldeira, 2020). Posteriormente, cria-se a Reforma Coutto Ferraz, em 1854, visando regulamentar o ensino primário e secundário, sendo inicialmente implementada no município da Corte, passando, depois, a ser regulamentada em todas as províncias. O decreto em questão, ao se referir aos desvalidos, enfatiza que:

Art. 62. Se em qualquer dos districtos vagarem menores de 12 annos em tal estado de pobreza que, além da falta de roupa decente para frequentarem as escolas, vivão em mendicidade, o Governo os fará recolher a huma das casas de asylo que devem ser creadas para este fim com hum Regulamento especial. Em quanto não forem estabelecidas estas casas, os meninos poderão ser entregues aos parochos ou coadjutores, ou mesmo aos professores dos districtos, com os quaes o Inspector Geral contractará, precedendo approvação do Governo, o pagamento mensal da somma precisa para o supprimento dos mesmos meninos (Brasil, 1854).

Constata-se uma preocupação com aqueles que eram considerados desvalidos, visando um controle dessa população. Assim, esses sujeitos eram enviados para companhias de aprendizes dos arsenais de guerra imperiais da Marinha ou ainda para oficinas públicas ou particulares (Caldeira, 2020). Na República, visa-se a imagem de uma sociedade da ordem e do progresso; por isso, é necessário disciplinar e docilizar os corpos dos “enjeitados”, que eram vistos como sujeitos que sujavam as cidades e não perfaziam as figuras do progresso.

O Código Penal de 1890 descreveu as penas que deveriam ser aplicadas para os menores infratores: “Os maiores de 9 annos e menores de 14, que tiverem obrado

com discernimento, serão recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriaes, pelo tempo que ao juiz parecer, comtanto que o recolhimento não exceda á idade de 17 annos” (Brasil, 1890). Não eram considerados criminosos os menores de 9 anos.

O Código Civil de 1916 (Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916) volta o olhar sobre a perda do pátrio poder e a tutela dos menores. O pátrio poder era extinto em casos de emancipação, quando a mãe se casava novamente (recuperando o pátrio poder caso enviuvasse), em caso de abuso de poderes maternos ou paternos (castigando imoderadamente, em casos de abandono e ao praticar atos contrários à moral e aos bons costumes), ao perder os bens materiais e caso os pais fossem condenados por sentença que ultrapassasse dois anos de prisão.

Ainda conforme o Código Civil de 1916, a tutela do menor deveria ser nomeada pelos pais, avós paternos e maternos, seguindo essa ordem. Os pais que não tivessem o pátrio poder não poderiam nomear os tutores. A lei ainda previa a tutela dos irmãos órfãos por um tutor. Os menores que fossem herdeiros tinham nomeado um curador para os seus bens. Já aqueles que eram abandonados tinham tutores nomeados por juízes ou eram recolhidos em estabelecimentos públicos; não existindo esses espaços, ficavam sob a tutela de pessoas voluntárias que se encarregavam de sua criação gratuitamente (Brasil, 1916).

Tal lei não visava um olhar regulador somente sobre os menores, mas também a suas famílias, sobretudo mães empobrecidas. Caldeira (2020) enfatiza que, para os órfãos mais abastados, era indicado pelo juiz, para além de seu mentor, um tutor para ser guardião dos seus bens; já para as crianças desvalidas que não iam para os asilos, o interesse girava em torno da utilização de mão de obra infantil e barata.

Segundo Nazario (2014), algumas transformações nos asilos começam a acontecer a partir do Código de Menores (Decreto nº 17.943-A, de 12 de outubro de 1927), também conhecido como Código Mello Mattos, destinado especificamente para pessoas pobres menores de 18 anos. O Código menciona, em seu primeiro artigo, a submissão de menores de idade à tutela do Estado em casos de abandono ou delinquência: “O menor, de um ou outro sexo, abandonado ou delinquente, que tiver menos de 18 annos de idade, será submettido pela autoridade competente ás medidas de assistencia e protecção contidas neste Codigo” (Brasil, 1927).

O Código de Menores, ou Código Mello Mattos, proibiu o sistema das rodas dos expostos e tornou obrigatória a apresentação dos registros dos menores no ato de sua entrega aos asilos.

Embora o Código reconheça as crianças pobres, este passou a caracterizá-las como “menorizadas”. Para Caldeira (2020, p. 40), “‘menor’ até meados do século XX, era um termo utilizado de forma pejorativa, principalmente para se referir às crianças consideradas ‘vadias’ e delinquentes”. Ou seja, o código reconheceu as especificidades da infância como uma condição distinta da vida adulta; contudo, estabeleceu estratégias de governo das condutas e identificou essas crianças como marginais, perigosas e delinquentes (Nazario, 2014).

Caldeira (2020) ressalta que, no final do século XIX e começo do XX, “menor” era um termo recorrente entre pareceres de juristas, relatórios policiais e manchetes de jornais. Tais sujeitos eram descritos como menores de 21 anos (idade em que era considerada a maioridade na época) e pobres que não estavam sob os cuidados de adultos, que por vezes cometiam delitos e eram enviados para as cadeias. Portanto, eram considerados abandonados pelo Estado e pela sociedade.

É importante atentarmos para o fato de que, a partir do momento em que crianças e jovens passam a ser descritos e identificados como pobres, marginalizados e/ou menores, uma série de práticas poderá passar a regular suas vidas, justificando-se, por exemplo, o sequestro de seus corpos por instituições como as casas de acolhimento e as prisões.

Os “asilos de órfãos”, segundo Nazario (2014, p. 37-38), eram “lugares predestinados a ensinar aos menores uma educação moral que [lhes permitisse] ‘aprender a dirigir o espírito e o coração; a viver em sociedade; a amar o próximo; e a obedecer’”. Ainda segundo a autora, constata-se que essas instituições passaram a operar como dispositivos de controle sobre as famílias, descritas como “a entidade que não teve competência para cuidar nem de si própria, nem da sua prole, abrindo assim espaço para intervenção externa (da caridade, da filantropia, do Estado)”.

As famílias identificadas como empobrecidas eram marcadas por uma representação específica. Rizzini e Pilotti (2009, p. 325) destacam que eram classificadas como desvalidas por meio de uma “pauta de carências” que servia para justificar sua suposta incapacidade enquanto núcleo de criação e formação das crianças e dos jovens:

Não são brancos; não gozam de uma situação familiar clara e estável; não têm paradeiro certo e sabido; não contam com o patrimônio mínimo necessário à sobrevivência digna; não possuem educação formal, nem qualificação profissional adequada; não apresentam moralidade ou gosto inequívoco, bons antecedentes, reputação ilibada, e assim por diante.

Essas representações associam as crianças, os jovens e suas famílias a um imaginário de perigo e fazem com que sejam produzidas e legitimadas estratégias de disciplinamento em que especialistas higienistas possam intervir para “regenerar” esses corpos considerados infames.

3.1.1 O governar da vida dos menores

O acolhimento institucional apresenta-se como parte de políticas públicas que pretendem gerir a vida de famílias, crianças e jovens que são percebidos e descritos como infames e que não se “encaixam” no projeto de civilidade da sociedade moderna.

Os intensos processos de urbanização no final do século XIX e início do XX concebiam um projeto de sociedade pautada nos ideais de ordem, progresso e civilidade, promovidos pelo irrefreável ímpeto de modernização. Em tal conjuntura, algumas das preocupações giravam em torno dos sujeitos mais jovens, já que esses representavam a esperança e o futuro das nações. Diferentes discursos, então, passam a ser instaurados a partir de especialistas, como médicos, psicólogos, juízes, assistentes sociais, entre outros, que passaram a definir as maneiras mais adequadas de viver, forjando estratégias para regular os modos de vida.

Esses discursos inventaram infâncias e juventudes a partir de uma lógica desenvolvimentista baseada em pressupostos evolucionistas. Cria-se, assim, a ideia de menoridade, em que a criança e o jovem passam a ser concebidos como vir a ser, como futuro, como promessa daquilo que está por vir. Nessa direção, justifica-se que os mais jovens devem ser disciplinados para um projeto futuro de cidadão. Esses sujeitos, então, passam a ser descritos como dependentes, heterônomos, como seres que necessitam de cuidados e de educação para tornarem-se adultos civilizados (Monteiro; Castro, 2008).

Ainda seguindo o rastro dos eventos históricos que possibilitam pensar a invenção das instituições de acolhimento, na Era Vargas identifica-se a criação de

políticas sociais, como o Conselho Nacional de Serviço Social, o Departamento Nacional da Criança (DNCR) e a Legião Brasileira de Assistência (LBA), e de controle e repressão, como o Serviço de Assistência ao Menor (SAM), de 1942. Essa ação política passou a relacionar o abandono de crianças aos grupos mais pobres da sociedade brasileira e essa condição era percebida como algo a ser controlado, uma vez que crianças e jovens pobres eram considerados uma ameaça à ordem social. O SAM era um órgão semelhante às prisões, porém se destinava, especificamente, à população com menos de 18 anos de idade (Nazario, 2014).

Posteriormente, já no período da Ditadura Militar, por meio da Lei nº 4.513/64, foi instituída a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), substituindo o SAM. Segundo Nazario (2014, p. 42), essas instituições “tiveram diferentes evoluções, porém, em larga escala, a maioria delas manteve a linha autoritária e repressiva, configurando-se como um espaço de tortura e de desumanização autorizado pelo Estado”.

Apesar da criação dessas políticas, nomeadas como Políticas de Bem-Estar do Menor, o espaço na legislação brasileira destinado a crianças e jovens ainda os posicionava sob a condição de “menores”. A partir da tentativa de corrigir os sujeitos pertencentes às políticas da Funabem, foi criado outro código do menor, sob a Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979. Assim, passou-se da designação de “menores delinquentes”, “menores carentes” e “marginalizados” à identificação do “menor em situação irregular”. Conforme destaca Nazario (2014), esse código tem o mesmo segmento do anterior, pautando-se numa perspectiva arbitrária, assistencialista e repressiva.

Nazario (2014) esclarece que o processo de redemocratização da sociedade brasileira e as pautas dos movimentos sociais criaram algumas das condições para a promulgação da Constituição Federal de 1988, também conhecida como a “Constituição Cidadã”, a qual demarcou importantes avanços sociais. O Art. 227 da Constituição incorpora a responsabilidade pelas crianças e pelos adolescentes como dever da família, da sociedade e do Estado, colocando-se como prioridade a garantia de seus direitos.

Apoiado nisso, o governo das condutas infantis foi se deslocando de uma ideia assistencialista e higienista para outra, voltada à proteção integral da criança e do adolescente (Nazario, 2014). Nesse contexto, é criado o Estatuto da Criança e do

Adolescente (ECA) em substituição ao antigo Código do Menor, de 1979. O ECA, instituído a partir da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, diferentemente dos dois códigos anteriores, caracteriza as crianças e adolescentes como “sujeitos de direitos”.

Desde o processo de redemocratização do Brasil, identificam-se mudanças nos discursos sobre crianças e jovens em situação de acolhimento: a ideia de criança como “menor” desloca-se para a noção de “criança cidadã”.

É possível problematizar as noções de infância, de juventude e de instituições de acolhimento em diferentes períodos históricos, bem como as estratégias e práticas desenvolvidas para conduzir, controlar e regular os modos de vida dos sujeitos. A partir da invenção das instituições disciplinares, dos saberes e das práticas a elas articulados, foram sendo construídos investimentos e estratégias para gerir a vida de crianças e jovens.

As subjetividades das infâncias e juventudes são construções culturais, sociais e históricas. É na cultura que são definidos os modos de ser. Assim, por mais que tenhamos pesquisado um determinado grupo de crianças e jovens, reconhecemos que as infâncias e juventudes são construções plurais que foram tendo os seus significados modificados social e historicamente.

3.2 Subjetividade

Nesta tese fizemos uso do conceito de subjetividade de Foucault (2003, 2006, 1998, 2016), compreendendo-o como o modo que as práticas discursivas e não discursivas constituem as crianças e os jovens acolhidos.

O conceito de subjetividade é um elemento utilizado nas pesquisas de Foucault voltadas à forma como as técnicas de si são produzidas, explicitando como a loucura e a doença moldam a constituição do sujeito tido como normal, fabricando as condições de possibilidade que produzem o que é concebido como normal e verdadeiro na nossa sociedade.

Com isso, a construção de si constitui-se a partir de uma história da subjetividade e de uma análise das formas de “governamentalidade” (Foucault, 2016, p. 268). A governamentalidade opera a partir de relações que tem como cerne as condutas entre indivíduos ou grupos; dependendo do grupo social e da época, tendem a recorrer a técnicas como o enclausuramento dos sujeitos. Ela é produzida a partir

do governo de si em relação com os outros, como nos conselhos de conduta, nas prescrições de modelos de família, etc.

A história da subjetividade foi produzida por meio de estudos voltados à separação dos sujeitos em nome da delinquência, da loucura ou da doença e seus efeitos constituintes de um sujeito normal. Também foi produzida a partir da tentativa de identificação dos modos de objetivação do sujeito sobre saberes como a linguagem, o trabalho e a vida cotidiana, sendo fabricada com base nos engendramentos da história do cuidado e das técnicas de si, operando desde as modificações culturais a partir das relações de si, com arcabouços de especialistas e seus efeitos de saber.

Segundo Foucault (2016), todas as culturas fabricam-se “discursos verdadeiros referentes ao sujeito que, independentemente de seu valor universal de verdade, funcionam, circulam, têm o peso da verdade e são aceitos como tais” (p. 12). Com isso, esses discursos são institucionalizados e reconhecidos como verdadeiros e produzem, afetam e transformam as subjetividades dos sujeitos. “A subjetividade é concebida como o que se constitui e se transforma na relação que ela tem com sua própria verdade. Não há teoria do sujeito independente da relação com a verdade” (p. 13). A verdade não é fixada por um conhecimento considerado válido universalmente. “A verdade é antes de tudo um sistema de obrigações. Por consequência, é totalmente indiferente que aquilo que em determinado momento é considerado verdadeiro não o seja mais em [outro]” (p. 13). A verdade passa a ser obrigação e, com isso, “as subjetividades como experiências de si e dos outros se constituem através das obrigações de verdade” (p. 14).

Esses discursos de verdade se apresentam como técnicas que têm como objeto a vida e técnicas para viver, determinando um agregado de ações e de modos de ação. Essas técnicas constituem maneiras de fazer e operam “certas transformações num sujeito determinado. Essas transformações estão subordinadas a determinados fins que está em causa alcançar através das referidas transformações” (Foucault, 2016, p. 225).

A subjetividade se constitui a partir de práticas e discursos construídos social e historicamente. Com isso, o sujeito é transformado em objetos de saber. Segundo Gallo (2017), Foucault apresenta três modos de objetivação dos sujeitos: o científico, sendo objeto de saber nas suas ações como vivem, trabalham, etc.; o modo das

práticas divisoras, que permite classificações desses sujeitos, como o normal e o anormal; e “a maneira pela qual um ser humano se transforma em sujeito e age sobre si mesmo [...]. O sujeito pensado e estudado por Foucault é resultante de processos de objetivação, como afirmado, mas também age sobre si mesmo, transformando-se”. (p. 79-80).

Com isso, Gallo (2017) afirma que é nesse contexto que se constitui o processo de assujeitamento, que “é a objetivação, o sujeito tomado como alvo – e efeito – das relações de poder que fazem com que ele seja constituído enquanto sujeito” (p. 82). Para o autor, o sujeito é aquele que realiza e o que sofre ações, operando como alvo das técnicas de si, que agem sobre essa “relação que o sujeito estabelece consigo mesmo enquanto vive e age” (p. 80). O processo de subjetivação é, portanto, a produção do sujeito a partir das técnicas de si no seio das relações de poder.

3.2.1 A produção de subjetividade de crianças e jovens acolhidos

As casas de acolhimento pesquisadas se caracterizam enquanto espaços constituídos por crianças e jovens, em sua maioria, negros. Eles estão fora do perfil mais adotado, estão acolhidos há mais de 2 anos e são oriundos de áreas periféricas da cidade, marcados por situações de vulnerabilidade social e racismo estrutural⁶.

Galoni *et al.* (2023) explicitam que, no Brasil, as instituições de acolhimento são marcadas por uma estrutura racista repleta de heranças escravocratas, que institucionalizam e controlam os corpos pretos. Tal característica demarca a falta de políticas públicas que realmente assistam as famílias negras, enquanto se produz uma imagem de vulnerabilidade em que as famílias são negligenciadas e depois punidas como incapazes de criar seus filhos.

O racismo constrói a imagem das pessoas negras – sobretudo do sexo masculino – como ameaças que precisam ser institucionalizadas. Com isso, as casas

⁶ Concordamos com Almeida (2019, p. 15) ao enfatizar que “o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, [...] o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais – e, portanto, incompletos – de conceber o racismo. [...] as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade”.

de acolhimento se configuram como territórios historizados, “como um espaço definido para além do espaço geográfico em si, mas ocupado pelas subjetividades que transitam nesse lugar e os significantes atribuídos a esse” (Galoni *et al.*, 2023, p. 9).

As subjetividades fabricadas nesses territórios se constroem pautadas “pela raça e a colonialidade, e, conseqüentemente, violências. [...] um território que se enquadra como negro, é também um território alvo de violências e negligências estatais” (Galoni *et al.*, 2023, p. 9). As instituições de acolhimento foram tomando diferentes formatos ao longo da história. “Sob um berço histórico de desigualdade social e racial, alguns discursos passam a, de certa forma, legitimar a prática de institucionalização da infância, principalmente a infância pobre e negra” (Galoni *et al.*, 2022, p. 59).

Desde a época da escravização, as crianças negras eram retiradas de suas famílias. Nesse período, não se tem registros de instituições voltadas a essas crianças. Com isso, os filhos das famílias escravizadas ou os “ingênuos”⁷ estavam submetidos aos proprietários, que ficavam responsáveis pela subsistência e preparo para o trabalho. A Lei do Ventre Livre (1871) possibilitava que os escravagistas mantivessem os “ingênuos” até os 21 anos, com a promessa de educá-los.

No Brasil Império, na época abolicionista, as crianças levadas para as instituições responsáveis pelo recolhimento dos “enjeitados” eram majoritariamente negras. Após a Lei do Ventre Livre, muitas mulheres escravizadas passaram a colocar seus filhos nas rodas dos expostos, já que os escravagistas não queriam sustentar seus bebês (Lino; Souza, 2022).

Para os meninos filhos de famílias escravizadas foram criadas colônias agrícolas e institutos profissionais que visavam a construção de mão de obra barata. “Tanto a Lei do Ventre Livre como a abolição da escravatura proporcionaram um aumento considerável da pobreza e da miserabilidade, bem como do abandono de crianças negras” (Lino; Souza, 2022, p. 106). Mesmo com a regulamentação da Lei do Ventre Livre, que preconizava a “proteção” das crianças negras, essas eram retiradas de suas famílias escravizadas, sendo vistas como dispêndio, não garantindo, assim, o direito de serem cuidadas e protegidas por suas famílias.

⁷ Segundo Teixeira (2010, p. 59), “foi com essa denominação que os filhos livres das [escravizadas] passaram a ser conhecidos”.

Segundo Lino e Souza (2022), a abolição da escravidão também não constituiu a proteção e assistência dessas crianças, aumentando ainda mais a situação de abandono estatal, produzindo violência com a população adulta negra e sobretudo infanto-juvenil. Com isso, segundo as autoras, crianças e jovens não eram percebidos como alvo de proteção, “mas eram observadas com medo e repulsa porque eram consideradas incivilizadas, perigosas, indesejadas e, por isso, passíveis de intervenções que visavam sua erradicação das ruas” (p. 103).

No século XX, os movimentos higienistas e eugenistas ganharam força e desqualificavam as famílias empobrecidas a partir de discursos voltados a uma ideia de genética ruim e hábitos moralmente condenáveis. “Nesta conjuntura, as transformações econômicas, sociais e políticas provocaram o aumento da pobreza e da miserabilidade, desencadeando a ampliação do número de crianças abandonadas, sobretudo, negras” (Lino; Souza, 2022, p. 103). Assim, foram sendo estabelecidas normas voltadas ao encarceramento desses sujeitos, propiciando vigilância contínua e o rompimento dos vínculos familiares.

Nesse contexto, foram construídas tecnologias de poder voltadas a disciplinar, vigiar e controlar as famílias – especialmente as negras e empobrecidas – a partir de intervenções salvacionistas e moralizantes que as colocam como incapazes de cuidar de seus filhos, sendo punidas com a retirada de suas crianças e jovens. Historicamente, no Brasil, crianças e jovens são institucionalizados. No início do século XX, o abandono das crianças passou a ser percebido como um problema que necessitava de ação estatal. Com isso foram elaboradas “práticas racistas e assistencialistas de tutela, de controle, de disciplina e de caráter higienista e eugenista no acolhimento desses sujeitos em desenvolvimento” (Lino; Souza, 2022, p. 101).

Com essa breve retomada histórica, é possível perceber o quanto existe, ainda hoje, uma lógica de retirada de crianças e jovens negros de suas famílias. Mesmo após a implementação da Constituição Cidadã de 1988 e do ECA, em 1990, o perfil encontrado na maior parte das instituições de acolhimento do Brasil são de crianças e jovens negros. Galoni *et al.* (2022) explicitam que esse perfil, ainda presente nas casas de acolhimento, reflete a reprodução do racismo vinculado a uma ordem posta socialmente, produzindo, assim, as diferentes instituições sendo elas, a família, escola, espaços de lazer ou ainda as casas de acolhimento.

Segundo Galoni *et al.* (2022), um dos principais motivos para o acolhimento de crianças e jovens no Brasil é a negligência⁸ – causa também percebida em nossa pesquisa, explicitando uma relação direta entre essa causa e famílias pobres e negras. Principalmente em casas em que a mãe é arrimo de família, produz-se uma ideia de famílias desestruturadas e incapazes de cuidar de seus filhos, constituindo como justificativa para o monitoramento, acompanhamento e intervenção de diferentes especialistas, como assistentes sociais, psicólogos, juízes, entre outros (Lino; Souza, 2022). Com isso, expõe-se um marcador de classe, raça e gênero. Galoni *et al.* (2022, p. 61) ressaltam que, “por não corresponderem ao modelo familiar branco ocidental, o ambiente doméstico da família negra e empobrecida não é entendido como um ambiente seguro para o desenvolvimento infanto-juvenil”.

Porém, as autoras argumentam que essas crenças são herdadas desde a época da escravização, as quais desumanizam e produzem a imagem de que essas famílias são inaptas. Com isso, acaba-se por desqualificar todos os arranjos familiares que divergem do “modelo familiar burguês/branco”, criminalizando as famílias pobres e negras e não desenvolvendo uma distinção entre pobreza e abandono (Galoni *et al.*, 2022). Desse modo, foram sendo produzidas, ao longo do tempo, práticas discursivas que engendram saberes com o objetivo de produzir um modelo familiar tido como correto; os dispositivos não discursivos, por sua vez, instrumentalizam esses saberes por meio da materialização de instituições que encarceram crianças e jovens cujas famílias não se encaixam nesse perfil (Lino; Souza, 2022). “Além do controle exercido por meio das normas, houve a produção do que se convencionou chamar de ‘normal’, [...] justificando as práticas de intervenção, controle e punição [de crianças, jovens e suas famílias, considerando-os anormais]” (Lino; Souza, 2022, p. 107).

Por conseguinte, de acordo com Lino e Souza (2022), práticas higienistas e eugênicas passam a tomar como objeto de interesse as pessoas negras e empobrecidas a partir do “interesse de um Estado classista, racista e excludente, que, por sua vez, propõe medidas sociais para esse público, visando principalmente seu desaparecimento e não a sua proteção” (p. 102). As autoras denunciam que as políticas públicas voltadas à proteção das infâncias e juventudes não são capazes de

⁸ “A negligência significa a omissão de cuidados básicos como a privação de medicamentos; a falta de atendimento aos cuidados necessários com a saúde; o descuido com a higiene; a ausência de proteção contra as inclemências do meio como o frio e o calor; o não provimento de estímulos e de condições para a frequência à escola” (Brasil, 2002b, p. 12).

promover efetivamente a proteção das famílias negras; na prática, o que se produz é violência de Estado.

Com isso, não se quer invalidar a importância de tais espaços para a garantia dos direitos de crianças e jovens, mas trazer questionamentos que visem a mudança dos discursos que camuflam práticas racistas, higienistas e eugenistas ainda na atualidade. “O afastamento do núcleo familiar de origem, [...] onde a pobreza se torna um atributo de incompetência da família, precisa ser problematizado e desnaturalizado, pondo em debate a omissão do Estado” (Lino; Souza, 2022, p. 113).

Ao desnaturalizar a forma de tratamento direcionada às famílias negras e seus filhos, procura-se demonstrar também a negligência estatal com esses sujeitos, em que o Estado, por meio das políticas de proteção, acaba por desenvolver práticas de disciplinamento e controle desses corpos. “Em nome da proteção, a precariedade financeira de muitas famílias de crianças e adolescentes acolhidos são transformadas em negligência e incompetência para cuidar de seus filhos” (Lino; Souza, 2022, p. 111).

Busca-se questionar para então refletirmos sobre quais violências essas famílias passaram ao longo dos séculos. Segundo Lino e Souza (2022, p. 113), “as noções pré-concebidas do acolhimento institucional como lugar natural para crianças e adolescentes pobres e negros/as, contribuem para intervenções disfarçadas de cuidado, mas que podem ser violadoras de garantias básicas”. Ao questionarmos as políticas públicas desenvolvidas, é preciso problematizar se as mesmas se preocupam com as demandas desses sujeitos, possibilitando, por exemplo, condições reais de moradia e emprego, acesso ao lazer, à saúde e à alimentação de qualidade e diminuição do empobrecimento, possibilitando, assim, que essas crianças e jovens não sejam retirados de suas famílias. “O acolhimento institucional dessas crianças revela a existência de um Estado que culpabiliza famílias pobres e negras e se exime de responsabilidade” (Lino; Souza, 2022, p. 110).

3.2.2 Subjetividades de jovens transgêneros

Um marcador singular da pesquisa foi o de que nem todos os acolhidos são cisgêneros, sendo dois deles transgêneros. As questões de gênero e sexualidade são constitutivas da subjetividade. É necessário o acolhimento das subjetividades que

fogem da heteronormatividade⁹. A presença de jovens com “sexualidade dissidente da norma hegemônica heterossexual na [casa de acolhimento] produz ressonâncias nos mecanismos de produção de subjetividades, demandando novas concepções de gestão [e] políticas públicas” (Alves; Moreira, 2015, p. 60).

Muitas vezes, as pessoas trans¹⁰ são percebidas como “seres abjetos¹¹”, sendo demarcadas como aquelas que provocam “vergonha e medo, garantindo com sua presença/ausência o incômodo e o desconforto com as normas de gênero que organizam as subjetividades a partir do discurso heteronormativo” (Alves; Moreira, 2015, p. 61).

De acordo com Alves e Moreira (2015), faz-se necessário repensar questões socialmente construídas sobre os conceitos hegemônicos de gênero. O nome social¹², enquanto um dispositivo de identificação, é um demarcador importante para “quebrar” as fronteiras que são impostas, já que produz outras formas de inteligibilidade dos gêneros. “Partindo do princípio da autodeclaração do gênero, quando um indivíduo escolhe um nome social ele está dizendo ao outro como quer ser identificado e reconhecido socialmente” (p. 61).

A autodeclaração possibilita que sujeitos trans tenham a possibilidade de se identificar conforme o seu gênero, tornando-o público e orientando quem está ao seu redor quanto à forma como deve ser tratado socialmente. O nome social, portanto, constitui-se como um dispositivo de transgressão da norma, tornando-se um mecanismo de resistência (Alves; Moreira, 2015).

Com isso, o sexo perde a importância de determinista de gênero, dando espaço para a produção da subjetividade desse sujeito a partir de quem ele é. Para Alves e Moreira (2015, p. 60):

⁹ “Tomamos como heteronormatividade um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle que indicam como objetivo a formação de indivíduos não apenas heterossexuais, mas cujas vidas são voltadas para a reprodução e a constituição de famílias ‘tradicionais’, formadas por marido, esposa e filhos” (Anjos; Goellner, 2017, p. 2).

¹⁰ Aqui utilizamos o termo “trans” como sinônimo de “transgênero”, um conceito que define um grupo de pessoas que, em diferentes graus, não se identificam com os papéis esperados do gênero determinado no seu nascimento (Anjos; Goellner, 2017).

¹¹ O conceito de “seres abjetos” é da teórica Judith Butler (2003, p. 162): “As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros [feminino e masculino] ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece”.

¹² “Nome social é uma expressão brasileira que pode ser entendida como o nome escolhido pelo próprio sujeito trans, uma vez que existe uma incongruência entre seu nome civil e sua identidade de gênero” (Alves; Moreira, 2015, p. 60).

O nome revela um papel no mundo, papel subjetivo, social, profissional, afetivo, sexual, familiar, entre muitos outros. Ele faz parte dos atos performáticos do cotidiano, reiterando narrativas e discursos do sujeito e do social sobre o sujeito. O nome antecede o corpo, o gênero e o sexo, pois anuncia os mesmos.

As pessoas trans desarmonizam a ordem binária, colocando em tensão o que é dito como normal e verdadeiro, sendo representadas como desviantes, já que desafiam as normas regulatórias e se posicionam na ambiguidade do “entre lugares” e do que é tido socialmente como o “não lugar” – como acontece seguidamente em espaços esportivos (Anjos; Goellner, 2017).

O ato do reconhecimento do nome social possibilita “práticas discursivas que tanto podem visibilizar politicamente sujeitos e seus corpos quanto silenciá-los” (Alves; Moreira, 2015, p. 60). As subjetividades das pessoas trans constituem-se como resistências, explicitando o não lugar desses sujeitos em diferentes espaços sociais, como os de lazer. Mesmo os jovens da pesquisa tendo relatado serem bem acolhidos na instituição, fora dela, ou seja, em espaços públicos, não eram tratados da mesma forma, sofrendo diferentes tipos de violência. Preciado (2022) afirma que, ao sair do regime da diferença sexual, tornou-se um ser abjeto, subordinado à violência e ao controle e, com isso, fez o que pode para continuar dentro do regime binário. Para Anjos e Goellner (2017, p. 3):

Os corpos transgridem e, portanto, deslocam aquilo que discursivamente foi eleito como sendo natural e, por consequência, normal. Com isso afirmamos que não é possível observar os corpos a partir de um olhar pautado pelo essencialismo dicotomizado que coloca em suspeição tanto a transitoriedade como a multiplicidade de corpos que escapam do esquema binário de designação dos sexos, dos gêneros e dos desejos.

Os espaços sociais são generificados e generificadores, sobretudo os de esporte e lazer, sendo geralmente demarcados por uma lógica binária que reafirma as diferenças biológicas de gênero, em que “os corpos e as subjetividades dissonantes das representações normativas de gênero e sexualidade [geralmente são] alvo de restrições e constrangimentos” (Anjos; Goellner, 2017, p. 1).

Os jovens trans não compreendem os seus gêneros a partir das suas genitálias. Com isso, as suas subjetividades são produzidas colocando em tensão as normas de gênero e através de diferentes intervenções corporais, sejam elas roupas, acessórios,

cortes de cabelo, utilização de hormônios, uso de cosméticos ou até procedimentos cirúrgicos.

Os direitos básicos se tornam reivindicações para as pessoas trans, já que elas nem sempre têm acesso a esses direitos, como a possibilidade de usar o banheiro correspondente ao gênero com que se identifica, de andar livremente na rua sem sofrer violências, de ter o seu nome respeitado, de não sofrer *bullying* em espaços escolares, de serem atendidas sem preconceitos no sistema de saúde pública e de conseguir um emprego. Por vezes, os espaços de esporte e lazer não entram nessas reivindicações por se tornarem supérfluos, uma vez que nem os direitos básicos são respeitados. No entanto, quando esses espaços são reivindicados, muitas vezes os sujeitos trans são excluídos, já que configuram corpos e performances que desestabilizam a heteronormatividade, produzindo-se enquanto sujeitos desviantes (Anjos; Goellner, 2017).

O corpo como espaço de construção biopolítica como lugar de opressão, mas também como de resistência, construindo uma “filosofia do corpo em mutação”. Os corpos que não se encaixam nos gêneros binários “ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece” (Bourcier, 2014, p. 13).

Ao não tomar como natural a produção da masculinidade e da feminilidade, Preciado (2022) questiona e extrapola as fronteiras de gênero. Explicitando possuir o corpo marcado por discursos médicos e jurídicos e classificado como doente mental, o autor argumenta ser o “monstro” que fala com os especialistas como um corpo trans, não binário – uma criatura estranha e exótica que por vezes foi silenciada e que aprendeu a linguagem do patriarcado colonial para conseguir falar.

O autor faz uma metáfora sobre sair de uma “jaula” apertada que constituía o seu gênero de nascimento e ir para outra, dessa vez por escolha própria, de homem trans e corpo não binário. Sobre essa nova jaula, afirma ser necessário que “tudo o que foi aprendido na infância deve ser desaprendido. Quando novas fronteiras administrativas e políticas, barreiras invisíveis, mas efetivas, se erguem diante de você e o dia a dia se torna uma corrida de obstáculos” (Preciado, 2022, p. 283).

Para Butler (2019, p. 22), os seguintes sentidos estão em jogo para ressignificar a materialidade dos corpos: primeiro, a reformulação dos corpos como efeito de dinâmicas de poder, “de modo que a matéria dos corpos seja indissociável das normas

regulatórias que governam sua materialização e a significação desses efeitos materiais”; segundo, a noção de performatividade como um poder que reitera o discurso “para produzir os fenômenos que regula e impõe”; terceiro, “a construção do ‘sexo’ não mais como um dado corporal sobre o qual a construção de gênero é artificialmente imposta, mas como uma norma cultural que rege a materialização dos corpos”; quarto, uma reconsideração do processo pelo qual o sujeito se apropria de uma norma corporal “não como algo a que, estritamente falando, ele se submete, mas como uma etapa pela qual o sujeito, o ‘eu’ falante, é formado em virtude de ter passado por esse processo de assumir um sexo”; e por último, uma união entre o processo de “assumir” uma identificação e os meios discursivos pelos quais são criadas as normas heteronormativas.

Ainda segundo a autora, essa matriz excludente produz simultaneamente um domínio sobre aqueles que se encontram na zona dos “não vivíveis”, ou seja, “seres abjetos”. “Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele, um exterior abjeto que é, afinal, ‘interior’ ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional” (Butler, 2019, p. 22).

Preciado (2022, p. 286) afirma que se sentia preso e sem ação, sendo “esmagado” pelas paredes da normatividade de gênero em um túnel sem saída, com seu corpo e subjetividade acorrentados. Porém, o autor conseguiu resistir e sobreviver à “domesticação” durante sua infância e juventude. Expõe, ainda, que constantemente repete gestos que “violam a norma para encontrar uma saída”.

Narra que, ao se tornar homem, desejava ultrapassar as noções da masculinidade hegemônica, tida como normal ou saudável. “Evito cuidadosamente a palavra liberdade, prefiro falar em encontrar uma saída para o regime da diferença sexual, o que não significa tornar-se livre imediatamente” (Preciado, 2022, p. 287). Ao passar pela transição e aceitar o corpo trans, teve o seu corpo considerado como patológico por especialistas.

Assim como Preciado, os jovens trans acolhidos, ao passarem pela transição de uma “jaula” para a outra, precisam reaprender a viver a partir de outro gênero, aprendendo outro nome, criando outras formas de ser, utilizando outras roupas, outros acessórios e, por vezes, sendo cerceados de estar em alguns espaços e realizar algumas práticas, como as esportivas, constituindo, assim, suas subjetividades.

3.2.3 Futebol e a produção de subjetividades de crianças e jovens

Pensar os delineamentos que o futebol produz em crianças e jovens é perceber o torcer ou o jogar futebol enquanto prática cheia de significados, que faz parte da subjetividade dos sujeitos. “Ao aprender a jogar ou torcer não se aprende apenas como executar essas práticas da melhor forma possível, mas se ingressa em uma instituição repleta de significados” (Bandeira; Seffner, 2013, p. 249). Para Damo (1998, p. 7), o futebol tem tal importância no Brasil que pode ser comparado com o vestir-se:

É tão corriqueiro entreter-se com “as coisas do futebol” que, por vezes, isto parece natural, tão natural quanto o vestir-se. Num país em que a “rua” é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das “brincadeiras” preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu. Pode parecer exagero de minha parte, mas, salvo raras exceções, o futebol está inserido na esfera das necessidades, tal qual o uso do vestuário. Embora por vezes se apresentem como natural ou necessário, ambos são imposições sociais de ordem cultural e, portanto, plenos de significado.

As crianças e jovens em situação de acolhimento produzem suas subjetividades ao longo das experiências, sendo uma delas o futebol, constituindo, assim, representações de como viver. O futebol se produz enquanto parte da cultura brasileira.

Para adentrar o universo futebolístico, é necessário ser percebido como um participante legítimo. Para Faria (2011), o requisito básico é ser do sexo masculino; porém, essa entrada em tal universo não possibilita a sua permanência cotidiana se o menino/homem não demonstrar que merece fazer parte das práticas do futebol. Trajetórias futebolísticas diferentes são produzidas, e aqueles que não são tão habilidosos só podem estar no time quando faltam jogadores.

A autora expõe um paradoxo em que os de fora precisam apresentar habilidades futebolísticas para poderem estar dentro do jogo; no entanto, essas habilidades somente são aprendidas participando. Portanto, assistir aos jogos não é um ato passivo ou neutro, mas configura prática central na aprendizagem do jogar. No contexto competitivo, mesmo o escolar, aqueles que não conseguem ter o mesmo nível de aprendizado e possuem fracassos consecutivos ficam à margem do jogo, são excluídos. Conclui-se, então, que o universo futebolístico é um espaço de aprendizagem, mas, por muitas vezes, também é lugar de exclusão (Faria, 2011).

Nos jogos observados por Faria (2011), dividiam espaço nas práticas futebolísticas os iniciantes, os iniciados e os veteranos. Tais sujeitos poderiam ser cotidianamente reposicionados de acordo com essa hierarquia, em que o de fora poderia passar a ser o de dentro do jogo e o iniciante poderia ser reavaliado pelo grupo. O valor dos iniciantes na prática aumentava conforme se mostravam aptos nas facetas do universo futebolístico, ampliando as suas formas de ação e intervenção na prática de outros iniciantes, passando a ser considerados modelos e ensinando outros a jogar. Tudo isso, porém, não acontecia de forma mecânica, com gestos motores precisos.

Saber escolher com quem se joga também possibilita espaço nesse universo, já que geralmente os times vencedores são aqueles que continuam jogando¹³. Assim, é possível ser incluído no time com base nas relações de amizade que constituem o futebol, e isso faz com que mesmo os iniciantes possam continuar no jogo caso sejam amigos daqueles que escolhem os times (Faria, 2011).

Meninas e mulheres têm menos espaço de legitimidade que os iniciantes: precisam demonstrar que possuem habilidades motoras, que não têm medo de jogar com meninos e homens e, mesmo assim, só adentram nesses espaços quando não existem outros jogadores à disposição. Porém, quando elas se destacam no jogo, o gênero então é esquecido e elas passam a ser escolhidas para participarem dos times. Para Faria (2011), o futebol é produzido também através de um jogo dentro do jogo, no qual existem hierarquias, competições e também aprendizados, configurando-se como um jogo de inclusão e exclusão. Dessa forma, alguns jogadores conseguem participar por mais tempo ou nem sair da partida, enquanto outros são reiteradamente retirados do time ou são os últimos a serem escolhidos. Para a autora:

[...] o desafio do iniciante [é] ‘suportar’ os processos de exclusão do jogo e o fato de ser reconhecido pelos pares como aquele que conhece menos o futebol. Uma condição para a permanência no futebol [é], portanto, aceitar a participação em um jogo de subjugação/hostilização: contexto em que a própria [subjetividade] estava em questão. É importante ressaltar, entretanto, que a participação como de fora se constituía como um lugar de poder. No bairro, os de fora no futebol eram os jovens do sexo masculino (participantes legítimos). As mulheres jamais ocupavam essa posição de jogo (p. 4).

¹³ A expressão “continuar jogando” aqui está relacionada às práticas futebolísticas estudadas pela autora, em que ocorriam jogos de jovens com revezamento entre as equipes. O tradicional “quem ganha, fica”. Ou seja, a equipe perdedora se retira do campo e a vencedora permanece para jogar contra o time que está de fora, aguardando.

Ao se observar a produção dos gêneros enquanto construção social, cultural e histórica que atravessa as diferentes instituições sociais, com tensões e sentidos sobre os conceitos de masculinidade e feminilidade, percebe-se que o esporte é uma das instituições em que esses significados são disputados e se engendram, sendo produzido e produzindo diferentes modos de ser e ter um corpo (Bandeira; Seffner, 2013).

O futebol, como prática cultural cheia de significados, constitui e é constituído pelos sujeitos, uma vez que “nas práticas futebolísticas cotidianas [as crianças e] os jovens aprendem o futebol e nele constituem [subjetividades], significados, disposições corporais, tipos de atenção, emoções e conhecimentos que envolvem a prática” (Faria, 2011, p. 1). A relevância do futebol na construção das subjetividades dos sujeitos extrapola a noção de apenas adquirir habilidades específicas de forma fragmentada, já que se constitui em meio a uma rede de sociabilidades.

As crianças, que antes eram representadas como miniadultos, na contemporaneidade passam a ter outros modos de conduta. Tanto as crianças quanto os jovens buscam adentrar no universo cultural globalmente reconhecido, procurando fazer parte de uma comunidade de consumidores de artefatos culturais que estão na moda. Destaca-se, então, o papel dos esportes e de seus protagonistas, de forma a produzir diferentes modos de ser no âmbito global. Com isso, crianças e jovens de todas as classes e gêneros fabricam em seus corpos marcas de espetacularização, performando a imagem, por exemplo, de ídolos do futebol europeu, a partir de diferentes mutações.

O futebol, como um saber que é inscrito nos corpos, não pode ser percebido como prática neutra ou abstrata, pois se trata de algo que não se separa dos modos de viver. Para Faria (2007), os modos de aprender o futebol acontecem também a partir de uma cultura que é transmitida, não necessariamente ensinada de forma deliberada, mas sim a partir de um jogo social. Para além do aprendizado das regras e das habilidades motoras com a bola nos pés, a prática futebolística é atravessada por diferentes significações, tensões e relações de gênero.

O futebol é uma prática cultural diversa, que é produzida em múltiplas versões e modos de jogar repletos de singularidades – “a diversidade de formas de jogar futebol ultrapassa qualquer definição pautada em jogos e regras oficiais, ou seja, o futebol é produzido de muitas maneiras em diferentes contextos” (Faria, 2007, p.8).

Na prática do futebol, acontece um engendramento em que os sujeitos produzem o jogo e o jogo produz os sujeitos. As singularidades da prática futebolística não se esgotam nos gestos motores e mesmo esses gestos podem ser significados de maneiras diferentes, conforme os jogadores e jogadoras que estão em campo. Os sujeitos realizam pactos verbais ou silenciosos e desenvolvem modos de interpretar as ânsias, os desejos e as demais emoções daqueles com que jogam junto, produzindo uma aprendizagem e incorporação da prática social e significando o que está em jogo. Desse modo, o futebol fabrica um campo de relações que abrangem o tipo de espaço físico, os jogadores e jogadoras, a bola, a torcida, a iluminação, os sons, etc.

O futebol constitui-se como uma das práticas preferidas dos brasileiros. Figueiredo *et al.* (2006), ao tratarem sobre um projeto de extensão voltado ao futebol para crianças e jovens de classes populares, avaliam que:

O prazer em jogar futebol se faz notar também na disposição que eles demonstram dentro de campo: muitos fazem questão de participar mesmo quando estão com roupas não apropriadas para a prática ou de pés descalços. A rapidez com que entram em quadra, a seriedade que disputam cada jogada, bem como as artimanhas que tentam usar para ludibriar a organização estabelecida e tentar jogar em mais de um time, são alguns dos pontos que ilustram o valor e a intensidade que o futebol tem para eles (p. 54).

Os autores demonstram, assim, a produtividade do futebol, em que os sujeitos fazem tudo o que podem para participar, ficando evidente o quanto é importante estar em espaços voltados a esse esporte. Para Rigo e Torrano (2013), o futebol, entre os esportes, é um dos que mais tem praticantes e torcedores, constituindo-se, assim, como importante expressão cultural, sendo retratado por autores como Giulianotti (2022) como o “esporte das multidões”. Por se constituir enquanto prática cultural que está cada vez mais em ascensão, por vezes o futebol é visto por crianças e jovens, sobretudo meninos, como uma possibilidade não só de lazer, mas também de ascensão social, de carreira esportiva, criando-se o sonho de ser jogador de futebol (Figueiredo *et al.*, 2006).

Socialmente, o futebol frequentemente referido é o profissional, promovido pela *Fédération Internationale de Football Association*¹⁴ (FIFA), alicerçado em uma noção

¹⁴ Federação Internacional de Associação de Futebol.

de espetacularização. Essa forma de futebol é enquadrada em uma determinada organização de tempo e espaço (Pisani; Kessler, 2022). Porém, ressaltamos, como já foi dito anteriormente, a existência de uma multiplicidade de futebóis, que pode variar de uma localidade para outra ou conforme o contexto histórico em que se produz.

Os saberes do futebol podem ser produzidos em diferentes espaços, em campos improvisados na várzea, na rua, constituindo uma pedagogia de rua. Esses territórios do futebol propiciam relações sociais, intensificando laços de amizade e construindo, assim, novas formas de sociabilidade (Figueiredo *et al.*, 2006).

Como prática cultural, o futebol produz pedagogias que instruem sobre comportamentos adequados e inadequados e sobre valores e maneiras de ser e estar no mundo que ultrapassam o tempo das partidas. Essas condutas são experimentadas de diferentes modos conforme o contexto em que os sujeitos estão inseridos, seja em um estádio, no meio de uma torcida, sozinhos em suas casas, em uma instituição de acolhimento ou, ainda, em uma partida de futebol de rua em um bairro periférico (Bandeira; Seffner, 2022). A prática do futebol não se pauta na prática do indivíduo, mas sim na inter-relação social por ele proporcionada.

4 METODOLOGIA

Este projeto desenvolveu uma análise das narrativas de crianças e jovens moradores de instituições de acolhimento da cidade de Pelotas/RS sobre a produção das suas subjetividades a partir dos significados representados pelo futebol. Para isso, foi utilizado, como embasamento, um aporte teórico dos EC na sua vertente pós-estruturalista, mais especificamente na perspectiva foucaultiana.

Este estudo se constituiu com base na crítica à ideia hegemônica de cultura, entendida como única e o que de mais elevado foi produzido pela humanidade (Veiga-Neto, 2003). Os EC questionam a hierarquização e a diferenciação dos modos de vida, problematizando a ideia de que as expressões consideradas como alta cultura devam ser as únicas levadas em consideração como objeto de análise da pesquisa acadêmica.

É na contemporaneidade que identificamos fissuras na ideia de que as expressões da alta cultura se referem a significados e modos de vida verdadeiros e universais. Esse entendimento passa a ser problematizado e o cultural passa, então, a ser percebido não enquanto esfera superior, mas como um atravessamento que perpassa todas as instâncias de socialização; assim, não há o que seja econômico, político e educacional que não seja atravessado pelo cultural, tamanha a produção de significados que se opera na contemporaneidade. Esse deslocamento é indissociável de uma questão epistemológica e de poder. O poder está sempre implicado na disputa de significados (Silva, 2007). Os significados, por mais que sejam fluidos, estão sempre marcados por disputas a partir das quais atribui-se um estatuto de cientificidade que passa a qualificar e definir algo como verdadeiro (Veiga-Neto, 2003).

Esta investigação foi proposta com a intenção de realizar um estudo que busca superar a perspectiva adultocêntrica vigente nas pesquisas acerca das infâncias e juventudes ao longo do tempo. Desse modo, a pesquisa forjou-se por meio da produção de narrativas dos participantes, já que eles são sujeitos da sua própria história, além de serem produzidos e produtores de culturas.

Ademais, entre os aspectos que assumem centralidade nos EC em seu viés pós-estruturalista estão a linguagem, as racionalidades e as regras históricas de enunciação, que criam condições de possibilidade para que alguns discursos passem a ser considerados e a operar como verdades (Foucault, 1996). Por meio das

injunções entre saber e poder, a ciência passa a ser a episteme do nosso tempo – é ela que vai pautar o que é considerado ou não verdadeiro e o que produz efeitos para a condução e regulação das condutas e subjetividades. Segundo Veiga-Neto (2003, p. 14), “estamos sempre e irremediavelmente mergulhados na linguagem e numa cultura, de modo que aquilo que dizemos sobre elas não está jamais isento delas mesmas”. Desse modo, somos constituídos na e pela linguagem. De acordo com Silva (2007), a linguagem nos antecede e, portanto, nos institui, o que não significa que as subjetividades e as relações na vida social sejam forjadas exclusivamente com base em relações de conformidade e assujeitamento, sendo também constituídas por tensões, disputas e dissensões em torno dos significados.

As análises empreendidas a partir dos EC em educação têm colocado em destaque o exercício de uma pluralidade de pedagogias. Para Silva (2010, p. 139), “tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa”. Assim, as instâncias culturais são pedagógicas não apenas porque ensinam, mas porque processos culturais e pedagógicos estão envolvidos na transformação das subjetividades.

A pesquisa buscou compreender o que estava sendo relatado. Não cabe dizer o que houve, mas sim trazer para discussão os elementos narrados que tenham relação com a vida dessas crianças e jovens, fazendo com que esses sujeitos e suas narrativas ganhem lugar de destaque no desenrolar do estudo.

Esta investigação se deu a partir de uma inspiração etnográfica, mais especificamente o princípio da participação observante de Wacquant (2001). Assim, nos inserimos no dia a dia das casas, visando fazer parte desses espaços e, com isso, observar e intervir no cotidiano de crianças e jovens em seus espaços de moradia, as instituições de acolhimento. Para isso, procuramos:

[...] capturar e restituir essa dimensão carnal da existência, [...] partilhada, em graus diversos de visibilidade, por todos e por todas, através de um trabalho metódico e minucioso de detecção e de registro, de decodificação e de escritura capaz de capturar e transmitir o sabor e a dor da ação, o som e a fúria do mundo social que as abordagens estabelecidas das ciências do homem colocam tipicamente em surdina, quando não os suprimem completamente (Wacquant, 2001, p. 11).

Para desenvolver esse movimento de inspiração etnográfica, utilizamos como instrumentos de pesquisa um gravador (a partir de um aplicativo de celular) e diário de campo.

As entrevistas seguiram alguns princípios da entrevista compreensiva, que visa uma composição social e discursiva produzida por várias vozes (Ferreira, 2014). Com isso, as perguntas significativas são feitas no decorrer da conversa etnográfica, produzindo sentido para todos os sujeitos envolvidos, possibilitando uma narrativa densa a partir do exercício criativo da entrevista. Para Ferreira (2014, p. 984), essa narração “é uma rememoração reflexiva que implica a interpretação subjetiva sobre os episódios narrados”. Essa narrativa não é fabricada de forma isolada:

O entrevistador não se limita a recolher informações e/ou discursos sobre experiências, vivências e opiniões do entrevistado, e as respostas deste não representam meras descrições dessas vivências, experiências ou opiniões [...]. Correspondem a construções intersubjetivas, ou seja, descrições e posições discursivas que são construídas a partir de uma situação de interação (Ferreira, 2014, p. 984).

A produção dessas entrevistas compreensivas viabiliza a construção de uma composição discursiva e intersubjetiva, possibilitando a escuta do cotidiano que não seria contado, que deve ser escutado com cuidado ético e responsável (Ferreira, 2014). Inúmeras pequenas entrevistas compreensivas foram sendo realizadas pelos corredores das casas enquanto as crianças e jovens interagem com a pesquisadora.

Analisar as narrativas dessas crianças e jovens de modo algum foi simples, pois é um olhar de um determinado lugar sobre aquilo que elas narram, tentando escutar aquilo que elas manifestam. Uma vez que suas narrativas são extremamente importantes, as crianças e jovens acolhidos são os sujeitos, o *corpus* desta pesquisa, e são as conhecedoras legítimas das experiências que buscamos problematizar. Assim, este projeto desenvolveu uma pesquisa em torno da análise e discussão da produção de subjetividades a partir dos sentidos e significados constituídos pela adoção tardia, pelo futebol e por outros acontecimentos do cotidiano de crianças e jovens institucionalizados.

Somada aos princípios teóricos e metodológicos acima apontados está a análise documental, utilizada nesta pesquisa como uma estratégia para nos apropriarmos das diferentes configurações e reconfigurações históricas que

atravessaram as casas de acolhimento e as práticas de adoção na sociedade brasileira (May, 2004).

5 NOTAS DA EXPERIÊNCIA DE CAMPO

Neste capítulo, apresentaremos pequenas notas da experiência de campo, visando explicitar a trajetória da pesquisa. Traçamos alguns passos realizados, as negociações de entrada em campo, e as sistematizações e formas como a pesquisa foi produzida.

5.1 Descrições

No dia 15 de fevereiro de 2022, visitamos a Secretaria de Assistência Social da cidade de Pelotas/RS procurando informações de mapeamento das instituições existentes voltadas a crianças e jovens acolhidos. Além disso, solicitamos a permissão de iniciar a pesquisa junto às casas de acolhimento do município. Conversamos com o secretário da assistência social e com o coordenador geral das instituições de acolhimento da cidade, mapeamos três casas e nos foi dada a permissão para prosseguir com a pesquisa.

No dia 30 de março de 2022, começamos a nos aproximar das instituições. Em uma delas encontramos mais resistência para adentrar o espaço: todas as vezes que a pesquisadora ia à casa, reuniões eram desmarcadas e não era possível falar com o coordenador. Depois de mais de um mês de espera, a pesquisadora teve a ideia de aguardar o dia inteiro na casa, o que fez com que o coordenador aceitasse recebê-la e por fim autorizasse sua entrada na instituição. Após um tempo de inserção na casa e a construção de confiança junto à coordenação, foi relatado que o motivo da resistência era uma forma de proteger os acolhidos. Anteriormente, foram à casa pessoas que não tiveram compromisso e ética com seus moradores. Eles já haviam tido insucesso com muitos projetos transitórios, em que as pessoas se comprometiam, os acolhidos esperavam e os proponentes não compareciam.

Todas as casas de acolhimento de Pelotas seguem as Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (Brasil, 2009a), configurando casas grandes em áreas residenciais que seguem o mesmo padrão arquitetônico das outras casas da rua, sem nenhum tipo de placa que indique que aquele é um espaço de acolhimento institucional. As instituições contam com equipes de multiprofissionais, sendo eles: coordenador/coordenadora, psicólogo/psicóloga, assistentes sociais,

pedagogos/pedagogas, técnicos/técnicas de enfermagem, educadores/educadoras sociais, cozinheiros/cozinheiras e trabalhadores/trabalhadoras de serviços gerais. Em uma das casas, a equipe conta ainda com uma professora de Educação Física. Os espaços propiciam um ambiente acolhedor, favorecendo o convívio familiar e comunitário, com a possibilidade de visitas das famílias; em algumas datas, os acolhidos também podem se dirigir até as casas dos seus familiares (Brasil, 2009a). É oportunizada a realização de práticas de lazer, ofertadas na comunidade local e em projetos sociais. Neste estudo, decidimos nomear as casas com o nome dos estádios da cidade de Pelotas, sendo elas: Casa Boca do Lobo, Casa Bento Freitas e Casa Nicolau Fico¹⁵.

A pesquisa de campo dentro das casas de acolhimento aconteceu de março de 2022 a outubro de 2023. Durante esse período, foram combinados encontros junto aos acolhidos de cada casa uma vez por semana por uma hora. Tais encontros eram esperados ansiosamente pelos acolhidos e pela pesquisadora. Em todas as casas, a pesquisadora foi apresentada para as crianças e para os jovens, sendo explicado o motivo de ela estar ali, realizado o convite para participarem da pesquisa e informado que todos os encontros eram gravados. Toda vez que chegavam novos moradores, repetia-se esse processo. Além disso, os sujeitos eram comunicados que suas participações seriam voluntárias, ou seja, aqueles que não se sentissem à vontade não precisavam participar de forma ativa. Porém, ressaltávamos que nunca houve resistência de nenhum acolhido quanto à participação ou gravação dos encontros.

A Casa Nicolau Fico está situada em uma avenida movimentada da cidade. É uma casa grande, com muros gradeados e duas extensões de arame na parte de cima, um deles do tipo farpado. A casa tem um pátio de grande porte; uma sala com dois sofás, duas poltronas, uma televisão e um armário; dois banheiros (um para os acolhidos e outro para os servidores); três quartos (um deles no segundo andar), com duas beliches em cada quarto; um refeitório; cozinha; sala da professora de Educação Física; lavanderia; e sala de coordenação. O perfil de acolhidos da casa varia muito: costumam ser pessoas que retornam rapidamente para as suas famílias de origem, sendo pré-adolescentes e adolescentes em sua maioria. O número médio de

¹⁵ Boca do Lobo é o estádio do Esporte Club Pelotas; Bento Freitas, do Grêmio Esportivo Brasil; e Nicolau Fico, do Grêmio Atlético Farroupilha.

moradores é cinco. Essa é a única casa que tem uma professora de Educação Física como técnica desportiva da instituição.

A Casa Boca do Lobo fica em uma rua sem saída. É a última casa, grande, muito bonita, com desenhos na parede. A residência tem um pátio pequeno na parte frontal, que segue por um corredor até os fundos, onde há uma grande extensão de pátio, com uma área mais alta com piso. Essa área dá acesso à sala da coordenação, que fica junto à sala da enfermeira. Além disso, é lá que fica a lavanderia. Muitos brinquedos estão disponíveis nesse espaço. Na parte de baixo do pátio tem grama e muitas árvores. Existem duas goleiras pequenas, muitas bolas espalhadas – na sua maioria, estão murchas. Há também balanços, escorregadores e até um castelo infantil. A sala é ampla, colorida, com muitos brinquedos por todos os lados. A casa conta ainda com uma cozinha, um refeitório grande, quatro banheiros (sendo um para os servidores) e quatro quartos com beliches (alguns com berços). O perfil dos acolhidos é composto principalmente por crianças pequenas de poucos dias de idade até 3 anos. Além disso, há crianças e pré-adolescentes de 10 a 14 anos e uma menina de 17 anos, mãe de um dos bebês. A média de moradores da casa é 18.

A Casa Bento Freitas fica em uma rua sem saída. É a última casa da rua. Tem grades cinzas, um pátio grande, uma piscina de chão e um refeitório junto à sala. A sala, por sua vez, tem dois sofás já velhos, sobre o qual os moradores colocam almofadas para não sentarem diretamente na estrutura de madeira. Há uma televisão grande e videogame. Essa é a única casa que oferece essa possibilidade de lazer, pois os próprios acolhidos conseguiram comprar o aparelho com o dinheiro de um deles, que tem acesso ao Benefício de Prestação Continuada (BPC). A casa tem três banheiros, sendo dois para os acolhidos e um para os servidores, além de quatro quartos, uma sala de coordenação, uma churrasqueira, lavanderia e a sala da coordenação. O perfil de moradores é de meninos negros com idades entre 14 e 17 anos. O número de moradores não costuma passar de 9. A casa, por vezes, é representada por pessoas que trabalham nas instituições de acolhimento como um lugar perigoso, afirmando que os acolhidos do lugar são aqueles que as outras instituições não querem. Meninos em situação de rua, os que fogem e aqueles que já cometeram algum tipo de crime estão residindo aqui. Porém, destacamos que sempre fomos bem recebidos na instituição e que esses olhares estereotipados para os sujeitos acolhidos devem ser problematizados.

Durante as idas em campo, levávamos alguns objetos que servissem como disparadores de temáticas e de aproximação com as crianças e com os jovens, sendo eles: bola de futebol de campo, baralho de Uno¹⁶, pés de lata, Twister¹⁷ e corda. Porém, durante as Copas do Mundo Masculina (2022) e Feminina (2023), também levávamos tintas para a pintura de rosto, bem como álbuns de figurinhas com as respectivas figurinhas.

Pequenos jogos de futebol com regras próprias eram criados pelos moradores das instituições durante as idas da pesquisadora, já que a maioria das casas não tinham bolas à disposição dos acolhidos. Na Casa Bento Freitas, eram autorizadas saídas para um campo próximo à instituição, passeio que era muito requisitado pelos acolhidos. Além das idas habituais na casa, erámos convidados pela instituição a irmos nos treinamentos de futebol (escolinhas e projetos sociais) dos jovens acolhidos. Tal prática era tão importante para os acolhidos que a coordenação desenvolveu uma forma de negociação, na qual aqueles que fogem frequentemente da instituição perdem o lugar no time; por isso, foi relatado pelos jovens que eles desistiram de fugir por não quererem sair do time.

No período das Copas do Mundo, a dinâmica em campo foi diferente, focada nos megaeventos. Por isso, na Copa do Mundo Masculina foi combinado com as coordenações das três instituições que os encontros seriam nos dias e horários dos jogos da seleção brasileira, olhando todo o jogo junto com as crianças e com os jovens, mesmo nos dias em que os jogos mudassem suas rotinas, como quando a transmissão ocorria, por exemplo, no horário de almoço. Depois da eliminação da seleção brasileira, os encontros continuaram acontecendo na hora dos jogos dos times que estavam classificados até a final.

Durante a Copa do Mundo Feminina, apenas uma das casas aceitou que os encontros ocorressem durante o megaevento, pois os jogos eram transmitidos em horários que atrapalhariam muito as rotinas, principalmente das crianças menores, já que alguns jogos eram cedo da manhã.

Nesse contexto, a Casa Bento Freitas aceitou que os encontros da pesquisa continuassem durante os jogos, já que seu público era mais juvenil. Foi questionado

¹⁶ Jogo de cartas.

¹⁷ "Twister é um jogo de habilidade física. O Twister é jogado em um tapete de plástico de grandes dimensões que se espalha sobre o solo. O tapete é como um jogo de tabuleiro. Ele tem quatro linhas de grandes círculos coloridos sobre a mesma com uma cor diferente em cada linha: vermelho, amarelo, azul e verde" (TWISTER, s.d.).

se os jovens aceitariam torcer durante os jogos da seleção brasileira de futebol feminino, mesmo tendo que acordar mais cedo, o que não era hábito da maioria dos que não tinham escola durante a manhã, e eles aceitaram. Durante os primeiros jogos, foram levadas tintas de pintura de rosto, porém os jovens não quiseram usar e falaram que não precisava mais levar. Por isso, nos jogos seguintes, levamos somente pipoca (autorizada pela coordenação) e álbuns de figurinhas das copas masculina e feminina com as respectivas figurinhas.

Foram realizadas muitas escutas provindas dos acolhidos que eram dedicadas às angústias, alegrias e anseios que faziam parte do seu cotidiano. Além dessas inserções de pesquisa, foi realizada uma entrevista com uma das acolhidas voltada às suas experiências enquanto menina transgênero e à sua relação com o esporte. Tínhamos a intenção de também realizar essa atividade com um menino transgênero, porém o mesmo não se encontrava na instituição, pois havia fugido.¹⁸

5.2 Futebóis das/nas casas de acolhimento

Pequenos jogos eram (re)construídos nas casas, com regras e modos próprios de jogar. Por vezes, as crianças e jovens não se comunicavam verbalmente sobre as regras ou jeitos de jogar, porém, ao se olharem, sabiam como o jogo deveria acontecer. Em alguns momentos, paravam e diziam “a gente tem que explicar para ela”, referindo-se à pesquisadora. As regras giravam em torno de dribles, gols ou mesmo passes. “Quem levar o gol, sai”; “quem fizer o gol vira goleiro”; “se conseguir atravessar o pátio me driblando, eu desisto de jogar futebol”; “tem que dar três passes antes do gol, senão não vale”.

A Casa Boca do Lobo, diferentemente das outras casas, tinha a disposição muitas bolas, a maioria delas furadas ou murchas, com as quais os acolhidos podiam brincar. Com isso, enquanto os jogadores da casa (que eram os maiores) ficavam com a bola que a pesquisadora levava e faziam o “jogo oficial” da casa, os pequenos e as meninas realizavam pequenos jogos ao redor do campo.

Nessa casa, as crianças pequenas e as meninas geralmente eram, como definiria Faria (2011), os “de fora”, a não ser quando faltavam jogadores. Alguns

¹⁸ Pelas singularidades que acompanham a produção das subjetividades dos jovens trans institucionalizados, decidimos que esse assunto seria tratado exclusivamente em um artigo da pesquisa (artigo C).

meninos maiores (de 10, 11 anos) se negavam a jogar caso as meninas quisessem jogar. Segundo Jeferson, de 10 anos:

Jeferson: Ah, não, tia! Futebol não é coisa de menina! Se ela [se referindo a Sara, de 12 anos] jogar, eu não jogo.

Pesquisadora: Por que você acha que menina não pode jogar futebol?

Jeferson: Porque sim! É assim e pronto. É coisa de menino. Se ela jogar, eu não jogo [socando a almofada que tinha no colo].

Pesquisadora: Mas às vezes vocês me convidam para jogar. Por que eu posso e ela não?

Jeferson: Ah, sei lá, tia! Porque sim! Ela é chata e é menina. Nós sempre jogamos só os meninos.

Tal percepção é tão forte nesse menino que, quando a menina tentou entrar no time e jogar, ele saiu chorando, alegando estar com raiva por ela ter entrado no jogo. Os meninos pequenos (de 3 a 5 anos) encontravam menos resistência dos outros acolhidos da instituição do que as meninas. Quando faltavam jogadores “grandes”, os meninos pequenos eram “escalados” para os times, geralmente para ficarem no gol, já que as goleiras eram pequenas. Quando tinham poucos meninos maiores, eles gostavam de ensinar os pequenos como deviam jogar, quais habilidades usar e de que forma deveriam aprender. Além disso, os meninos gostavam de criar competições de embaixadinhas, para as quais a pesquisadora era convidada para ser juíza e contabilizar quem conseguia fazer mais sem deixar a bola cair no chão.

Na Casa Nicolau Fico, os novos integrantes costumavam gostar do futebol, fazendo pequenos jogos de passe, condução e chute ao gol (a goleira era feita entre uma árvore e o muro da instituição). Porém, por ser a única instituição que contava com o trabalho de uma professora de Educação Física, aos poucos eles se desinteressavam pelos jogos de futebol, porque a professora gostava muito de vôlei, montava a rede e convidava as crianças e jovens para jogar, o que gerava um gosto maior pelo vôlei do que pelo futebol nessa casa.

Compreendemos que as experiências vão produzindo as subjetividades desses sujeitos a partir dos ensinamentos engendrados e disseminados, demonstrando que tais vivências se produzem de forma pedagógica, construindo formas de ser, gostos e hábitos (Wortmann; Ripoll; Possamai, 2012).

A Casa Bento Freitas, entre todas as instituições, era onde mais aconteciam os jogos de futebol. Dentro do pátio não era possível desferir chutes fortes (os vizinhos eram idosos e reclamavam do barulho que a bola fazia no muro), por isso os jogos

envolviam passes. Quando as crianças e jovens tentavam desenvolver jogos que geravam barulho, eram punidos com a retirada da bola. Por esse motivo, os acolhidos solicitavam sair da casa com a pesquisadora. Cabe ressaltar que essa era a única instituição cuja coordenação permitia irmos até um campo de futebol disponibilizado pelo Exército. Os acolhidos se sentiam parte daquele espaço: moviam as goleiras de lugar, achavam os espaços com a grama mais baixa, sabiam qual campo era melhor de jogar (era mais de um campo de futebol) e qual goleira deveria ir para cada lado.

Figura 4 - Meninos acolhidos organizando o campo para o jogo¹⁹



Fonte: elaborado pela autora.

Nessa casa, o futebol também era disputado no videogame. Os jovens, principalmente os meninos, utilizavam os jogos de futebol no aparelho para escolherem e jogarem como se fossem os jogadores que os inspiravam, em especial aqueles dos times europeus, onde sonhavam em jogar um dia. Além disso, os jovens seguiam os seus ídolos nas redes sociais, assistiam às melhores jogadas deles no YouTube e consumiam produtos relacionados, sobretudo os falsificados, pois, mesmo não tendo condições de comprar os originais, faziam o possível para terem acesso a esses artefatos que traziam o nome de seus ídolos.

¹⁹ Em todas as fotos que aparecem crianças e jovens acolhidos, os rostos foram desfocados a fim de manter o sigilo de suas imagens.

Figura 5 - Jogo de videogame



Fonte: elaborado pela autora.

Os jovens acolhidos aqui pesquisados são convocados socialmente a participarem do fenômeno que Koch (2022) chama de “futebolização”. Nesse processo, possibilitado a partir da globalização, os jovens têm preferência pelos times europeus, mesmo nunca tendo estado na Europa. Porém, o gosto por um time em específico é transitório e depende da conquista de troféus, da forma como aparece na mídia e dos jogadores que estão no seu plantel (aqueles que são considerados estrelas pela mídia aglutinam mais torcedores). Com isso, times que não são bem sucedidos nesses quesitos de um futebol mercantilizado e espetacularizado podem facilmente ver sua torcida migrar para outros times de maior êxito. Esse processo de futebolização pode ser entendido como uma pedagogia cultural²⁰, que ensina como os jovens devem se comportar, quais gostos ter, que cortes de cabelo e roupas precisam usar.

²⁰ As pedagogias culturais, de acordo com Silva (2000, p. 89), designam “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores”. As pedagogias culturais englobam os significados “do poder e dos modos de operação dos artefatos midiáticos nas sociedades contemporâneas, marcadas indelevelmente pelo espetáculo, pela visibilidade, por interesses mercantis e pelo consumo” (Wortmann; Costa; Silveira, 2015, p. 37).

5.2.1 Treinos e jogos

Os meninos jovens da Casa Bento Freitas tiveram a oportunidade de treinar em mais de uma escola voltada ao futsal e ao futebol. Porém, na primeira escolinha, por vezes eles reclamavam de se sentirem expostos e humilhados, já que o técnico chamava a atenção deles quando erravam, lembrando, negativamente, que eles não pagavam mensalidade. Na segunda escola, sentiam-se bem recebidos e relatavam que a maior parte dos outros jogadores não sabia que eles eram acolhidos.

O futebol demarca um espaço muito importante na vida desses jovens. Eles sonham com um dia vivenciar a vida de jogadores profissionais. Por isso, esses treinamentos eram muito disputados, sendo uma atividade que os meninos não faltavam mesmo quando não tinham transporte, indo a pé, de ônibus ou ligando para a pesquisadora, perguntando se ela poderia levá-los. As famílias da maioria dos outros jovens estavam presentes durante os treinos e campeonatos, e entende-se que por isto a pesquisadora era tão solicitada pelos meninos acolhidos: para acompanhá-los, mesmo quando não necessitavam de transporte, como forma de torcer e vê-los jogar.

Figura 6 - Campeonato na escola de futebol



Fonte: elaborado pela autora.

Esses espaços também configuravam parte importante da rede de sociabilidade dos acolhidos. Encontravam amigos, riam juntos, trocavam angústias da ânsia de serem jogadores e, por vezes, brigavam, principalmente entre si. Nos

campeonatos, diferentemente dos treinos, os meninos relatavam muito nervosismo. Quando faziam gol, costumavam se provocar caso estivessem em times opostos. Quando erravam alguma jogada, choravam, gritavam ou queriam brigar com aqueles que acertavam e provocavam.

Um dos acolhidos, um jovem transgênero, escolheu ir para um time feminino, já que se sentia mais à vontade de jogar com as meninas. Relatava se sentir bem acolhido pelo time. Esse menino tinha dificuldades em seguir as regras e rotinas da casa, porém era responsável com os treinos e jogos. Dizia que tinha medo de ser retirado do time ou de não ter habilidade suficiente para se destacar. A quadra em que treinava era perto da casa de acolhimento, por isso era o único que tinha a torcida dos outros acolhidos, que conseguiam se deslocar a pé para torcer por ele. Muitas vezes o menino começava brigas com as meninas ou mesmo com o treinador por se sentir injustiçado quando era mandado para o banco ou quando recebia um cartão por falta. Ele explicava que essas explosões que aconteciam nos jogos eram por se importar muito com o time e pelo futebol ter tal lugar na sua vida a ponto de relatar: “o futebol é a única coisa que me faz bem naquela casa”.

Figura 7 - Treinamento do time de futsal



Fonte: elaborado pela autora.

5.2.2 Copa do Mundo Masculina

Durante a Copa do Mundo Masculina da FIFA de 2022, acompanhamos os jogos junto às três casas de acolhimento. Em cada casa existiam dinâmicas diversas e os jogos tinham diferentes significados para os acolhidos.

Na Casa Boca do Lobo, por se tratarem de crianças pequenas, os significados que giravam em torno do evento eram o do “dia de pipoca e suco”, já que durante os jogos da seleção brasileira esses alimentos eram disponibilizados. Além disso, as crianças gostavam muito de utilizar a pintura de rosto, fazendo desenhos por todo o corpo. O único jogo da seleção brasileira assistido nessa instituição foi a partida entre o Brasil e a Croácia, na qual o Brasil foi eliminado da competição. Um dos meninos mais velhos (10 anos) ficou arrasado e chorou muito, explicitando o quanto a seleção brasileira e essa vitória eram importantes pra ele. Para Koch (2014), essas expressões emocionais de crianças maiores durante as copas do mundo acontecem porque cria-se a ideia que “quem vai ganhar é a equipe para quem ela torce. Para as [crianças] maiores, além da eliminação, precisam lidar com a desconstrução da imagem de que o futebol brasileiro não é tão bom assim” (p. 121).

Essa foi a casa em que tivemos menos oportunidades de assistir aos jogos, já que, no início da Copa do Mundo Masculina, servidores da casa tiveram covid-19²¹ e acabaram transmitindo o vírus para algumas crianças. Por isso, a casa ficou em isolamento por sete dias.

Na Casa Nicolau Fico havia dois jovens e uma bebê acolhidos durante o megaevento esportivo. A Copa do Mundo mudou a rotina da casa, pois todos se juntavam para assistir: professora, pesquisadora, coordenadora, educadores e acolhidos. Quando a bebê estava presente, era solicitado que a torcida fosse silenciosa, para não a assustar.

Uma das jovens relatava não gostar de futebol e que preferia dormir a assistir aos jogos. Porém, gostava quando tinha pipoca, amendoim e refrigerantes (a equipe dividia o valor e compravam entre todos), nos dias de jogo, o que fazia com que ela assistisse e torcesse enquanto tinha comida. O outro jovem gostava de assistir aos jogos e dizia torcer contra o Brasil, mesmo tendo comprado uma camiseta da seleção e pintado todo o rosto de verde e amarelo durante os jogos.

Na Casa Bento Freitas, durante a Copa do Mundo Masculina, os meninos ficavam ansiosos pela hora do jogo da seleção. Havia apenas duas meninas na casa, que não demonstravam interesse pelos jogos e solicitavam para passear no horário das partidas, o que era permitido.

²¹ Segundo o site do Ministério da Saúde, o “covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global” (Brasil, s.d.).

Os meninos comparavam suas jogadas e histórias de vida com a dos jogadores, relatando o sonho de poder vestir a camisa da seleção brasileira um dia. “Tia Lóry, eu me inspiro muito no Richarlison²², negro e pobre que nem eu, e olha onde ele chegou. Basta eu me esforçar! Tu não acha [*sic*], tia? Se eu me esforçar muito, batalhar muito, pode ser eu com a camiseta da seleção um dia. Se ele conseguiu, eu também consigo”²³. Essa fala demonstra a importância da representatividade para alicerçar aquilo que os jovens sonham, e o futebol se constitui como parte importante da produção das suas subjetividades. Para Koch (2014, p. 111), crianças e jovens são educados pelas expressões culturais que os cercam e, por isso, se espelham em seus ídolos, “repetindo falas, gestos, comportamentos, estética dos penteados e cortes de cabelos, e trajando roupas e calçados dos seus ídolos [...] para se assemelharem a eles”.

5.2.3 Copa do Mundo Feminina

Durante a Copa do Mundo Feminina da FIFA de 2023, só foi possível acompanhar os jogos na Casa Bento Freitas, já que o megaevento acontecia cedo da manhã, o que atrapalharia a rotina das outras casas, que tinham crianças pequenas. Nas casas em que não era possível assistir aos jogos, o “clima de copa” era proposto a partir do álbum de figurinhas e de um “bolão”.

O “bolão” foi pouco ou nada aceito, com os acolhidos relatando que ficar tentando adivinhar os resultados era chato. Aqueles que se propuseram a tentar apostavam resultados difíceis de acontecer, tais como 10 a 1, o que demonstrava que, apesar de conhecerem o esporte e muitas vezes o praticarem, provavelmente não acompanhavam o futebol profissional (Bonetto, 2019).

Antes de a Copa do Mundo começar, além de solicitarmos para a coordenação, questionamos os jovens acolhidos se eles gostariam de assistir aos jogos junto com a pesquisadora. O convite foi aceito, mesmo os horários das partidas modificando suas rotinas e fazendo com que aqueles que não acordavam cedo o fizessem para torcer durante o megaevento.

²² Richarlison de Andrade, jogador da seleção brasileira, atua como centroavante (RICHARLISON, s.d.).

²³ Fala de Gustavo, 15 anos.

Os jogos da seleção brasileira modificavam o café da manhã: a pipoca era utilizada como estratégia de aproximação da TV com o estádio e dos sofás, bancos e cadeiras com as arquibancadas.

Por vezes, os acolhidos costumavam comparar as jogadoras com os jogadores, criando nomes diferentes para as atletas, como a “Richarlisa” (Debinha²⁴) e a “Neymarta” (Marta²⁵). Com isso, produziram-se tensionamentos do que é tido como normal e natural, por exemplo, ao analisar o quanto as mulheres também sabem jogar futebol com excelência. Nas casas em que não foi possível ver os jogos, tais problematizações aconteceram de forma mais breve, com algumas das crianças e jovens relatando certo estranhamento quanto às mulheres no futebol, explicitando que entendiam o esporte enquanto masculino.

5.2.4 Artefatos da copa

Compreendemos os artefatos disparadores enquanto constituintes de pedagogias culturais que educam (Wortmann; Costa; Silveira, 2015). Nessa perspectiva, surgem outras formas de analisar e problematizar os efeitos produtivos dos diversos artefatos fabricados na cultura, entre eles os que aqui chamamos de artefatos da copa.

Antes do início da Copa do Mundo Masculina, levamos, para as casas de acolhimento, tecidos TNT das cores verde, amarelo e azul, cola, barbante e tesouras, com a ideia de decorar essas instituições. Porém, os moradores das casas Nicolau Fico e Bento Freitas não tiveram interesse na proposta. Na Casa Boca do Lobo, o espaço já havia sido decorado pelas educadoras. Com isso, a atividade não foi realizada.

No mês anterior à Copa do Mundo Feminina, questionamos se os acolhidos estavam ansiosos pelo evento. A maioria deles não sabia do campeonato. Na Casa Boca do Lobo, espaço que foi amplamente decorado para a Copa do Mundo de futebol masculino, as educadoras se surpreenderam ao saber que aconteceria a Copa do

²⁴ Débora Cristiane de Oliveira, jogadora da seleção brasileira, atua como atacante ou meio-campista (DEBINHA, s.d.).

²⁵ Marta Vieira da Silva, jogadora da seleção brasileira reconhecida como uma das melhores jogadoras do mundo, joga como ponta-esquerda ou meio-campista. “Já foi escolhida como melhor futebolista do mundo por seis vezes, sendo cinco de forma consecutiva. Um recorde não apenas entre mulheres, mas também entre homens” (MARTA, s.d.).

Mundo Feminina, porém não foi realizado nenhum investimento decorativo na instituição. A falta de conhecimento do megaevento reproduz uma cultura que por diversas vezes invisibiliza o futebol feminino no país.

Diferentemente do álbum da Copa do Mundo Masculina, que era vendido em muitas localidades da cidade e cuja única dificuldade para adquiri-lo era que, por vezes, tinha acabado seu estoque, tivemos dificuldades de encontrar e posteriormente comprar o álbum e as figurinhas da Copa do Mundo Feminina, o que só se efetivou através de um *site* na internet.

Os artefatos utilizados durante os jogos das copas do mundo se destacaram de diferentes modos em cada instituição. Os álbuns e as figurinhas foram os itens mais significativos em todas as casas, eram alvos de desejo, sendo pedidos de presente pela maioria das crianças e jovens, sobretudo do gênero masculino.

Após as copas, os acolhidos sequer perguntaram pelos álbuns ou demonstraram sentir falta desses artefatos que eram exaltados e tão esperados na época dos megaeventos, o que demonstra, em certa medida, a liquidez da sociedade. Para explicar como se processam as relações sociais na atualidade, Bauman (2013) explicita que vivemos em uma sociedade líquida, em que produtos que hoje são vistos como indispensáveis amanhã podem ter se tornado ultrapassados e descartáveis. Essa sociedade se caracteriza pela superfluidez, pela efemeridade, pelo excesso e pelo descarte. Com isso, produtos que eram percebidos como objetos de desejo, tais como os álbuns e as figurinhas das copas, passaram a não ter mais valor e, de certa forma, perderam a validade quando os megaeventos acabaram.

Outro dos objetos que aqui caracterizamos como artefatos da copa foram as tintas verde e azul²⁶, próprias para a pintura de rosto. Estas também foram percebidas de diferentes formas nas casas. Elas só eram levadas nos dias em que a seleção brasileira jogava.

A primeira casa que teve a possibilidade de manuseá-las foi a Bento Freitas. Houve certa resistência para o uso das tintas. Porém, com a insistência dos educadores, os jovens aceitaram pintar os rostos. Nos jogos seguintes, poucos acolhidos aderiram à ideia. Na Casa Nicolau Fico, inicialmente também houve resistência para o uso das tintas, porém Elias pintou todo o rosto no intervalo de um

²⁶ Esses objetos só foram utilizados durante a Copa do Mundo Masculina. Os acolhidos da Casa Bento Freitas não quiseram que a dinâmica de pintar os rostos fosse repetida na Copa do Mundo Feminina.

jogo – metade verde e a outra metade azul. Além disso, ajudou a pesquisadora e as educadoras a pintarem o rosto, que solicitaram uma foto ao final da partida. No jogo seguinte, outra acolhida informou que gostaria de pintar o rosto e assistir ao jogo, apesar de não gostar, pois queria tirar foto com a pesquisadora. Na Casa Boca do Lobo, as tintas geraram grande encantamento nas crianças, fazendo com que os maiores pintassem até mesmo os bebês com autorização das educadoras presentes. Os meninos, além de pintaram os rostos, pintaram os cabelos. Todas as crianças desenharam bandeiras do Brasil nos braços e nas pernas. O artefato gerou disputas entre os acolhidos, já que todos queriam manuseá-lo.

Isso demonstra o quanto crianças e jovens em situação de acolhimento, para além de consumidores do megaevento, de assistirem aos jogos e de torcerem pela seleção, corporificaram a copa e colaram em seus corpos marcas desse esporte de espetacularização.

Outro artefato da copa foi a camiseta da seleção brasileira, que a pesquisadora vestia durante as idas aos sofás/arquibancadas das casas. Todos os jovens das casas Nicolau Fico e Bento Freitas queriam a camiseta, solicitando-a como presente, com anseio por ganhar uma camiseta que demonstrasse a torcida pelo Brasil.

Os artefatos analisados, portanto, constituem-se enquanto instâncias de produção de significados contemporâneos e atuam de forma pedagógica e educativa, provocando processos de transformação das subjetividades (Silva, 2007).

6 CRONOGRAMA

Quadro 1 - Cronograma

Etapas	2021/2	2022/1	2022/2	2023/1	2023/2	2024/1	2024/2	2025/1
Realização das disciplinas	X	X	X	X	X			
Escrita do projeto	X	X	X	X	X	X		
Fundamentação teórica	X	X	X	X	X	X	X	X
Qualificação							X	
Produção de dados							X	
Redação da versão final							X	X
Defesa final								X

Fonte: elaborado pela autora.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALVES, Cláudio Eduardo Resende e MOREIRA, Maria Ignez Costa. Do uso do nome social ao uso do banheiro: (trans)subjetividades em escolas brasileiras. **Quaderns de Psicologia**, Vol. 17, Nº 3, 59-69, 2015.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos; GOELLNER, Silvana Vilodre. Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais. In: Priscila Gomes Dornelles; Ilena Wenez; Maria Simone Vione Schwengber. (Org.). **Educação Física e sexualidade: desafios educacionais**. 1ed. Ijuí: Unijui, v. 1, 2017.
- ARRIADA, Eduardo; TAMBARA. Elomar. **Leis, atos e regulamentos sobre educação no período imperial na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**. Coleção Documentos da Educação Brasileira [recurso eletrônico]. Dados eletrônicos. – Brasília: Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Revista Espaço Plural**, Paraná, n. 29, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo**. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.
- BONETTO, Pedro Xavier Russo. Futebol e Copa do Mundo: uma experiência pedagógica baseada na educação física cultural. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 18, n. 3, p. 110-126, set. 2019.
- BOURCIER, Marie-Hélène. Prefácio. In: PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BRASIL. **Cadastro Nacional de Adoção**. 2012. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br>. Acesso em Outubro de 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil - 1998**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Decreto nº 1.331-a, de 17 de fevereiro de 1854**. Approva o Regulamento para a reforma do ensino primario e secundario do Municipio da Côrte. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>.
- BRASIL. **Decreto Nº 17.943-A de 12 de Outubro de 1927**. Código dos menores. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, 1927.
- BRASIL. **Decreto Nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Promulga o Código Penal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htmimpressao.htm.
- BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Base de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, 1941.
- BRASIL. **Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Código Civil. Brasília, DF, 2002a.
- BRASIL. **Lei nº 13.509, de 22 de novembro de 2017**. Lei da Adoção. Brasília, DF, 2017.
- BRASIL. **Lei Nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916**. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071impressao.htm.
- BRASIL. **Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979**. Código do Menor (1979). Brasília: Diário Oficial da União, 1979.

BRASIL. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Glossário Temático:** Promoção da Saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. **Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes.** Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e Conselho Nacional de Assistência Social. 2009a.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. **Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde:** um passo a mais na cidadania em saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2002b.

BRASIL. **Serviço de Acolhimento para Crianças, adolescentes e jovens.** Site do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. 2020. <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/unidades-de-atendimento/servicos-de-acolhimento-para-criancas-adolescentes-e-jovens>. Acesso em fevereiro de 2023.

BRASIL. **Serviço de Acolhimento.** 2023. <https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-unidade-de-acolhimento>. Acesso em janeiro de 2024.

BRASIL. **Sistema Nacional de Adoção.** 2024. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br>. Acesso em maio de 2024.

BRASIL. **SUAS – Sistema Único de Assistência Social.** Secretaria Nacional de Assistência Social. 2009b.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam:** os limites discursivos do "sexo". Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n. 1, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDEIRA, Jeane dos Santos. **A infância desvalida institucionalizada em Pelotas/RS:** controle e ordenamento social nas páginas dos periódicos locais – décadas de 1910 a 1940. Tese (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

CAMARGO, Mário Lázaro. **Adoção tardia:** representações sociais de famílias adotivas e postulantes à adoção (mitos, medos e expectativas). Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2005.

CASTRO, Edgardo. **O vocabulário de Michel Foucault.** Belo Horizonte: autentica, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A cultura do plural.** Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Travessia do Século).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Nina Rosa do Amaral; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Tornar-se Pai e Mãe em um Processo de Adoção Tardia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 3ª, p. 425-434, 2007.

CUNHA, Leonardo Costa da. **As mulheres no futebol do Rio Grande/RS nas décadas de 1970 e 1980:** entre subversões, pioneirismos e invisibilidades. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

DAMICO, José; KNUTH, Alan Goularte. O (des)encontro entre as práticas corporais e a atividade física: hibridizações e borramentos no campo da saúde.

- Movimento (Porto Alegre)**, v. 20, n. 1, jan./mar. 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.39474> Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/39474>. Acesso em: jul. 2025.
- DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- FARIA, Eliene Lopes. **É jogando futebol que você aprende**: A participação na prática social como modo de aprendizagem. In: XVII CONBRACE & IV CONICE, 2011, Porto Alegre.
- FARIA, Eliene Lopes. **Práticas cotidianas de futebol, práticas de aprendizagem**. In: VII RAM - UFRGS, 2007, Porto Alegre.
- FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 979-992, set. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902014000300020>.
- FIGUEIREDO, Michele Braun. et al. **Futebol à tardinha**: notas sobre educabilidade. In: RIGO, L. C.; PARDO, E. R.; THOMAZ, F. O. (Org.) Além da Universidade... Ijuí: UNIJUÍ, 2006. p. 47-62.
- Foto do Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição, criado em 1855. Fonte: https://www.facebook.com/Olhassobrepelotas/photos/394063560700855?_rdr. Acesso em janeiro de 2024.
- Foto do Instituto Nossa Senhora da Conceição (2022), anteriormente nomeado de Asylo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição. Fonte: <https://www.facebook.com/nossasradaconceicaoopelotas/photos/pcb.3068625840058262/3068625426724970/>. Acesso em janeiro de 2024.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: estratégia poder-saber. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. v. 4.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003. v. 2.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal. 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso (A)**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France (1980-1981). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.
- FREITAS, Sayonara Oliveira. **Histórias de adoção tardia**: considerações a partir da analítica existencial heideggeriana. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.
- GALLO, Sílvia. Biopolítica e subjetividade: resistência?. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 33, n. 66, out./dez. 2017.
- GALONI, Luana Luiza; DA SILVA, Karoline Arcanjo Apóstolo; DE OLIVEIRA, Grazielly Ribas; PEIXOTO, Ana Cláudia de Azevedo. O processo de institucionalização da infância preta em casas de acolhimento. Mosaico - **Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 13, n. 2, mai./ago. 2022.
- GALONI, Luana Luiza; SOUZA, Douglas Campos de; RIBAS, Grazielly; DE SOUZA, Isadora Teresa Paulo. Peles negras: a produção da subjetividade de adolescentes em acolhimento institucional na Baixada Fluminense. **Revista da ABPN**, Curitiba, v. 16, Edição Especial, Set. 2023.
- GAÚCHA ZH – **Como funcionava a roda dos expostos**. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/10/como-funcionava-a-roda-dos-expostos-onde-quase-3-mil-criancas-foram-entregues-para-adocao-na->

santa-casa-de-porto-alegre-cl97qlwiv00ka013plw6o67l1.html. Acesso em janeiro de 2024.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. In: **Rev. Cienc. Esporte**, Campinas, 2003.

KNUTH, Alan G; ANTUNES, Priscilla de Cesaro. Práticas corporais/atividades físicas demarcadas como privilégio e não escolha: análise à luz das desigualdades brasileiras. **Saúde e Sociedade [online]**. v. 30, n. 2 DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200363>>. ISSN 1984-0470. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200363>. Acesso em: Jul. 2025.

KOCH, Rodrigo. A copa do mundo em tempos pós-modernos: a relação de crianças e jovens com o megaevento. **Revista Unilasalle**, Canoas, v. 1, n. 27, p. 109-124, dez. 2014.

KOCH, Rodrigo. **Cultura, Identidade e Futebolização**: Na Europa Contemporânea. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2022.

KOHAN, Walter Omar. **Infância**. Entre Educação e Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LINO, Michelle Villaça; SOUZA, Lilian Angélica da Silva. Proteção tem cor: problematizando o acolhimento institucional de crianças e adolescentes negros. **Revista Serviço Social em Debate**, Carangola, v. 5, n. 1, 2022.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed., 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MAY, Tim. Teoria social e pesquisa social. In: Tim MAY. **Pesquisa Social**: questões, métodos e processos. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MONTEIRO, Renata Alves de Paula; CASTRO, Lúcia Rabello de. A concepção de cidadania como conjunto de direitos e sua implicação para a cidadania de crianças e jovens. **Revista Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 271-284, 2008.

NAZARIO, Roseli. **A infância das crianças pequenas no contexto de acolhimento institucional**: narrativas de meninas e meninos na Casa (Lar). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

OLIVEIRA, Márcia Gomes da Silva de. **Apadrinhamento afetivo**: uma parceria das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz com a comunidade de Coqueiros. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

PISANI, Mariane da Silva; KESSLER, Cláudia Samuel. As mulheres no Universo do Futebol brasileiro: resgatando o gênero. **Conexões**. Campinas, v. 20, p. 1-16, 2022.

PORTO, Rosane de Albuquerque. **Roda Dos Expostos**: Deslocamentos Do Livro Ao Jornal. 2011. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira e Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PRECIADO, Paul. **Eu sou o monstro que vos fala**: Relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.

RIGO, Luiz Carlos Et.al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, 2008.

- RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. **A Arte de Governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- ROCHA, José Fernando Teles da. **Do asilo dos expostos ao berçário**: assistência e proteção à criança abandonada na cidade de São Paulo (1896-1936). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- Santa Casa de São Paulo – **Roda dos Expostos**. <https://www.santacasasp.org.br/porta/site/quemsomos/museu/pub/10956/a-roda-dos-expostos-1825-1961>. Acesso em agosto de 2022.
- SCHETTINI, Suzana Sofia Moeller; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida.; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Famílias Adotivas: Identidade e Diferença. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2ª, p. 285-293, mai./ago. 2006.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução as teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- Site de Conversão hipotética de moedas antigas**. <https://www.diniznumismatica.com/p/conversao-de-reis-para-o-real.html>. Acesso em maio de 2024.
- SZORTYKA, Adriane Martins. Et al. A saúde mental permeando o desacolhimento de adolescentes dos abrigos institucionais da cidade de Pelotas: um relato de experiência. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, 2012.
- TEIXEIRA, Heloísa Maria. Os filhos das escravas: crianças cativas e ingênuas nas propriedades de Mariana (1850-1888). **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.11, n. 15, 2º sem. 2010.
- VANTI, Elisa dos Santos. A breve história de Ethelvina: caridade, filantropia e assistência à infância em Pelotas (RS, 1875 – 1900). In: **História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel**, Pelotas, 2002.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, 2003.
- WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma**: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. Porto Alegre, **Educação**, v. 38, n. 1, 2015.
- WORTMANN, Maria Lúcia; RIPOLL, Daniela; POSSAMAI, Laís. Educação Ambiental corporativa para crianças: analisando a animação Peixonauta do Discovery Kids. Florianópolis, **Perspectiva** (UFSC), v. 30, n. 2, mai/ago 2012.

7 ARTIGO A - ADOÇÃO TARDIA: MANIFESTAÇÕES DO COTIDIANO DE UMA CASA DE ACOLHIMENTO DE PELOTAS/RS

ADOÇÃO TARDIA: MANIFESTAÇÕES DO COTIDIANO DE UMA CASA DE ACOLHIMENTO DE PELOTAS/RS

LATE ADOPTION: MANIFESTATIONS IN EVERYDAY LIFE IN A FOSTERING HOUSE IN PELOTAS/RS

ADOPCIÓN TARDÍA: MANIFESTACIONES EN LA VIDA COTIDIANA EN UNA CASA DE ACOGIDA EN PELOTAS/RS

Lóry da Silveira Ribeiro

Mestre em Educação

Instituição de formação: Universidade Federal de Rio Grande.

Endereço: Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: loryedufi@gmail.com

Silvana Vilodre Goellner

Doutora em Educação

Instituição de formação: Universidade Estadual de Campinas.

Endereço: Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: vilodre@gmail.com

Luiz Carlos Rigo

Doutor em Educação

Instituição de formação: Universidade Estadual de Campinas.

Endereço: Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: rigoperini@gmail.com

RESUMO

Casas de acolhimento e práticas de adoção são dois assuntos relevantes para a sociedade brasileira. Todavia, no meio acadêmico carecemos de maiores pesquisas que tratam desses temas. Assim, este artigo teve como objetivo principal

problematizar o modo como a adoção tardia se manifesta e constitui a subjetividade de crianças e jovens que fazem parte de uma casa de acolhimento da cidade de Pelotas/RS. Como objetivo específico, buscou-se narrar os contornos históricos e socioculturais que levaram à criação de instituições de acolhimento na sociedade brasileira. Por tratar de uma casa de acolhimento específica, aproxima-se de um estudo de caso (Severino, 2013). Como alicerce metodológico, utilizou-se da abordagem histórica inspirada em uma perspectiva arqueogenealógica de Foucault. O estudo também contempla alguns exemplos empíricos provenientes do convívio direto com a instituição tratada (*corpus* empírico do estudo). Concluiu-se que a adoção tardia é um componente constituinte das subjetividades dos acolhidos. A análise acerca da produção histórica das instituições de acolhimento e de adoção evidenciou que algumas práticas discursivas e não discursivas produziram um perfil ideal de criança desejado pela adoção, que segrega e exclui uma grande parte das crianças que se encontram em situação de acolhimento.

Palavras-chave: Adoção tardia. Crianças. Jovens. Instituição de acolhimento.

ABSTRACT

Foster homes and adoption practices are two relevant issues for Brazilian society. Nevertheless, there is a lack of more in-depth research on these topics in the academic field. Hence, the main objective of this article was to problematize the way in which late adoption manifests itself and shapes the subjectivity of children and young people who are part of a foster home in the city of Pelotas/RS. The specific objective was to describe the historical and sociocultural contexts that led to the creation of foster care institutions in Brazilian society. Since this study focuses on a specific foster home, it approaches to a case study (Severino, 2013). As a methodological foundation, the study used a historical approach inspired by Foucault's archaeogenealogical perspective. The study also includes some empirical examples derived from direct interaction with the institution in question (the empirical corpus of the study). It was concluded that late adoption is a constitutive component of the subjectivities of those in care. The analysis of the historical production of foster care and adoption institutions revealed that certain discursive and non-discursive practices have created an ideal child profile desired for adoption, which segregates and excludes a large proportion of children in foster care.

Keywords: Late adoption. Children. Young people. Foster care institutions.

RESUMEN

Las casas de acogida y las prácticas de adopción son dos temas relevantes para la sociedad brasileña. Sin embargo, en el mundo académico carecemos de más investigaciones que aborden estos temas. Así, el objetivo principal de este artículo fue problematizar la forma en que la adopción tardía se manifiesta y constituye la subjetividad de niños y jóvenes que forman parte de una casa de acogida en la ciudad de Pelotas/RS. Como objetivo específico, buscamos narrar los contornos históricos y socioculturales que llevaron a la creación de instituciones de acogida en la sociedad brasileña. Al tratarse de un albergue específico, se asemeja a un estudio de caso (Severino, 2013). Como fundamento metodológico utilizamos un enfoque histórico inspirado en la perspectiva arqueogenealógica de Foucault. El estudio también incluye algunos ejemplos empíricos procedentes del contacto directo con la institución objeto de estudio (corpus empírico del estudio). Se concluyó que la adopción tardía es un componente constitutivo de las subjetividades de los acogidos. El análisis de la producción histórica de las instituciones de acogimiento y adopción mostró que algunas prácticas discursivas y no discursivas produjeron un perfil ideal del niño deseado por adopción, que segrega y excluye a una gran proporción de niños que se encuentran en acogimiento.

Palabras clave: Adopción tardía. Niños. Jóvenes. Institución anfitriona.

7.1 Introdução

Considerando-se que casas de acolhimento e práticas de adoção são dois assuntos relevantes para a sociedade brasileira, pretendeu-se, com este artigo, explicitar os contornos sócio-históricos acerca das práticas de acolhimento. O objetivo principal do estudo foi problematizar o modo como a adoção tardia se manifesta e constitui a subjetividade²⁷ de crianças e jovens que fazem parte de uma casa de acolhimento da cidade de Pelotas/RS. Como objetivo específico, buscou-se narrar os

²⁷ Neste estudo, foi utilizado o conceito de subjetividade de Michel Foucault, ou seja, a maneira como as práticas discursivas e não discursivas constituem os sujeitos – neste caso, as crianças e os jovens de uma casa de acolhimento da cidade de Pelotas/RS. Para mais considerações sobre o conceito de subjetividade, ver *Ditos e escritos: estratégia poder-saber* (Foucault, 2006) e *História da sexualidade: o uso dos prazeres* (Foucault, 1998).

contornos históricos e socioculturais que acompanharam a criação e a transformação das instituições de acolhimento na sociedade brasileira.

Agregado à problematização da proveniência das instituições de acolhimento, o estudo trata também da adoção tardia, um tema que afeta grande parte das crianças e dos jovens brasileiros em situação de acolhimento. A ênfase dedica à adoção tardia deve-se ao fato de ela ter se manifestado repetidamente durante o trabalho de campo que uma das autoras deste estudo desenvolveu junto à casa de acolhimento aqui tratada.

Como estratégia metodológica, inspirou-se na abordagem histórica arqueogenealógica²⁸ de Foucault. Junto com a problematização da proveniência histórica das instituições de acolhimento no contexto brasileiro, abordam-se alguns acontecimentos e exemplos empíricos referentes à adoção tardia que ocorreram especificamente na casa de acolhimento estudada²⁹. Por tratar-se de uma única instituição, foram utilizados os pressupostos metodológicos relacionados a estudos de caso (Severino, 2013).

7.2 Práticas de acolhimento institucional: da emergência à propagação de um dispositivo de captura de “fazer viver”

No século XV, o abandono recorrente de crianças costumava representar a morte desses sujeitos enjeitados³⁰. Tais práticas provocaram a insatisfação de líderes da Igreja Católica, o que deu início, na Europa, ao surgimento de instituições que se encarregassem do recolhimento e do cuidado de crianças enjeitadas. No Brasil, esses espaços passaram a ser criados por volta do século XVIII, com a colonização

²⁸ “A arqueologia se ocupa [...] da episteme, em que os conhecimentos são abordados sem se referir ao valor racional ou a sua objetividade. A arqueologia é uma história das condições históricas de possibilidade do saber” (Castro, 2004, p. 40). “A genealogia estuda a formação, ao mesmo tempo, dispersa, descontínua e regular [dos discursos]” (Foucault, 1996, 65 e 66). A concepção arqueogenealógica afasta-se de uma história cronológica, contemplando uma história dos acontecimentos e da descontinuidade, compreendendo o acontecimento a partir de um campo de disputas que constrói tramas históricas.

²⁹ Por este artigo ter como prioridade fazer uma problematização dos discursos históricos das práticas de adoção optou-se por utilizar somente alguns exemplos empíricos oriundo da estada de campo. Entretanto esta estada no campo por quase dois anos, de marco de 2022 a dezembro de 2023, será utilizado com maior ênfase, em outro artigo que trata prioritariamente do cotidiano, das rotinas diárias das crianças e jovens dessa casa de acolhimento.

³⁰ Modo como os sujeitos em situação de abandono e vulnerabilidade eram nomeados.

portuguesa. Passa-se, então, a importar a arquitetura que prevê a chamada roda dos expostos (Vanti, 2002; Porto, 2011).

Segundo Ariza (s.p), o mecanismo da roda dos expostos era formado por uma caixa dupla, de formato cilíndrico, inserida nos muros de instituições de caridade, como os hospitais. A roda ficava aberta para o exterior, com um espaço para receber a criança, garantindo anonimato a quem ali a deixava. Ao rodar o cilindro, a criança era conduzida ao interior da instituição e por esta era “recolhida”.

A roda dos expostos foi entendida como um dispositivo³¹ que solucionava o abandono dos “enjeitados” (Porto, 2011). Segundo Vanti (2002), em Pelotas, até o fim do século XIX, a responsabilidade sobre o gerenciamento das crianças pequenas era socialmente definida como da família. Nessa época, os atendimentos institucionais voltados para as crianças só aconteciam para aquelas abandonadas a partir da roda dos expostos da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas e do Asylo de Órphãs Nossa Senhora da Conceição.

Essas instituições operavam como mecanismos de controle também das famílias, que eram caracterizadas como “a entidade que não teve competência para cuidar nem de si própria, nem da sua prole, abrindo assim espaço para intervenção externa (da caridade, da filantropia, do Estado)” (Nazario, 2014, p. 38). As famílias pobres eram tidas como desvalidas, assim consideradas a partir de uma lista de carências que era utilizada como justificativa para a retirada dos seus filhos. Segundo Rizzini e Pilotti (2009, p. 325), essas famílias eram julgadas incapazes de criar e educar suas crianças com base nos seguintes critérios:

Não são brancos; não gozam de uma situação familiar clara e estável; não têm paradeiro certo e sabido; não contam com o patrimônio mínimo necessário à sobrevivência digna; não possuem educação formal, nem qualificação profissional adequada; não apresentam moralidade ou gosto inequívoco, bons antecedentes, reputação ilibada, e assim por diante.

³¹ Para Foucault (1995, p. 216), dispositivo constitui-se de “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. O conjunto de regras que incorpora uma instituição não está apenas no dito, mas também no não dito, que permeia o jogo de relações ali existentes que fazem parte da organização de controle e subjetivação dos sujeitos. Ou seja, para Foucault (1995, p. 244), o dispositivo é “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante”.

Esse tipo de caracterização de famílias, crianças e jovens produzia um imaginário de perigo, indolência, criminalidade e doença, o que fazia com que fossem legitimadas estratégias de captura e disciplinamento, em que higienistas intervinham para “regenerar” os corpos considerados infames³².

Aliadas a esses significados, que passaram a funcionar como verdades, articularam-se redes de saberes e atrelaram-se agenciamentos políticos com a intenção de promover a ordem e o controle dos indivíduos e das populações por meio de ações higienistas³³, as quais passaram a intervir sobre os corpos infantojuvenis e eram legitimadas por discursos que objetivavam preservar, mas também subjugar, as vidas desses sujeitos tidos como infames.

7.2.1 Menor como sujeito e objeto da lei

O Código de Menores (Decreto nº 17.943-A, de 12 de outubro de 1927), também conhecido como Código Mello Mattos, introduziu modificações nos espaços de asilos. A referida legislação destinava-se especificamente a pessoas pobres com menos de 18 anos e introduziu uma mudança de paradigma, em que se passa a priorizar a identificação dos menores e não mais a privacidade daqueles que deixavam os bebês na roda dos expostos (Brasil, 1927).

Ao caracterizar as crianças pobres como “menorizadas”, o Código de Menores reconhece as singularidades da infância como uma fase diferente da vida adulta. Porém, com isso são determinadas estratégias de governo que orientam as condutas de identificação dessas pessoas como marginais, perigosas e delinquentes (Nazario, 2014). A partir desse deslocamento na caracterização dos sujeitos, uma série de práticas passou a regular suas vidas, justificando-se, por exemplo, o sequestro de seus corpos por instituições como os asilos. Apesar de o Código de Menores de 1927 prever a extinção das rodas dos expostos, tais dispositivos somente foram abolidos no final de 1940 pelo governo Getúlio Vargas (Porto, 2011).

³² Conceito utilizado por Foucault (2006) para se referir a criminosos não famosos.

³³ O movimento higienista constituía-se como um ideal no final do século XIX e início do século XX no Brasil e tinha como principal preocupação a criação de hábitos e regras de disciplinamento dos sujeitos para a preservação e o aprimoramento da saúde da população coletiva e individual. “Esse movimento tem uma ideia central que é a de valorizar a população como um bem, como capital, como recurso principal da nação” (Góis Junior; Lovisolo, 2003).

Em 1942, a partir do ideário de pátria forte, criou-se o Serviço de Assistência ao Menor (SAM), política que passa a enfatizar a relação entre o abandono de crianças e jovens aos mais pobres, considerando-os, assim, uma ameaça à ordem social, o que era percebido como algo a ser controlado. Normalizou-se, desse modo, o recolhimento de filhos de famílias que não correspondiam aos padrões traçados como ideais em espaços de encarceramento. O SAM era um órgão semelhante às prisões³⁴, porém se destinava especificamente à população com menos de 18 anos de idade (Nazario, 2014).

Durante o período da Ditadura Militar, por meio da Lei nº 4.513, de 1º de dezembro de 1964, cria-se a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), instituição que viria a substituir o SAM. Segundo Nazario (2014, p. 42), esses espaços mantiveram “a linha autoritária e repressiva, configurando-se como um espaço de tortura e de desumanização autorizado pelo Estado”. Tal política ainda representava crianças e jovens enquanto “menores”. Em 1979, instituiu-se o novo Código de Menores, sob a Lei nº 6.697, alterando-se a caracterização de menores delinquentes, menores carentes e menores marginalizados para menores em situação irregular. Conforme destaca Nazario (2014), esse código tem o mesmo viés do anterior, pautando-se em uma perspectiva arbitrária, assistencialista e repressiva.

7.2.2 Crianças e adolescentes como cidadãos legais

O processo de redemocratização no Brasil e o estopim de pautas dos movimentos sociais possibilitaram a promulgação da Constituição Federal de 1988, denominada como a “Constituição Cidadã”, o que fez com que avanços sociais fossem possíveis. Em seu artigo 227, o documento circunscreve a responsabilidade pelas crianças e pelos adolescentes como dever da família, da sociedade e do Estado, colocando-se como prioridade a garantia de seus direitos.

Nesse contexto, é criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em substituição ao antigo Código de Menores de 1979. O ECA, instituído a partir da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, diferentemente dos dois códigos anteriores, caracteriza as crianças e os adolescentes como “sujeitos de direitos”. Com isso,

³⁴ Em *Vigiar e punir*, Foucault (2007) problematiza os objetivos e os efeitos políticos das semelhanças e das diferenças existentes entre prisões e outras instituições que emergem na Modernidade.

passa-se de uma concepção assistencialista e higienista a outra orientada para a proteção integral das crianças e dos adolescentes. O estatuto enfatiza a proibição do abrigo de crianças e jovens com a justificativa de pobreza, apontando a necessidade de políticas públicas voltadas à assistência social, visando um acolhimento às crianças, aos jovens e a suas famílias, com vistas à superação das precariedades que os tornam vulneráveis.

Assim, é possível problematizar as noções de infância, juventude e família em diferentes períodos históricos no cenário brasileiro e pensar como o acolhimento e a institucionalização de crianças fazem parte de estratégias e práticas desenvolvidas para conduzir, controlar e regular os modos de vida dos sujeitos. A partir da invenção das instituições disciplinares, bem como dos saberes e das práticas a elas articulados, foram construídos investimentos e estratégias para gerir a vida de crianças e jovens. Produzidas a partir dos efeitos de uma rede de micropoderes, essas vidas passam a ser potencializadas e valorizadas, desde que estejam em consonância com as lógicas da moderna “sociedade disciplinar” (Foucault, 1995)³⁵.

Na contemporaneidade, uma das principais estratégias utilizadas pela rede de políticas públicas que englobam aqueles em situação de acolhimento é a adoção, a qual foi inventada e continua sendo produzida por uma rede discursiva que inclui saberes científicos, documentos legais, artefatos de mídia, entre outros. Passou-se, assim, a definir a adoção como uma medida extrema, quando inexiste a possibilidade de convivência com a família natural ou extensa, atribuindo todos os direitos e deveres de filhos para crianças e jovens adotados, assim como conferindo direitos e deveres aos adotantes enquanto responsáveis por eles (Brasil, 1990, 2002a, 2017).

O acolhimento institucional faz parte dos serviços de alta complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS)³⁶, voltados ao atendimento de “famílias/indivíduos em situação de abandono, ameaça ou violação de direitos [que] estejam afastados temporariamente de seu núcleo familiar, com os vínculos familiares rompidos ou fragilizados” (Brasil, 2023, n.p.). Esses serviços propõem-se, portanto, a

³⁵ Para mais considerações sobre o papel das instituições na constituição da sociedade disciplinar e as relações de poder que produzem e são produzidas por essa sociedade, ver *Microfísica do poder* (Foucault, 1995).

³⁶ Em 2005, cria-se o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que visa à integração em rede de “políticas de assistência social, de segurança alimentar e nutricional, de renda de cidadania e inclusão produtiva”, a fim de fortalecer a proteção e a promoção social, interligando informações entre estados, Distrito Federal e municípios, alterando também a lógica de distribuição dos recursos (Brasil, 2009b, p. 8).

prevenir situações de negligência, abandono e violência, ou, ao menos, a atenuar tais experiências. Busca-se, assim, fortalecer a convivência comunitária, o restabelecimento de vínculos familiares e o acesso a programas de cultura, lazer e esporte (Brasil, 2023).

7.3 A casa de acolhimento de Pelotas: os sujeitos e o dia a dia da instituição

O acolhimento institucional consiste em uma prática que visa ao retorno ao convívio familiar da forma mais rápida possível, a fim de que o sujeito em situação de acolhimento volte a um espaço seguro. A família de origem é priorizada, porém, caso não seja possível o retorno, procura-se uma família substituta por meio da adoção, da guarda ou da tutela (Brasil, 2023).

Ainda, podem ocorrer casos de desabrigamento por idade, situação em que o jovem completa 18 anos e precisa se retirar da casa de acolhimento (Sayão, 2017). Em algumas cidades, como é o caso de Pelotas/RS, existem moradias conhecidas como repúblicas, nas quais esses sujeitos podem morar até os seus 21 anos de idade.

Na casa de acolhimento F da cidade de Pelotas, objeto deste artigo, a preocupação com o desacolhimento é recorrente, pois, no momento do estudo, diversos jovens ainda não haviam conseguido estruturar suas vidas, o que contribuía para aumentar os sentimentos de ansiedade e insegurança em muitos moradores da casa. A seguir, apresentaremos os sujeitos³⁷ que estavam em situação de acolhimento durante a pesquisa de campo, que aconteceu durante os anos de 2022 e 2023, bem como as características dessa casa de acolhimento.

Como preveem as *Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes* (Brasil, 2009a), não há tipo algum de placa indicando que o local se trata de um espaço de acolhimento institucional.

A casa é a última de uma rua sem saída. Apresenta estrutura grande, com grades cinzas em sua volta, pátio espaçoso e piscina de chão. Há um refeitório junto à sala, que possui dois sofás velhos, nos quais os moradores colocam almofadas para não sentarem diretamente na estrutura de madeira. Há uma televisão grande e um videogame³⁸. Também compõem a estrutura da casa: uma cozinha ampla; uma

³⁷ Todos os nomes trazidos neste artigo são fictícios, a fim de manter o anonimato dos participantes da pesquisa. Os sujeitos apresentados neste texto fazem parte das cenas analisadas.

³⁸ Esta é a única casa com essa possibilidade de lazer, sendo muito disputada pelos acolhidos.

lavanderia; um posto de luz com plantas; três banheiros (dois para os acolhidos e um para os servidores); quatro quartos, divididos entre meninos e meninas e por idades diferentes; uma sala de coordenação; e uma churrasqueira. O perfil principal dos moradores é composto por meninos negros com idades entre 14 e 17 anos. O número de acolhidos não costuma passar de nove.

A instituição conta com uma equipe de profissionais composta por coordenador, psicóloga, assistente social, pedagoga, técnica de enfermagem, três educadores sociais em cada turno e uma cozinheira por turno. O serviço proporciona um ambiente acolhedor, favorecendo o convívio familiar e comunitário, com a possibilidade de as famílias visitarem os abrigados. Em algumas datas, os acolhidos também podem se dirigir às casas dos seus familiares.

Seguindo as indicações das *Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes* (Brasil, 2009a), a casa possibilita aos jovens uma rotina de lazer, oportunizando o convívio comunitário. Além disso, busca-se fortalecer a autonomia dos acolhidos, viabilizando a realização de atividades fora da instituição sem o acompanhamento dos funcionários da casa.

Sempre que possível, a coordenação garante a participação das crianças e dos jovens em projetos sociais e esportivos. O futebol é a prática que os meninos mais procuram, conseguindo participar mesmo quando não há alguém disponível para levá-los, tendo a liberdade de irem a pé ou de ônibus³⁹. Além disso, sempre que conseguem uma bola, costumam ir a um campo ou quadra públicos próximos à instituição para jogar, já que a vizinhança reclama do barulho quando os acolhidos jogam no pátio da casa.

A casa é comumente representada por algumas pessoas de fora da instituição como um lugar perigoso. Alega-se que os acolhidos são jovens que outras instituições não quiseram. Meninos em situação de rua, em fuga ou que já cometeram um crime, por vezes, residem na casa. Porém, esses olhares estereotipados para os sujeitos acolhidos devem ser problematizados.

Alessandro é um adolescente de 14 anos, branco, com olhos claros, que ama desenhar. Fala muitos palavrões e gosta de escutar músicas que não são bem-vistas

³⁹ As meninas e os meninos da casa participavam de diferentes atividades futebolísticas no projeto social Cristal Futsal Feminino, na Escolinha de Futsal Barcelona e na Escola Flamengo. Além disso, atuavam em outras atividades voltadas à musculação e à pintura no Instituto de Menores. Também foram realizadas algumas atividades na Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl).

pelos educadores e pelos outros acolhidos, já que trazem cenários de cunho sexual em suas letras. Desde a infância, morou em todas as instituições de acolhimento da cidade. Sua última casa foi a A. Antes, morava na casa F, de onde pediu para ser transferido por se sentir constrangido depois de ter sido rejeitado por Victória ao pedi-la em namoro.

Victória, uma jovem trans de 14 anos, negra, de olhos castanhos, muito vaidosa, ama seus próprios cachos. Diz-se madura para a idade e tem o sonho de um dia ser adotada. Sofre diariamente com casos de transfobia em diversos espaços. Alega ser bem-acolhida pelos pares da casa, que a protegem na rua e na escola, porém reclama que nem sempre é reconhecida como menina por algumas pessoas que trabalham na instituição. Quer muito ter um namorado que seja mais velho que ela e pensa em um dia ser mãe. Não gosta de ir para a escola, mas lá consegue fazer muitas amizades. Ama as músicas da Gloria Groove e da Pablllo Vittar, e diz se inspirar nelas.

Caio, menino negro, de olhos castanhos, que ama jogar futebol, é um goleiro sem medo de se machucar para defender o gol. Não é alfabetizado, mas é ótimo com as tecnologias – quando os aparelhos eletrônicos estragam, é ele quem conserta. Queria vivenciar a vida de goleiro profissional e se entristece quando dizem que ele é baixo demais para conseguir realizar tal sonho. É colorado⁴⁰ e gosta muito de usar as camisetas de seu time.

Douglas tem 17 anos e é um menino branco com transtorno do espectro autista. Gosta de se comunicar em espanhol, principalmente com pessoas com quem tem pouco contato. Ama o seu celular. Gosta de jogar futebol e de correr, e reclama que os outros acolhidos não deixam ele jogar. Tem uma irmã que mora em outra instituição, porém eles não se adaptaram um com o outro ao conviverem na mesma casa. Quando estão juntos, Douglas se desestabiliza, briga e chora por causa do controle que a irmã tenta exercer sobre ele.

Endrick, menino trans de 16 anos, branco, de olhos castanhos e cabelos curtos, gosta de fazer cortes estilosos no cabelo e de praticar lutas e futebol, denominando-se o craque da casa. Galanteador, flerta com todas as meninas do seu time⁴¹, mesmo tendo uma namorada. Fala que gosta de ser marrento. É o mais encrenqueiro da casa

⁴⁰ Terminologia utilizada para se referir aos torcedores do Sport Club Internacional de Porto Alegre.

⁴¹ Endrick treina e joga em um time de meninas. O jovem preferiu inserir-se em um time feminino mesmo sendo um menino trans.

e diz gostar de criar confusões. “Curte” dormir até tarde, desde que não seja dia do treino do futsal.

7.4 “Eu estou cansado de estar sempre neste abrigo. são sempre os outros que são escolhidos” – adoção tardia: manifestação de uma condição de exclusão⁴²

No Brasil, existe um perfil prioritário de adoção, constituído por crianças pequenas, com menos de 2 anos, brancas, do sexo feminino, sem deficiências ou doenças e que não tenham irmãos. Segundo o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), no primeiro semestre de 2024 havia um total de 35.991 pretendentes à adoção e 4.433 crianças e jovens cadastrados e aptos à adoção no país (Brasil, 2024).

Por haver essa incongruência em relação ao perfil desejado pelos adotantes e o número de crianças e jovens que se enquadram nessa representação, foi criado o conceito de adoção tardia. Segundo Freitas (2014, p. 71), “as adoções são consideradas tardias quando a criança adotada possui mais de dois anos de idade”. Dentre os 4.433 aptos à adoção no país, em março de 2024, somente 49 crianças se enquadravam no perfil tido como ideal (Brasil, 2024). Isso faz com que crianças e jovens que não se encaixam nesse ideário sintam-se frustrados e, muitas vezes, rejeitados.

Para problematizar essa realidade trouxemos a cena a seguir ocorrida em um dia de intervenção no campo.

CENA 1

Chego na casa e pergunto por Alessandro. Dizem que ele está na sala da coordenação e pedem que eu me dirija até lá para encontrá-lo. Entro no recinto para entregar um caderno de desenho, presente desejado pelo menino. O jovem se alegra ao ver o presente e começamos um diálogo.

Alessandro: Tia Lóry, tenho uma novidade que vai te deixar muito feliz. Vou ser adotado! Meu pai vai vir para nos aproximarmos. Ele é lá do Mato Grosso, já tenho falado com ele por videochamada.

Pesquisadora: Que legal! Como está sendo a aproximação? Tu estás gostando? Fico muito feliz por ti!

Coordenadora: Estamos muito felizes, mas o Alessandro vai ter que se esforçar também para que dê certo.

Alessandro: Eu sei. Estou tentando. Estou aprendendo a aceitar o não, por exemplo. Não quero voltar para o abrigo depois de ir. Meu pai já está vindo para Pelotas. Esta semana eu já estou indo morar com ele.

⁴² Fragmento de fala do jovem Caio.

Coordenadora: Sim, eles estão no momento de aproximação. Ele [o pai] vai alugar uma casa aqui para ficar durante 45 dias. Se a aproximação der certo, terá nova audiência para possibilitar a ida do Alessandro para o Mato Grosso. Nos despedimos, pois o menino teria a videochamada com o pai.

Alessandro mostra-se inseguro devido ao medo de não conseguir se adequar ao papel de filho, esperado pela família adotante. Via, na situação, uma oportunidade, algo que não poderia dar errado, já que a adoção tardia é difícil de acontecer. O menino sentia a necessidade e a expectativa de “fazer dar certo”.

O Cadastro Nacional de Adoção (CNA) sinaliza que o principal aspecto que define a escolha dos adotantes é a idade, já que “nove em cada dez pretendentes desejam adotar uma criança de 0 a 5 anos, enquanto essa faixa etária corresponde a apenas 9 em cada 100 das crianças aptas à adoção” (Brasil, 2012, p. 39). No primeiro semestre de 2024, enquanto 49,22% dos pretendentes à adoção desejavam adotar crianças de até 4 anos, 15% dos adotáveis constituíam essa faixa de idade. Quando exceções acontecem, como a do Alessandro, ela chega a produzir um certo estranhamento na casa, como descrito na Cena 2.

CENA 2

Estamos no pátio. Douglas está chorando muito, então me abraça e diz:

Douglas: Eu quero ir embora! Por que eu estou aqui ainda? Eu tenho família, eu não quero mais ficar aqui. Eu tenho família.

Pesquisadora: Calma, Douglas.

Victória: Ele está revoltado esta semana, brigando direto com os educadores.

Douglas: Mas eu tenho família! Não quero ficar aqui. Você tem família?
[Pergunta para Victória.]

Victória: Não, Douglas. Infelizmente, minha mãe já faleceu. Eu não tenho mais família.

Douglas: Sinto muito, mas eu tenho. Não tenho por que ficar aqui.

Endrick: Vamos fugir desse abrigo, cara?

Douglas: Eu não quero fugir, quero ir embora. Eu tenho família.

Douglas segue chorando e repetindo que tem família. Caio comenta sobre a adoção de Alessandro:

Caio: Alessandro foi adotado, né, tia Lóry?

Pesquisadora: Foi sim. Acho que ele está muito bem.

Caio: Está mesmo! Eu estou cansado de estar sempre neste abrigo. São sempre os outros que são escolhidos. Cansei de abrigo.

Por não se encaixarem no perfil mais procurado, os jovens em situação de acolhimento se frustram ao perceberem que não são escolhidos e vislumbram outras formas de serem desinstitucionalizados, como o retorno à família ou, às vezes, a fuga da casa. Caio foge recorrentemente da instituição, já que não vê o espaço como possibilidade de mudança de perspectiva de vida.

Sobre a rejeição a adoção no cenário brasileiro, Saraiva (2022, p. 116) destaca que “são as crianças e os adolescentes negros que seguem não sendo adotados”, principalmente porque a sociedade brasileira é patriarcal, racializada e hierarquizada. Almeida (2019, p. 106-107) denuncia que o Brasil se alicerçou sobre “projetos nacionais [que] caminharam no sentido de institucionalizar o racismo, tornando-o parte do imaginário nacional. Ou seja, o Brasil é um típico exemplo de como o racismo converte-se em tecnologia de poder”, em que a branquitude ajuda a produzir o ideário mais desejado de adoção.

Costa e Rossetti-Ferreira (2007, p. 427) evidenciaram que há uma predileção por “recém-nascidos, de mesma cor de pele que a família adotante e [...] do sexo feminino, visto que mulheres são representadas como mais dóceis e de fácil adaptação a novos ambientes”, além de existir um “medo da realização de adoções tardias”.

Para muitos dos acolhidos, a adoção é como um sonho, mesmo para aqueles que podem ser reinseridos nas famílias e ainda não estão no CNA. Grande parte dos jovens da casa não faz parte do perfil prioritário, ou seja, não são crianças pequenas, brancas, do sexo feminino, sem deficiências e sem irmãos; assim, esse sonho se mostra quase inalcançável.

Esse temor em adotar crianças e jovens maiores é baseado em diversos mitos relativos à adoção, como o de que a criança ou o jovem teria uma genética ruim e já teria desenvolvido maus hábitos devido à sua vivência junto à família de origem e às instituições de acolhimento. Para Schettini, Amazonas e Dias (2006, p. 292), esses mitos se originam da ideia de que os sujeitos adotados poderiam ter uma genética patológica, concepção relacionada a discursos preconceituosos, como o de que “toda família tem uma carga genética e nela estão presentes ‘bons’ e ‘maus’ genes”, uma certa “crença narcísica de que a sua hereditariedade é melhor que a dos outros”.

Os discursos que produzem e reproduzem ideias preconceituosas, como a de que somente é possível formar ou reconstituir “a personalidade, o caráter, o temperamento e os mecanismos de socialização da criança [...] enquanto esta ainda é pequena” (Camargo, 2005, p. 175) e a de que as crianças mais velhas já teriam introjetado valores, hábitos e comportamentos ruins, afastam e desencorajam as famílias interessadas na possibilidade de adoção tardia.

Esses discursos excludentes ajudaram a criar no corpo social a crença de que a adoção tardia é um risco, potencializando a adoção de uma criança branca e em tenra idade como desejo social hegemônico.

7.5 Considerações finais

Neste artigo, buscamos compreender e problematizar como se produzem, ao longo do tempo, os contornos sócio-históricos acerca das práticas de acolhimento. Assim, problematizamos como, no Brasil, essas práticas institucionais emergiram e se reconfiguraram em diferentes momentos históricos, atendendo aos interesses sociais dominantes.

No contexto das casas de acolhimento, uma das principais contradições que configuram o campo da adoção no século XXI é o fato de que a maioria das crianças e jovens que estão à espera de serem adotados não contempla os interesses e os desejos predominantes no corpo social e entre as famílias interessadas na adoção. Boa parte desse descompasso entre os desejos de quem tem interesse na adoção e aqueles que aguardam para serem adotados decorre de uma série de discursos e práticas que ajudaram a construir uma ideia negativa acerca da adoção tardia, desqualificando-a e rotulando-a como algo perigoso, que não teria as mesmas possibilidades de sucesso que a adoção de uma criança em tenra idade.

Socialmente, produziu-se um ideal de filho adotivo que implica semelhanças com as de um filho biológico. Prioriza-se adotar crianças pequenas com os mesmos traços raciais dos pais, sem irmãos, deficiências ou doenças. Assim, muitos dos sujeitos que estão à espera de serem adotados frequentemente são rejeitados, não apenas pela idade, mas pela intersecção entre essas especificidades que constituem um ideal social de filho desejado.

A análise acerca das práticas de acolhimento também possibilitou problematizar os contornos sociais que produzem a adoção tardia e fazem com que a maior parte dos jovens pesquisados tenha seu processo de adoção impossibilitado, já que existem representações construídas e compartilhadas de um perfil adotável que não corresponde à maior parte das crianças e dos jovens em situação de acolhimento.

Por isso, muitos jovens acolhidos que estão mais velhos e sabem que não fazem parte desse perfil se sentem angustiados e, com frequência, levantam em suas

narrativas a problemática da adoção tardia, pois a adoção tardia os constitui e se configura como componente das suas subjetividades. Quando a adoção tardia acontece na casa, ocorre um estranhamento generalizado, quase um luto, entre os que não foram adotados, pois estes se questionam o porquê de ainda não terem sido adotados.

A contradição existente no Brasil entre famílias interessadas em adotar e um grande número de crianças e jovens à espera de serem adotados é, em boa parte, resultado de uma história de discursos e práticas de adoção que forjaram um modelo de criança socialmente desejada para se adotar: branca, saudável e de tenra idade. Nesse sentido, as problematizações empreendidas neste artigo objetivaram e possibilitam ajudar a questionar, desnaturalizar e desconstruir os modelos históricos das práticas de adoção que desqualificam parte dos jovens em situação de acolhimento, como é o caso dos discursos que ajudam a estigmatizar e desqualificar a adoção tardia.

Referências

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARIZA, Marília Bueno de Araujo. Roda dos expostos (1825-1961). **Santa Casa de Misericórdia de S. Paulo**, [20--]. Disponível em: <https://santacasasp.org.br/museu-curiosidades/>. Acesso em: ago. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: dez. 2021.

BRASIL. Acessar a unidade de acolhimento: “serviço de acolhimento”, “unidade de acolhimento”. **Gov.br**, atual. 18 ago. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-unidade-de-acolhimento>. Acesso em: fev. 2023.

BRASIL. Cadastro Nacional de Adoção. **Portal CNJ**, 2012. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br>. Acesso em: out. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 17.943-A, de 12 de outubro de 1927**. Consolida as leis de assistência e proteção a menores. Rio de Janeiro: Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, 1927. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17943-a-12-outubro-1927-501820-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002.** Institui o Código Civil. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406compilada.htm. Acesso em: dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.509, de 22 de novembro de 2017.** Dispõe sobre adoção e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil). Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13509.htm. Acesso em: out. 2023.

BRASIL. Lei nº 4.513, de 1º de dezembro de 1964. Autoriza o Poder Executivo a criar a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, a ela incorporando o patrimônio e as atribuições do Serviço de Assistência a Menores, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1964. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4513.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%204.513%2C%20DE%201%C2%BA%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201964.&text=Autoriza%20o%20Poder%20Executivo%20a,Menores%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em:

BRASIL. **Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979.** Institui o Código de Menores. Brasília, DF: Presidência da República, 1979. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6697.htm. Acesso em: out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: jan. 2023.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações técnicas:** serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009a. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf. Acesso em: out. 2021.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **SUAS:** Sistema Único de Assistência Social. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009b. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Consolidacao_Suas.pdf. Acesso em: jan. 2023.

BRASIL. Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento. **Portal CNJ**, 2024. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br>. Acesso em: mar. 2024.

CAMARGO, Mário Lázaro. **Adoção tardia:** representações sociais de famílias adotivas e postulantes à adoção (mitos, medos e expectativas). 2005. 269 f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/138a5e13-27ed-40de-9598-025aaaeb604b/content>. Acesso em: dez. 2021.

CASTRO, Edgardo. **O vocabulário de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel. A cultura no plural. Campinas papiros, 1995.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer. Petrópolis Vozes, 194.

COSTA, Nina Rosa do Amaral; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 3, pp. 425-34, 2007. DOI: 10.1590/S0102-79722007000300010.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: estratégia poder-saber. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. v. 4.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003. v. 2.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro. Vozes, 2007.

FREITAS, Sayonara Oliveira. **Histórias de adoção tardia**: considerações a partir da analítica existencial heideggeriana. 2014. 179 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/19405/1/SayonaraOliveiraFreitas_DISERT.pdf. Acesso em: ago. 2022.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/172>. Acesso em: ago. 2022.

NAZARIO, Roseli. **A infância das crianças pequenas no contexto de acolhimento institucional**: narrativas de meninas e meninos na Casa(Lar). 2014. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: https://www.ciespi.org.br/media/files/fcea049a8ec4d511ecbe6e5141d3afd01c/f2ba3f63fc4d711ecbe6e5141d3afd01c/TD19ACI054_2014.pdf. Acesso em: set. 2021.

PORTO, Rosane de Albuquerque. **Roda dos expostos**: deslocamentos do livro ao jornal. 2011. 226 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira e Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e Teoria Literária, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/130857/322023.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: set. 2021.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SARAIVA, Vanessa Cristina dos Santos. **O racismo institucional nos percursos da adoção**. 2022. 292 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SAYÃO, Yara. Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes: supervisão institucional e estágio de psicologia como formas de intervenção. *In*: MACHADO, Adriana Marcondes; LERNER, Ana Beatriz Coutinho; FONSECA, Paula Fontana (Orgs.). **Concepções e proposições em Psicologia e Educação**. São Paulo: Blucher, 2017, pp. 191-208.

SCHETTINI, Suzana Sofia Moeller; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 2, pp. 285-293, 2006. DOI: 10.1590/S1413-73722006000200007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

VANTI, Elisa dos Santos. A breve história de Ethelvina: caridade, filantropia e assistência à infância em Pelotas, Rio Grande do Sul (1875-1900). **História da Educação**, v. 6, n. 12, pp. 143-158, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30573>. Acesso em: ago. 2023.

8 ARTIGO B - O FUTEBOL COMO PRODUTOR DE SUBJETIVIDADE: UM ESTUDO A PARTIR DE CRIANÇAS E JOVENS DAS CASAS DE ACOLHIMENTO DA CIDADE DE PELOTAS/RS

O futebol como produtor de subjetividade: um estudo a partir de crianças e jovens das casas de acolhimento da cidade de Pelotas/RS⁴³

El fútbol como productor de subjetividad: un estudio con niños y jóvenes de albergues de la ciudad de Pelotas/RS

Football as a producer of subjectivity: a study based on children and young people from shelters in the city of Pelotas/RS

Le football comme producteur de subjectivité : une étude basée sur des enfants et des jeunes des refuges de la ville de Pelotas/RS

**Lóry da Silveira Ribeiro⁴⁴
Luiz Carlos Rigo⁴⁵**

Resumo

O artigo teve como objetivo analisar, a partir de inspiração etnográfica, de que forma o futebol atravessou e produziu as subjetividades das crianças e dos jovens moradores das casas de acolhimento, baseando-se no trabalho realizado pelo francês Wacquant (2002). O estudo de campo deu-se através da presença dos autores nas casas de acolhimento entre março de 2022 e dezembro de 2023. As observações foram realizadas pela pesquisadora, com a frequência de uma vez por semana e duração de uma hora em cada instituição. No período das Copas do Mundo essa dinâmica mudou, pois era acompanhada toda a duração dos jogos. A pesquisa realizada junto às casas de acolhimento nos possibilitou identificar que, apesar de se encontrarem em uma situação distinta da de jovens que estão junto a uma família, as crianças e os jovens que residem nessas instituições também constituem suas subjetividades atravessadas por fenômenos culturais, como é o caso do futebol.

Palavras-Chave: Futebol; Subjetividades; Casas de acolhimento; Crianças; Jovens.

Resumen

El artículo tuvo como objetivo analizar, a partir de inspiración etnográfica, cómo el fútbol atravesó y produjo las subjetividades de niños y jóvenes que viven en hogares de acogida, a partir del trabajo realizado por el francés Wacquant (2002). El estudio de campo se desarrolló mediante la presencia de los autores en los albergues entre marzo de 2022 y diciembre de 2023. Las observaciones fueron realizadas por la investigadora, una vez por semana y con una duración de una hora en cada institución. Durante el período del Mundial, esta dinámica cambió, ya que se monitoreó toda la duración de los juegos. La investigación realizada en las casas de acogida permitió identificar que, a pesar de encontrarse en una situación diferente a la de los jóvenes que se encuentran con una familia, los niños y jóvenes que residen en estas instituciones también constituyen sus subjetividades atravesadas por fenómenos culturales. , como Este es el caso del fútbol.

Palabras clave: Fútbol; Subjetividades; Casas de acogida; Niños; Jóvenes.

⁴³ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar – EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

⁴⁴ Mestre em Educação; Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; Pelotas, Rio Grande do Sul e Brasil; loryedufr@gmail.com.

⁴⁵ Doutor em Educação; Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; Pelotas, Rio Grande do Sul e Brasil; rigooperini@gmail.com.

Abstract

The article aimed to analyze, based on ethnographic inspiration, how football crossed and produced the subjectivities of children and young people living in shelter homes, based on the work carried out by the Frenchman Wacquant (2002). The field study took place through the presence of the authors in the shelters between March 2022 and December 2023. The observations were carried out by the researcher, once a week and lasting one hour in each institution. During the World Cup period, this dynamic changed, as the entire duration of the games was monitored. The research carried out at the shelter homes enabled us to identify that, despite finding themselves in a different situation from that of young people who are with a family, the children and young people who reside in these institutions also constitute their subjectivities crossed by cultural phenomena, such as This is the case with football.

Keywords: Football; Subjectivities; Shelters; Children; Young people.

Résumé

L'article visait à analyser, à partir d'inspiration ethnographique, comment le football traversait et produisait les subjectivités des enfants et des jeunes vivant dans des foyers d'hébergement, à partir des travaux menés par le Français Wacquant (2002). L'étude de terrain s'est déroulée grâce à la présence des auteurs dans les refuges entre mars 2022 et décembre 2023. Les observations ont été réalisées par le chercheur, une fois par semaine et d'une durée d'une heure dans chaque établissement. Pendant la période de la Coupe du Monde, cette dynamique a changé, puisque toute la durée des matchs était surveillée. Les recherches menées dans les foyers d'accueil ont permis de constater que, bien qu'ils se trouvent dans une situation différente de celle des jeunes en famille, les enfants et les jeunes qui résident dans ces institutions constituent également leurs subjectivités traversées par des phénomènes culturels. , comme C'est le cas du football.

Mots-clés: Football; Subjectivités; Abris; Enfants; Jeunes.

8.1 Introdução

Este texto é fruto de uma pesquisa com inspirações etnográficas que aconteceu juntamente com crianças e jovens moradores de instituições de acolhimento da cidade de Pelotas/RS. A pesquisa procurou analisar de que forma o futebol atravessou e produziu as subjetividades⁴⁶ das crianças e jovens.

Essa investigação aconteceu a partir de inspiração etnográfica. Baseamo-nos no trabalho realizado pelo francês Loïc Wacquant, no livro *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe* (2002, p. 11), no qual o autor se propõe a conhecer o boxe do gueto estadunidense, procurando

capturar e restituir essa dimensão carnal da existência, [...] partilhada, em graus diversos de visibilidade, por todos e por todas, através de um trabalho metódico e minucioso de detecção e de registro, de decodificação

⁴⁶ Conceito foucaultiano acerca da maneira como os sujeitos são constituídos a partir de práticas discursivas e não discursivas. Para mais considerações sobre o conceito de subjetividade, ver: *Ditos e escritos: estratégia poder-saber* (Foucault, 2006) e *História da sexualidade: o uso dos prazeres* (Foucault, 2003).

e de escritura capaz de capturar e transmitir o sabor e a dor da ação, o som e a fúria do mundo social que as abordagens estabelecidas das ciências do homem colocam tipicamente em surdina, quando não os suprimem completamente.

O estudo de campo deu-se através da nossa presença nas casas de acolhimento entre março de 2022 e dezembro de 2023. Durante esse tempo, foi acertado junto às direções das instituições que a pesquisadora faria uma visita por semana durante uma hora em cada instituição. No período das Copas do Mundo, essa dinâmica mudou, com acompanhamento durante toda a duração dos jogos de futebol. Como ferramenta para produção de fontes de pesquisa, utilizamos um gravador (a partir de um aplicativo no celular da pesquisadora) e um diário de campo. Neste artigo, vamos nomear as casas com o nome dos estádios da cidade de Pelotas, sendo elas a Casa Boca do Lobo, a Casa Bento Freitas e a Casa Nicolau Fico⁴⁷.

8.2 Futebóis nas/das casas de acolhimento

O futebol é uma prática cultural diversa, produzida em múltiplas versões e modos de jogar, que são repletos de singularidades. Com isso, fabrica-se o que Damo (2005) chama de “futebóis”, já que “a diversidade de formas de jogar futebol ultrapassa qualquer definição pautada em jogos e regras oficiais, ou seja, o futebol é produzido de muitas maneiras em diferentes contextos” (Faria, 2007, p. 8). Na prática, acontece um engendramento em que os sujeitos produzem o jogo e o jogo produz os sujeitos.

Nas casas de acolhimento, os futebóis estavam presente de muitas maneiras, e pequenos jogos eram (re)construídos, com regras e modos próprios de jogar. Por vezes, as crianças e jovens não se comunicavam verbalmente sobre as regras ou jeitos de jogar, porém, ao se olharem, sabiam como a prática deveria acontecer. Em alguns momentos paravam a partida e diziam “a gente tem que explicar para ela”, referindo-se à pesquisadora. As regras giravam em torno de dribles, gols ou mesmo passes. “Quem levar o gol saí!”, “Quem fizer o gol vira goleiro!”, “Se conseguir

⁴⁷ Boca do Lobo é o Estádio do Esporte Club Pelotas; Bento Freitas, do Grêmio Esportivo Brasil; e Nicolau Fico, do Grêmio Atlético Farroupilha.

atravessar o pátio me driblando eu desisto de jogar futebol!”, “Tem que dar três passes antes do gol, senão não vale!”.

A casa Boca do Lobo⁴⁸, diferentemente das outras, tinha à disposição muitas bolas, a maioria furada ou murcha, com que os acolhidos podiam brincar. Com isso, os jogadores da casa, que eram os maiores, ficavam com a bola que a pesquisadora levava e faziam o “jogo oficial”. Os menores e as meninas ficavam fazendo pequenos jogos ao redor do campo com as outras bolas que estavam disponíveis no pátio. Nessa casa, as crianças pequenas e as meninas geralmente eram os “de fora”⁴⁹ (Faria, 2011), a não ser quando faltavam jogadores. Alguns meninos maiores (10-11 anos) se negavam a participar se as meninas quisessem jogar. Jeferson⁵⁰ (10 anos) explicitava:

- Ah não, tia! Futebol não é coisa de menina, se ela [se referindo a Sara, de 12 anos] jogar eu não jogo (Jeferson).
- Por que você acha que menina não pode jogar futebol? (Pesquisadora).
- Porque sim, é assim e pronto. É coisa de menino, se ela jogar eu não jogo [socando a almofada que tinha no colo] (Jeferson).
- Mas às vezes vocês me convidam para jogar, por que eu posso e ela não? (Pesquisadora).
- Ah, sei lá, tia, porque sim, ela é chata e é menina, nós sempre jogamos só os meninos. (Jeferson).

Quando a menina tentou entrar no time e jogar, o menino acima citado saiu e relatou que estava chorando de raiva por ela ter entrado no jogo. Os meninos maiores dessa instituição tinham menos resistência em aceitar a participação nas partidas dos meninos pequenos (3-5 anos) do que das meninas, mesmo se elas fossem maiores. Quando faltavam jogadores “grandes”, os meninos pequenos eram “escalados” para os times, geralmente para ficarem no gol. Quando tinham poucos meninos maiores, eles gostavam de ficar ensinando os pequenos como deviam jogar, quais habilidades e de que forma deveriam aprender. Além disso, os meninos gostavam de criar

⁴⁸ Boca do Lobo é o nome do estádio do clube profissional da cidade de Pelotas, o Esporte Clube Pelotas.

⁴⁹ Ao tratar do futebol praticado por jovens urbanos, Faria (2011) classifica como “de fora” aqueles que ficam do lado de fora do campo, esperando uma oportunidade para entrar no jogo, com uma atuação futebolística em que existe um revezamento e uma disputa para a participação e a permanência no jogo.

⁵⁰ Todos os nomes são fictícios para manter o anonimato dos participantes.

competições de embaixadinhas, para as quais a pesquisadora era convidada para ser a juíza e contabilizar quem conseguia fazer mais sem deixar a bola cair no chão.

Na casa Nicolau Fico⁵¹, os novos integrantes, quando chegavam costumavam gostar do futebol e querer jogar, faziam pequenos jogos de passe, condução e chute ao gol (a goleira era feita entre uma árvore e o muro da instituição). Porém, por ser a única instituição que contava com o trabalho de uma professora de Educação Física, aos poucos se desinteressavam pelos jogos de futebol, porque a professora gostava muito de vôlei, montava a rede e convidava as crianças e jovens para jogar, o que gerava um gosto maior pelo vôlei do que pelo futebol.

As experiências vão produzindo as subjetividades desses sujeitos, a partir dos ensinamentos produzidos e disseminados, demonstrando que tais vivências se produzem de forma pedagógica, construindo formas de ser, gostos e hábitos (Wortmann; Ripoll; Possamai, 2012).

A casa Bento Freitas⁵², entre todas as instituições, era na qual mais aconteciam jogos de futebol. Dentro do pátio não era possível haver chutes fortes (os vizinhos eram idosos e reclamavam do barulho que a bola fazia no muro), por isso os jogos ocorriam em torno de passes. Quando crianças e jovens tentavam desenvolver jogos que geravam barulho, eram punidos com a retirada da bola, por isso os acolhidos pediam para sair da casa com a pesquisadora. Essa era a única instituição que a coordenação possibilitava que os moradores da casa se deslocassem até um campo de futebol, que ficava próximo a instituição, para realizar oficinas de futebol. Os acolhidos se sentiam parte daquele espaço, modificavam goleiras de lugar, achavam os espaços com a grama mais baixa, sabiam qual parte do campo estava melhor para jogarem etc.

Figura 1 - Meninos acolhidos organizando o campo para o jogo⁵³

⁵¹ Nicolau Fico é o nome do estádio de um dos clubes profissionais da cidade de Pelotas, o Grêmio Atlético Farroupilha.

⁵² Bento Freitas é o Estádio do Grêmio Esportivo Brasil, outro clube profissional da cidade.

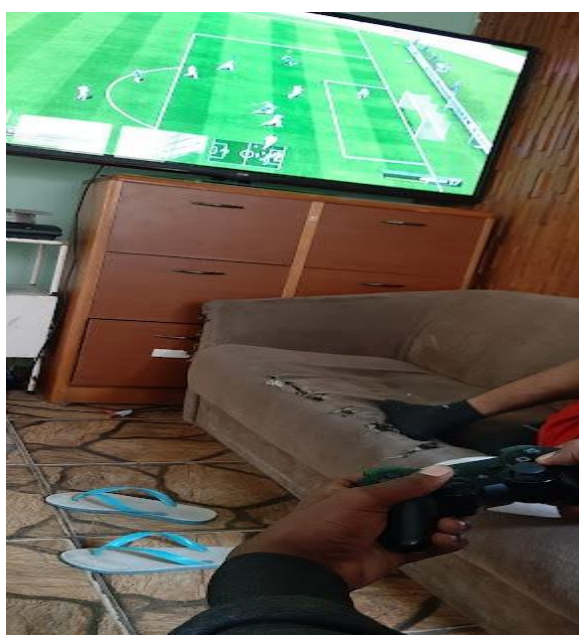
⁵³ Em todas as fotos que aparecem crianças e jovens acolhidos os rostos ficaram desfocados para manter o sigilo de suas imagens.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Nessa casa o futebol também era disputado no videogame, os jovens, principalmente os meninos, utilizavam os jogos de futebol no aparelho para escolherem e jogarem como se fossem os jogadores que os inspiravam, sobretudo futebolistas dos times europeus. Além disso, os jovens seguiam os seus ídolos nas redes sociais e olhavam as melhores jogadas deles no *YouTube*. Os moradores da casa também consumiam produtos, principalmente os simulacros, pois, mesmo não tendo condições de comprar os originais, faziam o possível para terem acesso a esses artefatos que traziam o nome dos ídolos.

Figura 2 - Jogo de videogame



Fonte: acervo da pesquisadora.

Os jovens das casas de acolhimento também são socialmente convocados a participar do processo de “futebolização” (Koch, 2022), fenômeno recente que possibilita que o futebol europeu seja acompanhado por sujeitos dos diferentes continentes. Essa globalização futebolística possibilita que muitos deles tenham preferência pelos times europeus. A adesão por determinado clube pode estar relacionada a muitos fatores distintos, como a conquista de títulos e a presença de jogadores famosos. Esse processo de “futebolização” funciona como uma pedagogia futebolística que influencia nos gostos e nas escolhas dos jovens, inclusive nos das casas de acolhimento de Pelotas.

8.3 Treinos e jogos

Os meninos jovens da casa Bento Freitas tiveram a oportunidade de treinar em mais de uma escola voltada ao futsal e ao futebol de campo. Porém, na primeira escolinha, por vezes, eles reclamavam por se sentirem expostos e humilhados, já que o técnico chamava a atenção deles quando erravam, demarcando que não pagavam mensalidade. Na segunda escola eles relataram que se sentiam bem recebidos e que a maior parte dos outros jogadores não sabia que eles eram acolhidos.

O futebol demarca um espaço importante na vida desses jovens. Alguns sonham em um dia vivenciar a vida de jogadores profissionais. Os espaços para treinamento costumavam ser uma oportunidade bastante disputada entre eles, e a maioria relatou que gostava de participar. Quando não tinham transporte para levá-los ao local de treino, eles iam a pé, de ônibus, ou ligavam para a pesquisadora perguntando se ela poderia levá-los. As famílias da maioria dos outros jovens, que não eram das casas de acolhimento, costumavam se fazer presente nos treinos e nas competições. Essa particularidade provavelmente contribuiu para que a pesquisadora fosse várias vezes convidada pelos meninos acolhidos para acompanhá-los nos jogos e treinos mesmo quando não necessitavam de transporte, pois pediam que ela fosse para torcer e vê-los jogar.

Figura 3 - Campeonato na escola de futebol



Fonte: acervo da pesquisadora.

Os treinos e jogos também atuavam como espaços que representavam uma possibilidade de os jovens das casas ampliarem as práticas de sociabilidade. Encontravam amigos, riam juntos, trocavam angústias da ânsia em serem jogadores e por vezes brigavam, principalmente entre si. Nos campeonatos, diferentemente dos treinos, os meninos relatavam muito nervosismo. Quando faziam gol, costumavam se provocar se estivessem em times opostos; quando erravam alguma jogada, choravam, gritavam ou queriam brigar com aqueles que acertavam e provocavam.

Um dos acolhidos, um jovem transgênero⁵⁴, escolheu ir para um time feminino, já que se sentia mais à vontade jogando com as meninas. Relatou se sentir bem acolhido pelo time e, apesar de ter dificuldades em seguir as regras e rotinas da casa, era responsável com os treinos e jogos. Dizia que tinha medo de ser retirado do time ou de não ter habilidade suficiente para se destacar. A quadra em que treinava era perto da casa de acolhimento, por isso era o único que tinha a torcida dos outros acolhidos, que conseguiam se deslocar a pé para torcer por ele.

⁵⁴ “Pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” (Jesus, 2012, p. 25).

Figura 4 - Treinamento do time de futsal



Fonte: acervo da pesquisadora.

Muitas vezes o jovem trans discutia e brigava com as meninas ou mesmo com o treinador, por se sentir injustiçado quando era mandado para o banco ou quando recebia um cartão por falta. Ele explicitava que essas explosões que aconteciam nos jogos eram por ele se dedicar bastante à equipe e pelo valor que ele atribuía ao futebol: *“o futebol é a única coisa que me faz bem naquela casa”* (Endrick, 16 anos).

Rigo e Torrano (2013) ressaltam que o futebol está entre as modalidades esportivas que mais possuem praticantes e torcedores, constituindo-se como uma importante expressão cultural ou como um “Esporte das Multidões” (Giulianotti, 2002). Esse futebol que se produz no século XXI tornou-se um fenômeno das multidões, um espetáculo global com certos padrões internacionais e determinada organização de tempo e espaço (Pisani; Kessler, 2022), e convive com uma pluralidade de futebóis que estão carregados de singularidades locais.

8.4 Copas do Mundo

Durante a Copa do Mundo Fifa masculina 2022, acompanhamos os jogos junto às três casas de acolhimento. Em cada casa existiam dinâmicas diversas, e os jogos tinham significados diferentes para os acolhidos.

Na casa Boca do Lobo⁵⁵, por se tratar de crianças pequenas, o maior significado que girava em torno do evento era o do “dia de pipoca e suco”, já que durante os jogos da Seleção brasileira eram disponibilizados tais alimentos. Além disso, as crianças gostavam muito de utilizar a pintura de rosto, fazendo desenhos por todo o corpo.

O único jogo da Seleção brasileira assistido nessa instituição foi o Brasil *versus* Croácia, no qual o Brasil foi eliminado da competição. Um dos meninos mais velhos (10 anos) ficou arrasado com a perda e chorou muito, explicitando o quanto a Seleção e essa vitória eram importantes para ele. Para Koch (2014, p. 121), essas expressões emocionais de crianças maiores durante as Copas do Mundo acontecem porque se cria a ideia de que “quem vai ganhar é a equipe para quem ela torce. Para as [crianças] maiores, além da eliminação, precisam lidar com a desconstrução da imagem de que o futebol brasileiro não é tão bom assim”.

Na casa Nicolau Fico havia dois jovens e uma bebê acolhidos durante o megaevento esportivo. A Copa do Mundo mudou a rotina da casa, pois todos se juntavam para assistir – professora, pesquisadora, coordenadora, educadores e acolhidos. Quando a bebê estava presente, era solicitado que a torcida fosse silenciosa para não a assustar. Uma das jovens relatava não gostar de futebol e preferia dormir a assistir aos jogos, mas explicitava que gostava quando tinha pipoca, amendoim e refrigerante nos dias de jogo. O outro jovem gostava de assistir aos jogos e dizia torcer contra o Brasil, mesmo tendo comprado uma camiseta da Seleção brasileira e pintar todo o rosto de verde e amarelo durante os jogos.

Na casa Bento Freitas durante a Copa do mundo masculina, os meninos ficavam ansiosos pela hora do jogo da Seleção. Havia apenas duas meninas na casa, que não demonstravam interesse em assistir aos jogos e, inclusive, pediam para passear no horário das partidas, o que era permitido. Os meninos comparavam suas jogadas e histórias de vida com as dos jogadores, relatando o sonho em poderem vestir a camisa da Seleção brasileira um dia.

⁵⁵ Essa foi a casa que tivemos menos oportunidades de assistir aos jogos, já que, no início da Copa do Mundo masculina, servidores da casa tiveram Covid-19 e acabaram transmitindo para algumas crianças, por isso a casa ficou em isolamento por sete dias.

Tia Lóry, eu me inspiro muito no Richarlison, negro e pobre que nem eu, e olha aonde ele chegou. Basta eu me esforçar! Tu não acha, tia? Se eu me esforçar muito, batalhar muito, pode ser eu com a camiseta da Seleção um dia. Se ele conseguiu, eu também consigo (Gustavo, 16 anos).

A narrativa de Gustavo ressalta a representatividade positiva que muitos jovens depositam nos futebolistas da Seleção, o quanto o futebol representa para ele uma possibilidade de mudança de vida e o modo como atua na produção de suas subjetividades. No final da Copa do Mundo masculina, na hora dos pênaltis, Caio (15 anos), que durante os jogos de futebol de que participa fica na posição de goleiro, tentava premeditar se o goleiro iria defender ou não, para qual lado iria se jogar. Às vezes ele tentava demonstrar qual seria a melhor forma de defender os pênaltis. Por vezes, o menino se comparava ao goleiro Martínez⁵⁶, da Argentina, dizendo que também se sacudia e provocava no gol para desestabilizar os adversários na hora da batida de pênaltis. Para Koch (2014, p. 111), crianças e jovens são educados pelas expressões culturais que os cercam, por isso se espelham em seus ídolos “repetindo falas, gestos, comportamentos, estética dos penteados e cortes de cabelos, e trajando roupas e calçados dos seus ídolos [...] para se assemelharem a eles”.

Quando a Argentina ganhou a Copa do Mundo de 2022, a pesquisadora e os meninos acolhidos pularam, vibraram, gritaram e se abraçaram todos juntos em comemoração e emoção. Durante a premiação, Rihanna (15 anos) se posicionou e fez várias *selfies* com a televisão, explicando: *“todo mundo tá postando, tenho que postar também [e mostrar] que assisti o jogo, né!?”*. Isso demonstra que, apesar de relatar anteriormente que odiava jogos de futebol, a menina não queria ficar “de fora” da postagem do momento.

As mídias sociais são um importante meio de representações de juventudes na contemporaneidade, e cada vez mais é importante fazer parte desse espaço para não ser excluído socialmente. Ademais, é recomendado um investimento cada vez maior na visibilidade dos sujeitos a partir de uma sociedade do espetáculo, em que é necessário expor a intimidade, o dia a dia, as práticas, os desejos, os sonhos, os medos etc. (Fischer, 1998), questões que perpassam o cotidiano dos acolhidos dessa

⁵⁶ Damián Emiliano Martínez Romero, ou simplesmente Emiliano Martínez, é um futebolista argentino que atua como goleiro. Atualmente, joga pelo Aston Villa. Destacou-se na Copa do Mundo de 2022, sendo o melhor goleiro do torneio, e consagrou-se conquistando o título.

casa, a qual, por acolher jovens com idades mais avançadas, é a única das três que permite a utilização de celulares.

Durante a Copa do Mundo Fifa feminina 2023, só foi possível acompanhar os jogos na casa Bento Freitas, já que o megaevento acontecia cedo da manhã, o que atrapalharia a rotina das outras casas que tinham crianças pequenas. Nas casas em que não era possível assistir aos jogos, o “clima de Copa” foi proposto a partir do álbum de figurinhas e de um “bolão”. O “bolão” foi pouco aceito pelas crianças, e elas relataram que achavam chato tentar adivinhar os resultados. Aqueles que se propunham a tentar apostavam em resultados difíceis de se concretizarem, como 10 a 1.

Antes da Copa do Mundo feminina começar, além de pedirmos autorização para a coordenação da casa Bento Freitas, perguntamos se os jovens acolhidos gostariam de assistir aos jogos junto com a pesquisadora, convite que eles aceitaram, mesmo os horários das partidas modificando suas rotinas e fazendo com que aqueles que não costumavam acordar cedo o fizessem para torcer durante o megaevento. Os jogos da seleção brasileira modificavam o café da manhã: a pipoca era utilizada como estratégia de aproximação da TV com o estádio, assim como o sofá, os bancos e as cadeiras, que serviam de arquibancadas. Percebemos essa equivalência, já que, assim como nos estádios de futebol, as casas eram tomadas por um espírito esportivo que modificava seus moldes tradicionais de sala, e o ambiente se tornava um espaço de torcer no qual se juntavam pesquisadora, moradores e funcionários das casas.

Por vezes, os acolhidos costumavam comparar as jogadoras com os jogadores, criando nomes diferentes para as atletas – por exemplo, a “Richarlisa” (Debinha) e a “Neymarta” (Marta) –, como uma forma de exaltar as jogadoras e suas performances, já que os jovens têm como referência o futebol masculino. Com isso, produziram-se tensionamentos do que é tido como normal, natural, por exemplo, ao analisar o quanto as mulheres também sabem jogar futebol com excelência. Nas casas em que não foi possível ver os jogos, tais problematizações aconteceram de forma mais breve, com algumas das crianças e jovens ainda relatando certo estranhamento a mulheres no futebol, explicitando que entendiam o esporte enquanto algo específico dos homens apenas.

8.5 Artefatos da Copa

Compreendemos os artefatos disparadores enquanto constituintes de pedagogias culturais que educam (Wortmann; Costa; Silveira, 2015). Nessa perspectiva, surgem outras formas de analisar e problematizar os efeitos produtivos dos diversos artefatos fabricados na cultura, entre eles os que aqui chamamos de artefatos da Copa.

No mês anterior à Copa do Mundo feminina, questionamos se as crianças e os jovens acolhidos estavam ansiosos pelo evento, entretanto a maioria deles não sabia que ele aconteceria. Na casa Boca do Lobo, espaço que foi amplamente decorado para a Copa do Mundo masculina, as educadoras se surpreenderam ao saber que aconteceria a Copa do Mundo feminina no ano de 2023, e não foi realizado investimento decorativo algum na instituição. A falta de conhecimento quanto ao megaevento reproduz uma cultura que por diversas vezes invisibiliza o futebol feminino no país. Um exemplo disso foi a dificuldade que tivemos de adquirir o álbum e as figurinhas da Copa do Mundo feminina, o que só se efetivou por meio de um site na internet, diferentemente do álbum e das figurinhas da Copa do Mundo masculina, que eram vendidos em muitas localidades da cidade.

Os artefatos utilizados durante os jogos das Copas do Mundo se destacaram de diferentes modos em cada instituição. Os álbuns e as figurinhas foram os itens mais significativos em todas as casas. Os álbuns eram alvo de desejo em todas elas, sendo pedidos de presente pela maioria das crianças e jovens, principalmente do gênero masculino. Na casa Boca do Lobo, por serem crianças menores, essa situação ficava mais evidente, gerando diferentes disputas e emoções.

- *Tia, deixa eu colar as figurinhas primeiro? (Pedro, 12 anos).*
- *Tia, né que eu já pedi? (Paulo, 11 anos).*
- *Eu também quero, tia! (Bento, 4 anos).*
- *Todos vão poder colar, um de cada vez! (Pesquisadora).*
- *Ah, só porque eu pedi eles também quiseram, não quero mais, também! (Pedro) [ao falar isso, se retirou chorando].*

Todas as idas com o álbum e as figurinhas na casa Boca do Lobo geravam esse tipo de atitudes, nas quais as emoções eram aparentes e às vezes conflitivas, de muita expectativa para pegar o álbum, abrir o pacote de figurinhas ou simplesmente

olhá-las coladas no álbum. As crianças maiores negociavam com as menores para que estas não pegassem as figurinhas, com a justificativa de que iriam estragar. Por vezes, os menores solicitavam ajuda da pesquisadora para que pudessem manusear os objetos sem a interferência das crianças mais velhas. Outra forma de acordo era a de que os menores poderiam ficar com o verso do adesivo depois que as figurinhas fossem coladas para que pudessem jogar Bafo⁵⁷, atividade que era muito usual na casa.

Na casa Nicolau Fico, quando a pesquisadora chegou com o álbum e as figurinhas pela primeira vez, Elias (15 anos) perguntou:

- Tia, esse álbum é de verdade mesmo? As figurinhas são desse ano? (Elias, 15 anos).
- Sim, é desse ano! (Pesquisadora).
- Cara, corre aqui, a tia trouxe o álbum da Copa! (Elias) [olhando admirado para o outro menino].

Tal objeto era tão desejado que em alguns casos os acolhidos nem acreditavam se tratar de algo novo, do megaevento em andamento. Para Toledo (2014, p. 21), “não é do Neymar ou outros quaisquer jogadores que trata o álbum, ou das qualidades desses jogadores, mas da própria imagem, a partir do que elas podem evocar e transformar”. Esse objeto é capaz de constituir e transformar a subjetividade desses sujeitos para além do desejo de obtê-lo, constituindo-se também como um artefato de espelhamento para os jovens que vislumbram ocupar tais posições, demonstrando a importância das figurinhas e o sonho de estarem oficialmente em um álbum como jogadores e jogadoras no futuro.

A casa Bento Freitas foi a instituição em que o álbum era menos desejado. Nem sempre havia interesse dos moradores em colar as figurinhas, já que dentro da casa dois meninos tinham conseguido adquirir álbuns, que acabaram se tornando objetos coletivos. Os educadores da instituição contribuía com dinheiro para que os meninos pudessem comprar e trocar as figurinhas repetidas. Porém, para um dos meninos era negado o acesso aos álbuns coletivos e existia uma resistência dos outros moradores

⁵⁷ O jogo do bafo é nomeado assim por causa do “deslocamento de ar (vulgarmente chamado de bafo) provocado pelo impacto da mão no momento da batida [...] sobre uma área plana em que se encontram depositados [...] figurinhas empilhadas uma em cima da outra. [...] O objetivo do jogo é ganhar figurinhas [...]. Dois ou mais jogadores formam uma roda onde todos ficam sentados ao redor das figurinhas que estão sendo disputadas. [...] As figurinhas que virarem do avesso são recolhidas pelo participante que acabou de bater [...]” (Jogo do Bafo, 2021, n.p.).

para que ele colasse figurinhas ou até mesmo olhasse os álbuns. Esse menino, que aqui vamos nomear como Douglas (17 anos), tem transtorno de espectro autista (TEA), motivos pelo qual os outros meninos ficavam receosos com a possibilidade de ele amassar ou rasgar os álbuns. Douglas sempre explicitava o quanto queria um álbum para si, para que pudesse manusear à vontade. Constata-se que o desejo dele era diferente do de outros jovens, já que, por ser uma pessoa com deficiência, até o simples fato de manusear certos objetos lhe era negado.

No final da Copa do Mundo de futebol feminino, foram produzidas figurinhas com fotos dos acolhidos da casa Bento Freitas, as quais puderam ser colecionadas, trocadas ou coladas nos álbuns das Copas, o que gerou diferentes tipos de socialização na casa. Para além da colagem nos álbuns, os moradores gostavam de demonstrar quais figurinhas tinham conseguido colecionar, quais tinham trocado e quais tinham colado em forma de homenagear os amigos e as amigas da casa. Rian (10 anos) disse: *“Olha, tia, consegui a figurinha de quase todo mundo da casa, só falta colecionar a do Gustavo, tô tentando trocar pela da Anne, que consegui duas”*. Para Toledo (2014, p. 52), as “figurinhas [...] fomentam a sociabilidade da troca embebida de experiências intergeracionais, maior tolerância entre gêneros, experimentações de um prazer na manipulação das personas famosas exibidas numa galeria permanentemente aberta”.

Figura 5 - Álbum de figurinhas da Copa do Mundo Feminina com os jogadores e as jogadoras da casa



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 6 - Álbum de figurinhas da Copa do Mundo Masculina com os jogadores e as jogadoras da casa



Fonte: acervo da pesquisadora.

Apesar de todo o sucesso, após as Copas do Mundo as crianças e jovens das instituições sequer perguntaram pelos álbuns ou demonstraram sentir falta desses artefatos que eram exaltados e tão esperados na época dos megaeventos. Produtos que eram percebidos como objetos de desejo, tais como os álbuns e as figurinhas das copas, passaram a não ter mais valor, pois, de certa forma, perderam a validade quando os megaeventos acabaram.

Outros dos objetos que aqui caracterizamos como artefatos da Copa foram as tintas verde e azul, próprias para pintura de rosto, que também foram percebidas de formas diferentes nas casas. Elas só eram levadas nos dias em que a Seleção brasileira jogava.

A primeira casa que teve a possibilidade de manuseá-las foi a Bento Freitas. Houve certa resistência para o uso das tintas, porém, com a insistência dos educadores, os jovens aceitaram pintar os rostos. Nos jogos seguintes poucos acolhidos aderiram à ideia de usá-las.

Na casa Nicolau Fico, inicialmente houve resistência para o uso das tintas, porém Elias, no intervalo do jogo, pintou todo o rosto, metade verde e outra metade azul. Além disso, ajudou a pesquisadora e as educadoras a pintarem o rosto e foi solicitada uma foto ao final da partida. No jogo seguinte, outra acolhida disse que gostaria de pintar o rosto e assistir ao jogo, apesar de não gostar, pois também queria tirar fotos.

Na casa Boca do Lobo, as tintas geraram grande encantamento nas crianças, fazendo com que os maiores pintassem até mesmo os bebês, com a autorização das educadoras presentes. Os meninos, além de pintarem os rostos, usaram as tintas nos cabelos. Todas as crianças desenharam bandeiras do Brasil nos braços e nas pernas. O artefato gerou disputas entre os acolhidos, já que todos queriam manuseá-lo.

Isso demonstra o quanto as crianças e jovens em situação de acolhimento, para além de consumidores do megaevento que assistem aos jogos e torcem pela Seleção, corporificaram a Copa. Colaram em seus corpos marcas do futebol.

Outro artefato da Copa foi a camiseta da Seleção brasileira que a pesquisadora vestia durante as idas aos sofás/arquibancadas das casas. Todos os jovens das casas Nicolau Fico e Bento Freitas queriam a camiseta, a solicitavam como presente e demonstravam o anseio por ganhar uma camiseta que identificasse a torcida pelo Brasil. Os artefatos analisados constituem-se enquanto instâncias de produção de significados contemporâneos, e compreendemos que eles atuam de forma pedagógica, ou seja, que educam, já que provocam processos de transformação das subjetividades (Silva, 2007).

8.6 Considerações finais

Tanto as crianças como os jovens – acolhidos ou não – na contemporaneidade adentram no universo cultural globalmente reconhecido, procurando fazer parte de uma comunidade de consumidores de artefatos que estão na moda. A partir disso, destaca-se o papel dos esportes e de seus protagonistas na forma de produzir diferentes modos de ser no âmbito *glocal*⁵⁸.

Crianças e jovens de todas as classes e gêneros fabricam em seus corpos marcas de espetacularização, performando a imagem, por exemplo, de ídolos do futebol europeu. Esse esporte, enquanto uma prática cultural cheia de significados, constitui e é constituído pelos sujeitos, “nas práticas futebolísticas cotidianas [as crianças e] os jovens aprendem o futebol e nele constituem [subjetividades], significados, disposições corporais, tipos de atenção, emoções e conhecimentos que

⁵⁸ O conceito de *glocal* pode ser significado a partir da noção de uma hibridização dos espaços sociais, na qual o local e o global se misturam na contemporaneidade (Feixa; Fernández-Planells; Figueras-Mas, 2016).

envolvem a prática” (Faria, 2011, p. 1). A relevância do futebol na construção das subjetividades dos sujeitos extrapola a noção de apenas adquirir habilidades específicas de forma fragmentada, já que se produz em meio a uma rede de sociabilidades.

As crianças e jovens acolhidos demonstraram que são produzidos e produzem diferentes futebóis dentro e fora das casas de acolhimento, por vezes construindo e reconstruindo jogos e modos de jogar, ao produzir regras novas, criar desafios e determinar quem joga e quem deve ficar de fora do jogo. As diferentes vivências experienciadas com o futebol produzem as subjetividades desses sujeitos, constituindo gostos, sonhos, hábitos, cortes de cabelo e roupas que usam ou desejam usar. Os espaços das casas, e os externos a elas, também eram atravessados e modificados pelos acolhidos que desenvolviam os diferentes futebóis, aprendendo os melhores lugares para jogar, modificando goleiras e conquistando o direito de possuir uma bola.

As disputas e os aprendizados futebolísticos não ocorriam somente com a bola no pé, mas a partir da observação do jogo dos outros, das disputas no jogo de videogame, dos vídeos no *YouTube* com as melhores jogadas, procurando imitá-las, vestindo camisas de times ou, ainda, da interação nas redes sociais, tudo que permitia que os jovens vislumbrassem um dia se tornar o perfil de jogador famoso em que se espelham.

As escolinhas de futebol eram um dos espaços mais disputados, já que despontavam a possibilidade de os acolhidos serem “descobertos” e poderem, assim, viver o sonho de se tornarem jogadores profissionais. Alguns dos jovens explicitavam que só não fugiam das instituições de acolhimento para não perderem o lugar no time de futebol. Tais espaços propiciavam uma ampliação da rede de sociabilidade dos sujeitos para além das instituições de acolhimento. Os jogos e jogadas eram contados e recontados com as marcas de sucesso futebolístico para os amigos, o fato de serem titulares era exaltado, e as reclamações eram feitas quando ficavam no banco. Os jogos afetavam os sujeitos de modo a produzir diferentes sentimentos, como a alegria de fazer gol, a raiva por não conseguir realizar as melhores jogadas, a felicidade por ganhar a partida ou a tristeza por perder.

As diferentes formas de torcida para a Seleção brasileira também puderam serem analisadas durante as Copas do Mundo masculina e feminina, megaeventos que tiveram diferentes significados nas casas. Em algumas, o dia da pipoca e do suco determinava a importância do jogo; em outras, a ansiedade e o desejo de um dia estarem vestindo a camiseta da seleção brasileira dominavam os acolhidos. A alegria do grito de gol e da comemoração também era atravessada pela tensão do jogo, pelo medo da derrota e pela tristeza da eliminação. Alguns objetos se tornaram destaque nas idas às casas, em especial os álbuns de figurinhas que se constituíam como um objeto de desejo, de tocar nos álbuns, de colar figurinhas ou, ainda, de torcer para que a figurinha aberta fosse repetida para poder ganhar de presente, eram momentos esperados ansiosamente pelos acolhidos.

O futebol, como um saber que é inscrito nos corpos, não pode ser percebido enquanto uma prática neutra ou abstrata, já que é algo que não se separa dos modos de viver. Para Faria (2007), as formas de aprender o futebol acontecem também com base em uma cultura que é transmitida e não necessariamente ensinada de forma deliberada, mas a partir de um jogo social. Para além do aprendizado das regras e das habilidades motoras com a bola nos pés, a prática futebolística é atravessada por diferentes significações, tensões e relações de gênero.

Como uma prática cultural, o futebol produz pedagogias que instruem sobre comportamentos adequados e inadequados, valores e maneiras de ser e estar no mundo que ultrapassam o tempo das partidas (Bandeira; Seffner, 2022). Essas condutas são experimentadas de diferentes modos, dependendo do contexto em que os sujeitos estão, seja em um estádio, em uma torcida, em casa, em uma partida de futebol de rua em um bairro periférico ou, ainda, em uma instituição de acolhimento, como é o caso aqui pesquisado.

A pesquisa realizada junto às casas de acolhimento nos possibilitou identificar que, apesar de se encontrarem em uma situação distinta das crianças e jovens que estão junto a uma família, os acolhidos que residem nessas instituições também constituem suas subjetividades atravessadas por fenômenos culturais, como é o caso do futebol. Enquanto alguns jovens das casas têm um vínculo mais potente com esse esporte, gostam de treinar e de jogar, ampliam suas práticas de sociabilidade jogando com jovens que não são acolhidos e constroem vínculos de identificação com

jogadores de futebol famosos, outros possuem relações menos orgânicas com o futebol. Entretanto, apesar dessas diferenças, a pesquisa mostrou que em megaeventos, como, por exemplo, a Copa do Mundo masculina (2022) e a Copa do Mundo feminina (2023), praticamente todas as crianças e jovens das casas se envolveram com o futebol. Com isso, evidencia-se a importância que esse esporte possui na constituição das subjetividades dessas crianças e jovens que estão em situação de acolhimento.

Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. O androcentrismo do torcer: do universo do futebol ao estádio contemporâneo. *Conexões*, Campinas, v. 20, n. 1, p. 1-19, 2022.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FARIA, Eliene Lopes. É jogando futebol que você aprende: A participação na prática social como modo de aprendizagem. In: CONBRACE, 17.; CONICE, 4., 2011, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: 2011.

FARIA, Eliene Lopes. Práticas cotidianas de futebol, práticas de aprendizagem. In: RAM, 7., 2007, UFRGS, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre, UFRGS, 2007.

FEIXA, Carles; FERNÁNDEZ-PLANELL, Ariadna; FIGUERAS-MAZ, Mónica. Generación Hashtag. Los movimientos juveniles en la era de la web social. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 14, n. 1, p. 107-120, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção de sentidos: A adolescência em discurso. In: SILVA, Luiz Heron da. (Org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 424-439.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: estratégia poder-saber*. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. v. 4.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003. v. 2.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Identidade de gênero: conceitos e termos: guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. 2. ed. Brasília: Universidade Federal de Goiás, 2012.

JOGO DO BAFO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: *Wikipedia Foundation*, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jogo_do_bafo. Acesso em: 05 jun. 2023.

KOCH, Rodrigo. A copa do mundo em tempos pós-modernos: a relação de crianças e jovens com o megaevento. *Revista Unilasalle*, Canoas, v. 1, n. 27, p. 109-124, dez. 2014.

KOCH, Rodrigo. *Cultura, identidade e futebolização: na Europa Contemporânea*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2022.

PISANI, Mariane da Silva; KESSLER, Claudia Samuel. As mulheres no Universo do Futebol brasileiro: resgatando o gênero. *Conexões*, Campinas, v. 20, p. e022017, 2022.

RIGO, Luiz Carlos; TORRANO, Conrad Vilanou. Identidades dos clubes de futebol: singularidades do FC Barcelona. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 191, 11 maio 2013. DOI: 10.22456/1982-8918.34314.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Sagrada Arte de Colecionar Figurinhas: reagrupando o futebol. *Ponto Urbe*, [s.l.], n. 14, p. 1-18, 25 jul. 2014. DOI: 10.4000/pontourbe.1710.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. *Educação*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, 2015.

WORTMANN, Maria Lúcia; RIPOLL, Daniela; POSSAMAI, Laís. Educação Ambiental corporativa para crianças: analisando a animação Peixonauta do Discovery Kids. *Perspectiva (UFSC)*, Florianópolis, v. 30, n. 2, maio/ago. 2012.

9 ARTIGO C - A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE JOVENS TRANS EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO

A produção da subjetividade de jovens trans em situação de acolhimento

9.1 Introdução

As instituições de acolhimento para crianças e jovens são casas que fazem parte dos serviços de alta complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), nas quais recebem sujeitos “em situação de abandono, ameaça ou violação de direitos [que] estejam afastados temporariamente de seu núcleo familiar, com os vínculos familiares rompidos ou fragilizados”, atendendo de modo extensivo as famílias para que consigam se reestabelecer e criar um ambiente estável para a reinserção das crianças e jovens acolhidos (Brasil, 2023, n.p.).

A prática de acolhimento visa o retorno rápido ao convívio familiar de forma segura – o que nem sempre acontece – com isso, a família de origem é sempre priorizada no processo, porém, se esse retorno não é possível busca-se por família substituta através de adoção, guarda ou tutela (Brasil, 2023).

Segundo o Museu da Santa Casa de Misericórdia de Salvador - BA (s.d) “a primeira Roda dos Expostos foi implantada em 1726 pela Santa Casa de Misericórdia da Bahia, [...] com o propósito de acolher crianças”. Com isso, as primeiras instituições voltadas ao recolhimento de crianças no Brasil, remontam ao séc. XVIII. Segundo Ariza (s.p), a roda dos expostos era formada por uma caixa dupla, de formato cilíndrico, inserida nos muros de instituições de caridade, como os hospitais. A roda ficava aberta para o exterior, com um espaço para receber a criança, ao rodar o cilindro esta era conduzida ao interior da instituição, tal mecanismo garantia o anonimato de quem a deixava.



Figura 1 - Roda dos expostos da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, BA, 21/01/2025
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Desde a sua emergência até os dias atuais essas instituições passaram por uma série de reconfigurações, inclusive com outras nomeações tais como: orfanato, abrigo, Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), e correlata Fundação estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM)⁵⁹. Situando nesse contexto sócio histórico de emergência e reconfigurações dessas instituições no cenário brasileiro, esse artigo tem como objetivo analisar a produção de subjetividade⁶⁰ de dois jovens transgêneros em situação de acolhimento institucional na cidade de Pelotas – RS.

A pesquisa foi realizada com alguns pressupostos da perspectiva etnográfica contemporânea, mais especificamente inspirada na etnografia feita por Wacquant (2002) em que ressalta-se o princípio da “participação observante”, objetivando:

[...] capturar e restituir essa dimensão carnal da existência, [...] partilhada, em graus diversos de visibilidade, por todos e por todas, através de um trabalho

⁵⁹ Desde o séc. XV, o abandono de crianças e a sua posterior morte provocavam insatisfação em líderes da Igreja Católica, que entendiam que essa imagem não condizia com o progresso da sociedade, fazendo com que na Europa acontecesse o surgimento de instituições voltadas ao recolhimento desses sujeitos. No Brasil, esse tipo de espaço foi surgindo a partir do séc XVIII, importando-se da Europa a arquitetura da roda dos expostos. Maiores considerações sobre a genealogia histórica dessas instituições ver: Adoção tardia: manifestações do cotidiano de uma casa de acolhimento de Pelotas/RS (Ribeiro, Goellner e Rigo, 2024). Sobre a emergência no contexto Europeu ver: Roda dos expostos: deslocamentos do livro ao jornal (Porto, 2011).

⁶⁰ Neste estudo, foi utilizado o conceito de subjetividade de Foucault, ou seja, a forma como as práticas discursivas e não discursivas constituem os sujeitos. Para mais considerações sobre o conceito de subjetividade, ver Ditos e escritos: estratégia poder-saber (Foucault, 2006) e História da sexualidade: o uso dos prazeres (Foucault, 1998).

metódico e minucioso de detecção e de registro, de decodificação e de escritura capaz de capturar e transmitir o sabor e a dor da ação, o som e a fúria do mundo social que as abordagens estabelecidas das ciências do homem colocam tipicamente em surdina, quando não os suprimem completamente. (WACQUANT, 2002, p. 11)

De março de 2022 à dezembro de 2023 realizamos uma imersão com intervenções semanais na casa de acolhimento que foi objeto dessa pesquisa. Os jovens eram acompanhados em passeios, nas idas ao campo de futebol, em festas de natal ou aniversário, nos treinos da escolinha de futsal/futebol e, em algumas ocasiões, no deslocamento até a escola. Como ferramentas utilizamos um aplicativo para gravar os encontros e posteriormente confeccionar os registros no diário de campo. Nesse período de imersão com intervenção na instituição foi possível conhecer o cotidiano destes jovens, dialogar com eles, observar os modos pelos quais foram produzindo a si mesmos em meio à convivência com outros jovens em situação de vulnerabilidade que coabitavam o mesmo espaço⁶¹.

Durante o período da nossa intervenção cerca de treze jovens moravam nessa instituição. Entretanto nesse artigo optamos por problematizar questões referentes a constituição da subjetividade desses dois jovens somente, que se percebem como jovens trans, essa análise particular deu-se, principalmente, por identificarmos que eles são constituídos por questões diferentes dos demais em virtude das particularidades de sua sexualidade/subjetividade⁶².

Junto com a intervenções no campo também foi utilizada uma “entrevista compreensiva” com uma das jovens trans acolhida. Ferreira (2014, p. 984), ressalta que no uso da entrevista compreensiva “o entrevistador não se limita a recolher informações e/ou discursos sobre experiências, vivências e opiniões do entrevistado”

⁶¹ Além dos dois anos de imersão na casa de acolhimento pesquisada, a primeira autora desse estudo possui uma significativa experiência de pesquisa e intervenção em outras casas de acolhimento. Durante os anos de 2016 e 2017 a autora realizou intervenção, voltada a perceber a produção dos corpos de meninas em situação de acolhimento, em uma casa na cidade de Pelotas. Pesquisa feita como Trabalho de conclusão de curso em Educação Física (FURG), intitulada: “A produção de corpos de meninas em uma instituição de acolhimento” (2017). No período de 2018 a 2020 a pesquisadora atuou como voluntária em outra instituição, atuação que deu origem ao seu trabalho final em nível de especialização em Educação Física escolar (UFPEL), como o estudo: “Que escola é essa? Um olhar de crianças e adolescentes moradores de uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas (RS)” (2019). Posteriormente realizou sua dissertação de mestrado em Educação (FURG), intitulada: “Juventudes contemporâneas em instituições de acolhimento: uma análise do Canal do *YouTube* Adoção Tardia” (2020).

⁶² Em outro estudo problematizamos a constituição da subjetividade dos demais jovens que estavam acolhidos na casa no período que realizamos a intervenção/pesquisa. Maiores considerações sobre este estudo ver: O futebol como produtor de subjetividade: um estudo a partir de crianças e jovens das casas de acolhimento da cidade de Pelotas/RS (Ribeiro e Rigo, 2025).

ela corresponde “a construções intersubjetivas, ou seja, descrições e posições discursivas que são construídas a partir de uma situação de interação (Ferreira, 2014, p. 984).

Dos dois jovens que se compreendem como trans no período de intervenção na casa, (Victória e Endrick)⁶³, foi possível entrevistar apenas Victória, que está mais tempo acolhida, do que Endrick. No transcorrer da escrita traremos fotos e alguns fragmentos de narrativas, oriundas de nossa estada no campo. Agregados aos componentes empíricos que serviram de suporte para a realização desse estudos, também lançamos mão da contribuição de algumas referências teóricas, que contribuíram para melhor compreendermos, problematizarmos e analisarmos as questões tratadas pelo estudo. Assim, o suporte teórico/metodológico desse estudo foi constituído pelo seguintes autores: Foucault (1979; 1998; 2006), Butler (2019; 2003), Preciado (2014; 2022;) e Wacquant (2002).

9.2 Apresentação dos protagonistas desse texto, Victória e Endrick

Victória tem 16 anos, é negra, alta de olhos castanhos, reclama do tamanho de seus pés e mãos, que acha grandes demais e entende que isso a masculiniza. É uma adolescente transgênero, que ama maquiagens e música. Escuta Gloria Groove e Pablo Vittar, relata que se inspira nessas divas pop. Reclama por passar por muitas situações de transfobia no cotidiano. É bem acolhida e defendida na rua e na escola pelos outros jovens moradores da casa de acolhimento. É muito romântica, ama postar coisas com seu namorado e sempre que possível está com ele. É muito amigável, tem muitas amigas na escola, apesar de não gostar de ir.

Endrick, tem 17 anos, é branco de olhos castanhos. Ama jogar futebol, sempre que pode esta treinando ou jogando. É muito estiloso e galanteador, sempre tem namoradas nos diferentes espaços que transita. É muito vaidoso, gosta de fazer cortes estilosos no cabelo e anda sempre arrumado e perfumado. É marrento, diz ser essa uma marca sua. Tem uma grande amizade com um dos meninos que é acolhido junto com ele. Relata que o futebol une eles, já que sempre que possível saem para jogar juntos. Diz que nunca passou por situações de transfobia e que se passasse “cairia na porrada com os otários”. Escolheu jogar em um time feminino, por se sentir

⁶³ Nomes fictícios escolhidos pelos jovens.

melhor aceito e por já ter sido parte de outros times femininos em outros momentos. Diz ser o time a melhor coisa que aconteceu desde que foi acolhido e que só não foge da casa, por causa disso.

9.3 Construção da sexualidade em jovens trans de um casa de acolhimento

Para Creshaw (2004) as discriminações raciais e de gênero operam juntas, dificultando o sucesso de mulheres e meninas negras. Essas discriminações são barreiras sociais que são impostas de forma ainda mais violenta para as meninas e mulheres que não são cisgênero, como é o caso da Victória⁶⁴. A jovem Victória sofreu e sofre com casos de violência transfóbica no seu cotidiano, enquanto Endrick, relata não passar por essas situações.

Victória expõe diferentes situações pelas quais passa no seu dia-a-dia, explicitando um cotidiano envolto por violências de gênero:

- *Tia Lóry, lá na escola hoje aconteceu uma coisa horrível, eu passei por bullying.* (Victória)
- *Como assim?* (Pesquisadora)
- *Um menino que era meu melhor amigo. Nós brigamos e ele ficou dizendo que eu era homem. Ai eu disse pra ele que isso era crime, que era transfobia e ele nem se importou. Eu sei dos meus direitos né, tia? Mas, fiquei com raiva, com vontade de partir pra agressão.* (Victória)
- *Ninguém pode mexer com a nossa [nome da acolhida]. Se ele se meter com ela de novo, nós vamos lá pegar ele.* (Alessandro) (Caderno de campo, 01/09/2022).

Apesar das diversas situações de transfobia que a jovem sofre, os outros jovens que também estão em situação de acolhimento parecem tentar protegê-la de tais violências. Durante a festa de natal proporcionada para as crianças e jovens em situação de vulnerabilidade - juntando os moradores de todas as casas de acolhimento e aquelas crianças e jovens que são contempladas com políticas de assistência social na cidade de Pelotas/RS – Victória passa por mais uma situação de transfobia:

⁶⁴ Alves (2017, p. 1) explica que “Mulheres cisgênero são aquelas em consonância entre o sexo anatômico e a expressão de gênero, enquanto mulheres transgênero são aquelas em dissonância entre o sexo anatômico e a expressão de gênero”.

- *Tia Lóry, eu vou ficar aqui contigo, não vou mais no banheiro.* (Victória).
 - *Claro, pode ficar. Mas, aconteceu alguma coisa? Vai te divertir na festa.* (Pesquisadora)
 - *Ai tia, uma mulher falou que não gostou que eu tava no mesmo banheiro que ela. E no dos meninos, eu não vou.* (Victória)
 - *Como assim? Que mulher? Queres que eu vá falar com ela? Qué que eu vá no banheiro contigo?* (Pesquisadora)
 - *Não tia Lóry, deixa aquela cobra transfóbica, eu não quero confusão.* (Victória)
- (Caderno de campo, 14/12/2022)

Apesar de Endrick estar no mesmo ambiente, na mesma festa, ele não relatou passar por nenhum tipo de violência, como a impossibilidade de utilizar o banheiro, pelo contrário falou *“Tia Lóry, o pai aqui pegou toda a festa, as gurias tudo me queriam”* (Endrick, 14/12/2022, fala retirada de caderno de campo). Por ter uma passabilidade maior, o jovem relata que não passa por situações como as vivenciadas por Victória.

Endrick, por vezes, passa por jovem cisgênero, não sendo questionado o seu gênero, enquanto Victória não tem a mesma passabilidade. A passabilidade constitui-se como a capacidade da pessoa transgênero ser reconhecida socialmente pelo gênero que pertence sem ser questionada, garantindo com isso, a possibilidade de ir e vir em quaisquer espaços sem ser excluída por discriminação. Assim, quanto mais a pessoa consegue se passar enquanto uma pessoa cisgênero, maior é a sua passabilidade (CUNHA, 2023).

Em algumas vezes, como em seu aniversário de 15 anos, (Caderno de campo, 28/12/2023), Victória explicita a sua expectativa por essa passabilidade. Ao estar maquiada, de vestido e salto alto em uma pizzaria com a pesquisadora, amigas e o namorado ela fala *“Tia Lóry eu tô me amando hoje! Olha pra mim, eu tô muito cis, ninguém diz que eu não sou cis”*. A fala da jovem demonstra o quanto a passabilidade é algo desejável e importante para ela.



Figura 2 - Aniversário de 15 anos de Victória, 29/12/2023
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Victória em entrevista explicita como é necessário lutar mais para conseguir os mesmos espaços que outras pessoas, por ser negra e trans:

Ah, eu acho que ter uma mente mais aberta para essa função de pessoas trans, entendeu? A gente também é gente, né? A gente tem uma luta, a gente tem uma história. A gente merece o nosso espaço, sabe? A gente merece estar ali convivendo. Porque a gente, por povo, pessoas trans, tanto quanto pessoas negras, a gente tem que ser melhor. Eu, como pessoa trans, eu tenho que ser melhor que uma pessoa cis para eu não ser desmerecida. Pessoas negras têm que ser melhores que pessoas brancas para também não serem desmerecidas, entendeu? Para não ser desmerecida a luta, para não ser desmerecido todo aquele esforço, sabe? Para não ser colocada em... Como é que se diz? Sabe, como... Como é que se... Eu não sei a palavra certa para usar, sabe? Para ser jogada de escanteio, sabe? As pessoas é que deviam ser menos preconceituosas, né? Porque apontar o dedo, falar... É isso, é aquilo, todo mundo fala, né? Mas só a gente sabe a nossa luta. Só a gente sabe o que a gente passou. E não vai ser essas pessoas que vão falar isso e que vai fazer a gente deixar de ser quem a gente é. A gente vai continuar sendo. E as pessoas vão ter que engolir. Porque é a nossa história. (Victória, entrevista 15/05/2024)

A entrevistada demonstra a necessidade de se sobressair para conseguir ultrapassar as barreiras impostas para ela. Creshaw (2004) explica que é

imprescindível que a discriminação racial e a de gênero sofrida por mulheres e meninas negras, não seja vista de forma separada, já que ambas se interseccionam. O conceito de interseccionalidade “aborda diferenças dentro da diferença” (Creshaw, 2004, p. 9), explicitando a sobreposição de discriminações que alguns grupos de pessoas sofrem. Consolidando assim o entrelaçamento de opressões experienciadas por mulheres, jovens, negras, pobres e trans, como a Victória. Acrescentando que no caso de Victória trata-se de uma jovem que está em uma casa de acolhimento. Uma singularidade, geralmente, não contemplada nem pelos discursos da interseccionalidade.

A jovem entrevistada, também reivindica o direito de existir e poder expressar a sua história ao falar “*A gente também é gente, né? A gente tem uma luta, a gente tem uma história. A gente merece o nosso espaço, sabe? A gente merece estar ali convivendo*”.

Preciado (2022, p. 281) destaca a imprescindibilidade de ser visto e poder falar de sua própria existência: “Eu, como um corpo trans, como um corpo não binário, ao qual nem a medicina, nem a lei, nem a psicanálise, nem a psiquiatria reconhecem o direito de falar com conhecimento [...] sobre minha própria condição” (Preciado, 2022, p. 280). O autor acrescenta que; segundo os discursos médicos e jurídicos instituídos e, inclusive pela maioria dos “diagnósticos psicanalíticos”, ele é classificado como “sujeito de uma ‘metamorfose impossível’”. Ou, em uma perspectiva mais inquietante, como “o mostro que vos fala”. E denuncia: “O mostro que vocês construíram com seus discursos e suas práticas clínicas. Eu sou o mostro que se levanta do divã e fala, não como paciente, mas como cidadão, como seu monstruoso igual (Preciado, 2022, p; 280).

Preciado (2022) enfatiza que vivemos em uma sociedade que fabrica um regime de diferença sexual, produzindo os modos de ser feminino ou masculino, com isso, afirma que a origem natural dos gêneros é apenas uma crença. E aqueles que escapam dessa naturalização, na qual só é entendido como possível os gêneros feminino e masculino, são questionados, violentados e muitas vezes mortos. Na cena exposta a seguir, retirada do diário de campo, Victória conta sobre a dor da perda de uma amiga que foi assassinada por pessoas transfóbicas:

Chego na casa e Caio conta que Victória tinha voltado (a menina havia fugido na última vez que estive na casa). Me direciono até o quarto das meninas para encontrá-la:

- [Nome da menina], fiquei triste que tu fugiu bem no meu aniversário, tu fez falta. (Pesquisadora)

- É que aconteceu uma coisa que eu não pude ficar, tia. Eu tava lá na escola, né? No computador, tava no facebook e uma amiga minha me avisou que tinham matado outra amiga nossa e pediu pra eu ir encontrar ela, pra nós irmos no velório. (Victória)

- Que horror [nome da menina], sinto muito, o que aconteceu? (Pesquisadora)

- Uns caras transfóbicos que saiam com ela, né tia? Ela se prostituía, aí eles pegaram e espancaram ela. Aí minha amiga disse que pagava minha passagem, que eu não tinha vale, pra gente ir no velório. (Victória)

- Que coisa triste, eu imagino o quanto tu tá triste, sinto muito. (Pesquisadora)

- É tia, tu sabe que eu não sou de fugir, mas dessa vez eu tive que ir. Tinha que ir no velório dela, tô muito triste por ela ter morrido, ainda mais dessa forma que mataram ela. Além de tudo dá um medo na gente, sabe? (Victória)

(Caderno de campo, 11/09/2023)

Em alguns momentos Victória conta sobre essas violências que já sofreu em vários ambientes, como no escolar, e as quais tem medo de sofrer, fazendo com que tenha dificuldade, por exemplo, de sair sozinha.

teve uma vez que, isso estava no início da minha transição. Eu estava no banheiro da escola [nome da escola] e chegou uns meninos do nada, assim, entraram no banheiro e começaram a me bater. Assim, me bater, me bater do nada. E aí eu sangrei, né? Foi por isso que eu comecei a parar de frequentar aulas escondida, sabe? E a diretora falou que a culpa era minha. Que eu estava errada. Que eu não estava no lugar certo. Que eu não estava certa. Sabe? Que eu sou errada.

(Victória, entrevista 15/05/ 2024)

E tem outra coisa, mais ainda, que é mais grave ainda, que é por isso que eu não ando sozinha. Quando eu saio, eu saio com o meu namorado, né? Como tu sabe, né? Não saio mais sozinha. Em função disso, eu sai de noite para dar uma volta, espairar a cabeça, e um homem me parou. E começou a falar, ah, é um homem, né? Eu olhei para ele e falei: não. Só que era de noite, né? Eu estava sozinha, não tinha como eu me defender. Eu estava usando as minhas tranças ainda, né? E ele falou, não, então é um homem sim. E ele veio, me empurrou e me bateu. E ele passou um canivete e ia cortar o meu cabelo. Ele disse que,

segundo ele, né? Homem tem que ter cabelo curto. E tentou cortar o meu cabelo. Aí, nisso, eu consegui me levantar e fugir, né? Mas eu sei que vai ser a minha vida toda, né? Não tem o que fazer.

(Victória, entrevista 15/05/ 2024)

É, acho que, tipo assim, hoje em dia, na época, eu era muito tipo de defender, bater de frente, entendeu? Tipo assim, vou te explicar. Na escola é uma coisa. Se eu souber algum tipo de preconceito na escola, tudo bem. Eu estou num espaço que é da educação. Ali, eu procuro os meus direitos. Mas agora eu estar na rua, sozinha, de noite, ou pode ser de dia, não importa. Não tem como eu querer me impor, entendeu? Naquele momento ali, quem está errada sou eu. Eu digo, eu mesma. Eu digo quem está errada sou eu em querer falar alguma coisa. Eu tenho que ficar quieta e seguir meu caminho. Porque eu posso acabar uma hora querendo bater boca com as pessoas e acabar sendo morta. Entendeu? (Victória, entrevista 15/05/ 2024)

Inclusive, o Brasil é considerado o país que mais mata mulheres transexuais e travestis. Então, tu pensa. Uma mulher a cada... sabe? Mulher trans que morre de um jeito trágico, sabe? Só por ser quem é. Então, eu fico com medo, né? Por isso que eu não saio sozinha. (Victória, entrevista 15/05/ 2024)

Mesmo quando Victória acredita ter razão, acaba tendo que fugir, calar para continuar viva. O fato de não ser uma pessoa cisgênero branca faz com que seu corpo seja marcado como menos possível de sobrevivência em uma sociedade que produz pessoas a partir da binaridade, constituindo-se como um ser abjeto. Butler (2019, p.22) explicita que se produz uma matriz excludente em que para que sejam formados sujeitos, se constitua também os seres abjetos, que não alcançam o estatuto de sujeito. “Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele um exterior abjeto que é, afinal, ‘interior’ ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional”.

Preciado (2022) utiliza-se da metáfora de “jaula” para exemplificar a designação de gêneros, explicita que ao sair da “jaula” do sexo feminino e entrar em outra redesenhada de homem trans de corpo não binário, sabe que não deixou de estar “enjaulado”, mas que entrou em uma jaula escolhida, não imposta e que reconhece o seu mérito de “gaiola”. Victória conta que antes não sabia outras possibilidades para além da binariedade de homens e mulheres e com isso, por mais que percebesse que não se “encaixava” nessas “jaulas” não sabia que poderia estar em outras.

Na verdade, eu nunca percebi que eu fosse uma menina. Eu sempre percebi que tinha... toda vez que eu decidia o que eu era... tipo, a minha sexualidade, eu sentia que tinha alguma coisa errada. Mas no início, a minha mãe, sabe, sempre me falou assim, [Nome da entrevistada], tu não pode dizer que tu não gosta disso, sendo que tu nunca experimentou, entendeu? Foi assim que eu aprendi. Aí eu fui, sabe, viver minha vida, experimentei, vivi coisas novas. E ainda tava percebendo que tinha alguma coisa que tava muito errada. Isso já faz uns 5 anos. Tinha alguma coisa muito errada comigo. E eu não sabia que existiam pessoas trans. Até que um dia eu conversei com uma amiga minha, que era mulher trans, né, uma adolescente trans. E eu realmente percebi que era aquilo que eu era, sabe? Era aquilo que tava faltando em mim. E aí eu resolvi me aceitar. Claro, né, que tinha a função da família, da aceitação, mas eu não pensei nos outros em si. Eu pensei em mim, em eu ficar bem comigo mesma, sabe? Porque eu não estava me encontrando eu com o meu corpo, sabe?
(Victória, entrevista 15/05/2024)

Quando conheci Victória, a mesma ainda utilizava o nome masculino, porém ao questiona-la como desejaria ser descrita e qual nome teria na pesquisa, a jovem explicitou que gostaria de ser descrita como uma menina trans e escolheu o nome aqui utilizado. Durante a transição Victória foi procurando aprender cada vez mais sobre esse processo, assistindo palestras, seguindo influenciadoras trans. Em audiência para a perda do pátrio poder pelo pai, questionou a juíza sobre a possibilidade da mudança de nome nos documentos, ao que a magistrada explicou que era um direito acessível a menina.

A jovem então passou a utilizar o nome feminino, o qual foi respeitado pelos outros acolhidos e pela maioria das pessoas que trabalhavam na instituição, Victória reclamava que somente um dos servidores não respeitava o seu novo nome. Aos poucos, a menina foi tendo a possibilidade de modificar o seu guarda-roupa, usando também roupas femininas que iam chegando como doação e ela solicitava. Endrick, diferentemente de Victória já se nomeava e se descrevia enquanto um menino trans quando eu o conheci. Utilizava roupas masculinas e já tinha se inserido no quarto do meninos.

Preciado (2022, p. 283) explica sobre as dificuldades desse momento de descoberta, já que é necessário “desaprender” tudo o que foi ensinado desde a infância, pautado em um gênero normativo. Passando a formar-se a partir de “novas

fronteiras administrativas e políticas, barreiras invisíveis, mas efetivas se erguem diante de você e o dia-a-dia se torna uma corrida de obstáculos”.

9.4 Futebol e outras práticas corporais⁶⁵ dos jovens trans em situação de acolhimento

O acesso as práticas de lazer ainda são restritas para os jovens trans. A participação das pessoas transgênero no esporte, é uma discussão latente, que necessita de avanços e da desconstrução de diferentes preconceitos. Algumas questões como o nome, são pautas para essas pessoas, já que nem sempre os mesmos tem o novo nome respeitado.

Endrick, ao passar por uma seletiva de um time de futsal se emociona com a possibilidade de ser chamado pelo novo nome (nome social)⁶⁶, demonstrando a importância que isso tem em sua vida, nesse processo de transitoriedade.

Depois do “peneirão” do time de futsal feminino [nome do time], o menino entra no carro e chora:

- Tia Lóry achei que não ia conseguir, essas gurias são boas demais. E tia, ele disse que vou poder ser chamado pelo meu nome masculino, que vou ter camiseta e tudo com o meu nome (jovem se emociona mais e começa a chorar compulsivamente).
(Endrick)

(Caderno de campo, 15/07/2023)

⁶⁵ O termo práticas corporais foi utilizado nesse estudo inspirado no conceito de práticas culturais, utilizada por Michel de Certeau, (1994; 1995) para se referir as invenções e as práticas culturais de resistência que fazem parte do cotidiano de sujeito das classes populares. No campo da Educação física o conceito de “práticas corporais” constitui-se como um conceito em construção, em disputa, que está sendo utilizado com certa heterogeneidade para designar significados distintos, (Manske, 2022). Nessa pesquisa ele foi utilizado como “expressões individuais ou coletivas do movimento corporal, advindas do conhecimento e da experiência em torno do jogo, da dança, do esporte, da luta, da ginástica, construídas de modo sistemático (na escola) ou não sistemático (tempo livre/lazer)” (Brasil, 2012, p. 28). Maiores considerações sobre o uso do conceito de práticas corporais no campo da educação física ver: (Manske, 2022; Knuth e Antunes, 2021; Damico e Knuth, 2014).

⁶⁶ Para Alves e Moreira (2015, p. 60) o conceito de nome social pode ser compreendido como “o nome escolhido pelo próprio sujeito trans, uma vez que existe uma incongruência entre seu nome civil e sua identidade de gênero”.



Figura 3 - "Peneirão" do time de futsal, 09/07/2023
Fonte: Acervo da pesquisadora.

O nome configura-se como parte constitutiva da subjetividade desses jovens. Alves e Moreira (2015, p. 60) explicitam que o nome antecede o sujeito já que o anuncia, “o nome revela um papel no mundo, papel subjetivo, social, profissional, afetivo, sexual, familiar entre muitos outros. Ele faz parte dos atos performáticos do cotidiano, reiterando narrativas e discursos do sujeito e do social sobre o sujeito”.

Preciado (2014, n.p.), explica que toda pessoa trans já teve ou tem dois ou mais nomes. O nome intitulado no nascimento e o escolhido a partir do processo de subjetivação dissidente, denotando um processo de identificação, constituindo-se como um signo intencional de “uma travestilidade político sexual. E isso acontece não a partir do verdadeiro sexo ou do autêntico nome: mas sim através da construção de uma ficção viva que resiste a norma”. Para Le Breton (2014, n.p.) assim como o corpo é mutável o nome também pode ser, “o corpo é um rascunho, será que o nome também não seria? [...] poderíamos dizer que transexuais escolhem um novo nome para um corpo ou um novo corpo para um nome?”.

Preciado (2022) compara a vida após a transição com um novo nascimento, com isso novas cores começam a se formar e as mãos pela primeira vez passam a conseguir agarrar, a garganta passa a aprender uma nova voz, um novo nome surge, novas experiências acontecem quando sozinho em sua nova “jaula” se vai a médicos, juízes, sem mais ser “esmagado entre as duas paredes da masculinidade e da feminilidade”, as quais, o autor expõe que inevitavelmente o matariam. Evidencia ainda, que livros lésbicos o ajudaram a renascer e a sobreviver e não os especialistas

que produzem as “jaulas”. Assim como Preciado, Victória se inspira em figuras públicas como as cantoras Gloria Groove e Pablo Vittar e na política Erika Hilton para sobreviver e aprender sobre a sua nova “jaula”. Além disso, por passar por tantas situações de violência, a jovem conta que se utiliza do esporte como um espaço de “escape” da pressão do dia-a-dia.

Ah, eu não sou muito de falar isso, mas eu vou falar agora, entendeu? Eu sou uma pessoa que gosto muito de... Sabe? Esquecer os problemas e pensar em alguma coisa que me deixa feliz. E eu gosto muito de jogar vôlei. Entendeu? E aí, eu chamo as minhas amigas, sabe? Eu vou no colégio ou quando eu tô na casa do meu namorado, a gente paga a quadra, a gente vai jogar vôlei, sabe? Vôlei é o que eu mais jogo. Futebol eu jogava antes da minha transição. Só que nessa época eu comecei a ter aquele pensamento, vai, futebol não é coisa de menina, sabe? Aí eu parei. Mas eu gostava muito do futebol. (Victória, entrevista 15/05/2024)

Eu gostava muito de jogar futebol. Mas hoje em dia eu não me vejo mais jogando futebol. (Victória, entrevista 15/05/2024)

Essa análise que a menina faz, demonstra como o futebol tornou-se uma prática generificada e generificadora, reproduzindo comportamentos binários hegemônicos de modos de ser menino e menina. Leonardo Peçanha, homem trans, pesquisador, em entrevista ao site Ig queer (2022) enfatiza que “[...] o lazer, é muito caro às pessoas trans porque a gente se preocupa mais com estar vivo, direito ao nome e banheiro, ter um trabalho, se alimentar ou ter um lugar para morar. Ou seja, questões sociais primárias e essenciais”.

Victória muitas vezes passa por diferentes violências, somente por ser quem é. Geralmente, os espaços de lazer ainda perfazem uma solicitação um pouco mais branda pelas pessoas trans, já que são aliados de direitos básicos, como o de ir e vir, utilizar o nome social ou utilizar um banheiro público. Meninos e meninas trans enfrentam diferentes barreiras socioculturais, tais como, a exclusão escolar, a marginalização social e a violência física e emocional por serem quem são.

Há uma imposição hegemônica na sociedade que traduz em regras, símbolos e ações humanas, nomeando o que é feminino ou masculino dentro de cada cultura. Assim, impõem-se um modelo de pensamento que se traduz em objetos e atitudes mandatórias para designar o masculino/feminino ao nascer, considerando apenas o

corpo biológico. Não se nega a materialidade do corpo, porém problematiza-se a noção de que existem normas regulatórias que regem esse corpo e os modos como ele deve ser (Butler, 2019). Gênero se produz nos fatores sócio históricos e culturais de cada pessoa, sendo assim as subjetividades de gênero são mutantes e mutáveis. Ademais, o que é visto como padrão de feminilidade ou de masculinidade, não se enquadra em uma delimitação biológica, é uma produção social que varia entre as sociedades e dentro de uma mesma sociedade, com o transcorrer do tempo. (Nunes et. all., 2021).

Victória conta que conseguiu participar de uma competição de atletismo na escola e foi a melhor entre todos os estudantes com a sua mesma idade. Porém, ao passar para a próxima etapa dos jogos municipais escolares, não pode ser inscrita pois, os organizadores não conseguiam contemplar pessoas trans e ela só poderia ser inscrita na competição masculina, algo que ela não aceitou por ser inconcebível e violento.

Eu fui me inscrever uma vez, porque eu ganhei uma medalha ano passado. De primeiro lugar, salto à distância. É babado, eu pulei 4 metros e alguma coisa. E aí, eu ia me inscrever no Jepel. Só que eles falaram que eu não podia competir junto com as meninas. Aí eu já pensei assim, o porquê? Isso tem que mudar, né? É, tem que mudar. Porque hoje em dia, isso é um crime, né? Essa transfobia. Não é porque eu tenho uma genética diferente, eu não deixo de ser uma mulher como qualquer outra. E aí eu fiquei um pouco chateada por esse período, por isso que eu não me inscrevo mais no Jepel. (Victória, entrevista 15/05/2024)

Pelas práticas esportivas serem muito pautadas no caráter binário, geralmente, exclui os que são considerados desviantes, “àquelas pessoas cujos corpos e performances desestabilizam a matriz heterossexual expressa no suposto alinhamento entre corpo, gênero e desejo” (Anjos e Goellner, 2017, p. 56). Com isso, Victória não se sente aceita em nenhuma das possibilidades binárias esportivas ofertadas, reiterando um caráter de possível exclusão por suas características físicas. Alves e Moreira (2015) ponderam que as (trans)subjetividades constituem-se como resistências dentro dos ambientes escolares e nós percebemos essas resistências também no âmbito dos esportes e do lazer, questionando e desconstruindo o caráter binário dessas práticas.

Pesquisadora chega na casa de acolhimento e encontra um menino que ainda não conhecia. Pergunta seu nome e o menino questiona se pode ser chamado pelo nome masculino, a pesquisadora responde afirmativamente, ele se apresenta como Endrick. O jovem então questiona:

- Oh tia, todo mundo fala que tu consegue time. Consegue um time feminino para eu entrar, eu já joguei nas [nome do time].

(Endrick)

- Vou ver com o coordenador se você pode e vou tentar.
(Pesquisadora)

- Tia Lóry, ela é boa, joga melhor que os meninos aqui da casa. No time das meninas vai passar por cima. (Educador da instituição)

(Caderno de campo, 07/07/2023)

Apesar da identificação como menino, Endrick solicita a participação em um time feminino, provavelmente, por entender que seria melhor aceito em tal espaço, necessitando ficar nesse lugar de transitoriedade para conseguir jogar. Além disso, o educador ao falar sobre as habilidades do menino, traz a noção hegemônica de que o futebol é algo masculino e já que Endrick se destaca entre os meninos da casa, teria ainda mais destaque ao jogar em um time feminino. O futebol de várzea ou amador⁶⁷, majoritariamente praticado como lazer, assim como ocorre no futebol profissional, praticado por homens, tende a ser um espaço, predominantemente, cisnormativo.

O futebol possui uma importância significativa para Endrick e para os outros meninos acolhidos, que se constituem como cisgênero. Inclusive vários deles relataram, por mais de uma vez, que não fugiam da instituição porque na casa eles tinham a oportunidade de jogar futebol.

⁶⁷ Maiores considerações sobre as diferentes nomenclaturas utilizadas para definir o futebol não profissional ver: Futebol popular, (Ribeiro, Spaggiari e Almeida, 2024).

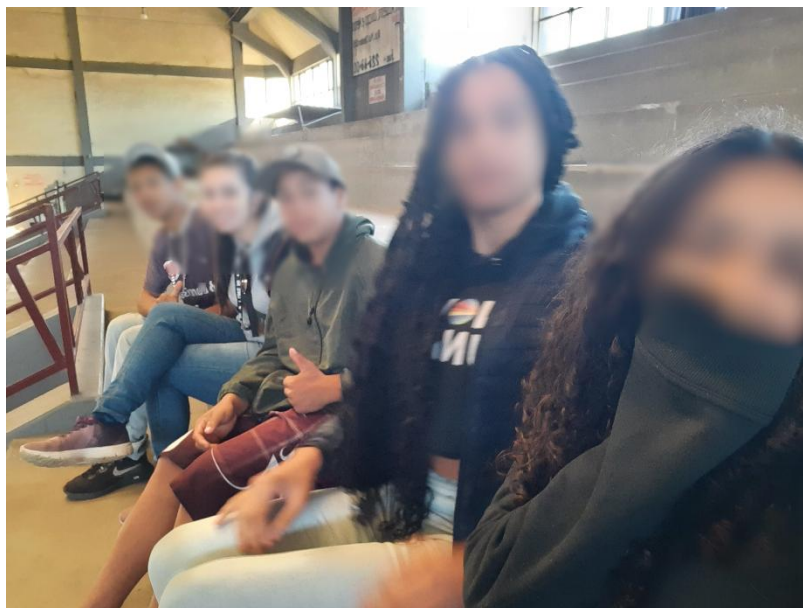


Figura 4 - Torcida para Endrick, 29/07/2023
Fonte: Acervo da pesquisadora

Endrick é o único dos acolhidos que tem torcida durante os jogos e treinamentos, a participação de seus amigos é facilitada pela proximidade da casa com o local onde ocorre as práticas futebolísticas. Endrick faz questão de convidar os outros acolhidos para assistirem aos jogos e treinos, principalmente a sua namorada. Sobre isso ele comentou: “Ah tia, sei que me queima com as outras gurias do time, mas gosto de mostrar que tenho mulher” (Endrick, 29/07/2023). A assistência aos jogos e treinos por parte de amigos e familiares é algo frequente nas práticas futebolísticas de lazer. Endrick reforça essa tradição convidando seus colegas de instituição para lhe prestigiarem nos treinos e jogos.

Em um dos dias que a pesquisadora, junto com outros quatro jovens acolhidos, foram assistir um treino de Endrick, Victória comentou:

É tia Lóry, o Endrick é muito bem aceito em um time feminino, mas o meu caso seria diferente, né? (Victória)

Como assim? (Pesquisadora)

Eu nunca seria aceita em um time masculino e nem em um feminino. (Victória)

Por que você acha isso? (Pesquisadora)

Sei lá tia, é muito preconceito. (Victória)

Você quer que eu tente uma vaga para você em um time feminino ou masculino? (Pesquisadora)

Não, eu nem gosto de futebol. Não quero, não. (Victória)

(Caderno de campo, 29/07/2023)

A narrativa de Victória demonstra que existem espaços e possibilidades diferentes entre os jovens trans acolhidos, sendo o gênero uma das formas de produção da subjetividade desses sujeitos. Com isso, Victória problematiza se a sua aceitação seria tão positiva quanto a de Endrick em espaços de lazer como o futebol de várzea ou amador. No documentário denominado “Quem pode jogar?” (2019) Um atleta do fisioculturismo evidencia que percebe essa diferença entre a aceitação de homens e mulheres trans, apontando a percepção de obstáculos maiores para as atletas trans, porém explica que isso não ameniza a necessidade de lutas para os homens trans ultrapassarem as barreiras ainda existentes para a prática esportiva.

9.5 Considerações finais

Para Foucault (1979) vivemos em uma sociedade em que a produção de verdades, fabricam discursos. Assim circulam práticas discursivas que são referendadas como verdades, como por exemplo, as produções de feminilidades e masculinidades cisgênero. Consequentemente aqueles que não fazem parte das invenções binárias de gênero, sexo e sexualidade, ainda hegemônicos em nossa sociedade, tendem a ser classificados pelos discursos transfóbicos como anormais, como desviantes, ou como alertou Preciado (2022), como um mostro, que não se enquadra nas classificações dos discursos biopiscológicos aceitos como verdadeiros.

Compreendemos que todas as experiências que atravessam os jovens trans aqui pesquisados, produzem suas subjetividades nos diferentes espaços em que transitam, a partir das interrelações sociais constituídas. Estamos em uma sociedade orientada pelo falocentrismo e heterossexualidade compulsória que são regimes de poder/discurso. Com isso, Butler (2003) explana que essas produções “são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos”.

Dentro da instituição em que os jovens aqui pesquisados residem (ou residiam no caso de Endrick), existe um acolhimento enquanto as suas demandas de gênero. A casa tem quartos e banheiros separados entre meninos e meninas acolhidos e os jovens trans ficam nos espaços que combinam com a forma como se compreendem. Victória divide o quarto e banheiro com as outras meninas que não são trans e o Endrick da mesma forma, fica junto com os meninos cisgênero. Talvez a instituição

seja o espaço socialmente habitado de maior inclusão para esses jovens, na qual são respeitadas as suas idiossincrasias.

Dentro da casa, os jovens e crianças que se compreendem como cisgênero não têm demonstrações de preconceito quanto aos jovens trans. Respeitando os seus nomes e gêneros, inclusive durante o processo de transição de Victória, os acolhidos que a conheceram enquanto menino e com um nome masculino, modificaram a forma como a chamavam assim que a jovem passou a ter outro nome. As relações de amizade se estabelecem conforme interesses em comum, por exemplo, o futsal e o videogame proporcionam muitos momentos de descontração principalmente, entre os meninos da casa e, Endrick se inclui sem dificuldades nessas vivências. Victória gosta muito de passear junto com as outras acolhidas, com uma ajudando a outra a se arrumar, fazendo penteados e maquiagens. Além disso, os outros acolhidos são solidários e não aceitam com passividade quando Victória sofre transfobia em outros espaços como a escola.

O esporte e o lazer são parte importante da vida desses jovens, principalmente de Endrick, o futsal é um lugar de autoestima e empoderamento, estar em um time faz com que o jovem tenha um lugar de destaque na casa para os outros acolhidos e até mesmo para aqueles que trabalham na instituição. Constituindo-se como parte da sua subjetividade, como espaço em que se formam diferentes sentimentos, para além da demonstração de habilidades, mas também de sociabilidade, de afetos, de aprendizados, de uma certa liberdade já que faz com que a rotina seja modificada com idas a treinos e competições.

Para Endrick, toda ida a quadra representa um momento singular para a constituição de sua subjetividade trans. Nos jogos e nos treinos Endrick lança mão de seu “capital futebolístico”⁶⁸ para mostrar o quanto ele joga. O jovem costuma comemorar com euforia cada gol que faz e mostra ira toda vez que faz uma jogada errada. Para Endrick o futebol é um momento de empoderamento que eleva sua autoestima e atua positivamente na construção de sua subjetividade, que se processa, diariamente, na convivência com outros jovens, que se assumem como não trans que também gostam de futebol.

⁶⁸ O conceito de capital futebolístico é uma apropriação da problematização que Bourdieu (1984; 1992) faz do conceito de capital. Bourdieu alarga o conceito de capital “econômico”, acrescentando a existência de um “capital cultural”; um “capital social” e um “capital simbólico”. Que funcionam se entrecruzando uns com os outros.

Victória também é atravessada pelas questões de esporte e lazer, seja em uma negação ao futebol, por entender que é um esporte masculino, seja pelas idas as quadras de vôlei para se desestressar ou ainda pela instigante vontade de competir e não poder, por estarmos em uma sociedade pautada em normas binárias. Victória que costuma reivindicar seus direitos traz questionamentos e se interessa em participar dos espaços esportivos e de lazer, reclama quando é excluída por preconceito, sempre problematizando se os espaços, como um time de futsal, a aceitariam ou não.

Durante a produção de dados foi possível problematizar o quanto questões como a passabilidade, a transfobia, as possibilidades de aproveitar e de serem incluídos com pertencimento em espaços de lazer, de esporte, de educação e de moradia, de construção de laços de sociabilidade com acolhidos e não acolhidos, na escola, na quadra ou no campo, os quais atravessam e produzem as subjetividades desses jovens.

Referências

ALVES, Cláudio Eduardo Resende e MOREIRA, Maria Ignez Costa. Do uso do nome social ao uso do banheiro: (trans)subjetividades em escolas brasileiras. **Quaderns de Psicologia**, Vol. 17, Nº 3, 59-69, 2015.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. MULHERES CISCÊNERO E MULHERES TRANSGÊNERO: EXISTE UM MODELO LEGÍTIMO DE MULHER? 2017. Anais do Evento: **13º Mundos de mulheres & Fazendo Gênero 11**. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1518011872_ARQUIVO_Mulherescisgeneroemulherestransgenero-ClaudioEduardoResendeAlves.pdf>.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; GOELLNER, Silvana Vilodre. Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais. In: Priscila Gomes Dornelles; Ilana Wenzet; Maria Simone Vione Schwengber. (Org.). **Educação Física e sexualidade: desafios educacionais**. 1ed. Ijuí: Unijui, 2017, v. 1, p. 51-72.

ARIZA, Marília Bueno de Araujo. Roda dos expostos (1825 - 1961). In: **Santa Casa de Misericórdia de S. Paulo**, [s.d.]. Disponível em: <https://santacasasp.org.br/museu-curiosidades/>

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie**. Paris: LesÉditions de Minuit, 1984.

BRASIL. Acessar a unidade de acolhimento: “serviço de acolhimento”, “unidade de acolhimento”. In: **gov.br**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-unidade-de-acolhimento>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Glossário Temático: Promoção da Saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos.** Brasília, DF, 2012.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam:** os limites discursivos do "sexo". Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n. 1, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A cultura do plural.** Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: VV.AA. **Cruzamento:** raça e gênero. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

CUNHA, Leandro Reinaldo da. Passabilidade como fator de inclusão e acesso para pessoas transgênero. **Migalhas**, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/direito-esexualidade/392338/passabilidade-como-fator-de-inclusao-e-acesso-para-pessoas-transgenero>.

DAMICO, José; KNUTH, Alan Goularte. O (des)encontro entre as práticas corporais e a atividade física: hibridizações e borramentos no campo da saúde. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 20, n. 1, jan./mar. 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.39474> Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/39474>. Acesso em: jul. 2025.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 979-992, set. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902014000300020>.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV:** estratégia poder-saber. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8ª edição, v. 15, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

KNUTH, Alan G; ANTUNES, Priscilla de Cesaro. Práticas corporais/atividades físicas demarcadas como privilégio e não escolha: análise à luz das desigualdades brasileiras. **Saúde e Sociedade [online]**. v. 30, n. 2 DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200363>>. ISSN 1984-0470. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200363>. Acesso em: Jul. 2025.

LE BRETON, David. Palestra no X Simpósio Internacional Filosófico e Teológico, realizado pela Faculdade Jesuíta (FAJE) no campus de Belo Horizonte, 2014.

Museu da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, Salvador, Brasil.

NUNES, Tainá; SCHLICHTA, Clara; SANTOS, Luara Franco Valente dos; MAIA, Milena Camilla Pereira; FERREIRA, Pauline Vitória de Souza; MELO, Vinícius Teixeira de. “Coisa de menina” e “coisa de menino”? Uma leitura do preconceito de gênero pela perspectiva dos praticantes de balé clássico masculino e futebol feminino. **Sociologias Plurais**. Curitiba, v. 7, n. 3, 2021.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Entrevista para o site Ig Queer. In: Matéria Desinformação e falta de respostas impactam acesso de trans ao esporte. **Ig Queer**, 06 jun. 2022. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-06-06/transformando-o-esporte-inclusao-atletas-trans-brasil.html>.

PORTO, Rosane de Albuquerque. **Roda dos expostos**: deslocamentos do livro ao jornal. 2011. 226 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira e Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e Teoria Literária, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/130857/322023.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

PRECIADO, Paul. **Eu sou o monstro que vos fala**: Relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual**: Práticas Subversivas de Identidade Sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: 2014.

QUEM PODE JOGAR? Direção: João Silva. Produção: Maria Oliveira. Filmes do Futuro, 2019.

RIBEIRO, Lóry da Silveira Ribeiro e RIGO, Luiz Carlos. O futebol como produtor de subjetividade: um estudo a partir de crianças e jovens das casas de acolhimento da cidade de Pelotas/RS. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 11, 2025. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2619>.

RIBEIRO, Lóry da Silveira; GOELLNER, Silvana Vilodre; Rigo, Luiz Carlos. Adoção tardia: manifestações do cotidiano de uma casa de acolhimento de Pelotas/RS. **Revista Caderno Pedagógico**, Curitiba, v.21, n.10, p. 01-21, 2024.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

10 IN/CONCLUSÃO

Começo esta (in)conclusão como um convite àqueles que realizaram a leitura desta tese, explicitando que “seremos a partir de agora um par, eu e você, nós e suas ideias. Como uma novela em cadeia, esta [tese] terá outras vozes e histórias” (Diniz, 2013, p. 18). Nesse ponto da pesquisa, a escrita precisa ser finalizada para a entrega da tese, porém o que foi escrito passa a ser socializado com aquele que lê e então é “reescrito”, repensado e reinventado em outros textos, outras pesquisas. Outras pesquisas são escritas por outras mãos, com outros olhares. Esta, apesar de estar em processo de encerramento, a entendo como um enredo de linhas em que sempre existirão novas coisas para serem “costuradas” e alinhavadas.

Os espaços pesquisados são de extrema importância na minha vida pessoal e também enquanto pesquisadora e professora. O primeiro contato que tive junto a uma instituição de acolhimento foi no ano de 2010, quando minha família passou a fazer parte do Programa de Apadrinhamento Afetivo. Com isso, comecei a frequentar o cotidiano de uma das casas, além de vivenciar diferentes eventos propostos pela instituição.

Em 2014, ao entrar no curso de Educação Física na FURG, tinha o intuito de voltar a tais espaços como pesquisadora. A partir das aulas, pude amadurecer a ideia e, com o apoio da minha orientadora, Dr.^a Josiane Domingues, realizei a pesquisa. Em 2017, então, apresentei uma monografia intitulada “A produção dos corpos das meninas em uma instituição de acolhimento”, que teve como objetivo investigar como os corpos das meninas estavam sendo produzidos dentro de uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas/RS. Desde esse momento, passei a fazer parte das instituições também enquanto professora voluntária na área da Educação Física, atividade que cessou no ano de 2020 devido à pandemia da covid-19.

Ao prosseguir a minha caminhada enquanto estudante, no ano de 2018 entrei no curso de especialização em Educação Física Escolar da ESEF/UFPel, na qual tive a oportunidade de retornar às casas de acolhimento e, com o apoio e orientação da Prof.^a Dr.^a Rose Meri Silva, realizei a pesquisa intitulada “Que escola é essa? Um olhar de crianças e adolescentes moradores de uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas (RS)”, que objetivou investigar os significados da escola para crianças e adolescentes moradores de uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas/RS.

Como objetivo secundário, buscamos analisar a escola como produtora das identidades dessas crianças e adolescentes.

Ainda em 2018, fui aprovada na seleção do Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da FURG. Sob orientação da Prof.^a Dr.^a Joice Esperança, realizei a pesquisa “Juventudes contemporâneas em instituições de acolhimento: uma análise do canal do YouTube Adoção Tardia”, que teve como objetivo realizar a análise cultural de vídeos do canal do YouTube Adoção Tardia, problematizando as representações de juventude em situação de acolhimento presentes nas produções audiovisuais.

Em 2021, ao adentrar no Doutorado em Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPel, com o suporte e orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo, pude novamente voltar a esses espaços como pesquisadora. A pesquisa, então, foi proposta visando perceber, nos caminhos e descaminhos da pesquisa, a produção de subjetividades de crianças e jovens em situação de acolhimento a partir do futebol. Inserida no campo empírico, algumas pautas se sobressaíram e se tornaram os temas priorizados da pesquisa, como foi o caso da adoção tardia e dos jovens transgêneros institucionalizados.

As idas e vindas das casas, do campo de futebol, das confraternizações ou, ainda, das escolas de treinamento de futsal ou de futebol de campo proporcionaram um “mergulho” nas vidas dessas crianças e desses jovens. Seus gostos e desprazeres, suas formas de sociabilidade dentro e fora das instituições, tudo aquilo que os atravessava e era exposto para a pesquisadora em uma relação de cumplicidade fazem parte desta pesquisa. A produção da tese em artigos foi sendo tecida com um complementando o outro, apesar de autônomos, e cada um traz o alinhavo da tese.

A pesquisa foi sendo conduzida juntamente com essas crianças e com esses jovens. Com isso, temáticas como a adoção tardia, tratada no primeiro artigo, foram surgindo a partir das idas a campo.

Como produtos da pesquisa, foram produzidos três artigos. O primeiro deles, intitulado “Adoção tardia: manifestações do cotidiano de uma casa de acolhimento de Pelotas/RS”, abordou como a adoção tardia se manifesta e constitui a subjetividade de crianças e jovens acolhidos. O segundo artigo foi intitulado “O futebol como produtor de subjetividade: um estudo a partir de crianças e jovens das casas de

acolhimento da cidade de Pelotas/RS” e pretendeu analisar a forma como o futebol atravessou e produziu as subjetividades dos acolhidos. Por fim, o terceiro e último artigo, denominado “A produção da subjetividade de jovens trans em situação de acolhimento”, procurou analisar a produção de subjetividade de dois jovens transgêneros acolhidos.

Algumas questões ficam no “cabide” da tese, como: de que forma a subjetividade de crianças e jovens acolhidos é atravessada pelo racismo estrutural? Quais condições de possibilidade fazem com que somente as famílias moradoras de regiões periféricas tenham os seus filhos retirados? Quais os demarcadores estéticos que constituem as subjetividades dos jovens negros acolhidos?

A pesquisa foi fabricando na minha subjetividade outras formas de ser professora e pesquisadora. Espero que aqueles que a lerem sintam-se inspirados para realizar outras pesquisas voltadas aos espaços de acolhimento institucional. Com isso, desejo que esta tese torne-se potente para os estudos voltados às crianças e jovens acolhidos e às temáticas de gênero e sexualidade, adoção tardia, futebol, espaços de lazer, escola e moradia, provocando, assim, que outros pesquisadores problematizem essas questões.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. Mulheres cisgênero e mulheres transgênero: existe um modelo legítimo de mulher? *In*: MUNDOS DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO, 13., Florianópolis, 2017. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em:
https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1518011872_ARQUIVO_Mulherescisgeneroemulherestransgenero-ClaudioEduardoResendeAlves.pdf

ALVES, Cláudio Eduardo Resende; MOREIRA, Maria Ignez Costa. Do uso do nome social ao uso do banheiro: (trans)subjetividades em escolas brasileiras. **Quaderns de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 59-69, 2015. Disponível em:
<https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v17-n3-alves-moreira>

ANJOS, Luiza Aguiar dos; GOELLNER, Silvana Vilodre. Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais. *In*: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ilena; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. (Org.). **Educação Física e sexualidade: desafios educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2017. p. 51-72.

ARIZA, Marília Bueno de Araujo. Roda dos expostos (1825-1961). *In*: **Santa Casa de Misericórdia de S. Paulo**, [s.d.]. Disponível em:
<https://santacasasp.org.br/museu-curiosidades/>

ARRAIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. (Org.). **Leis, atos e regulamentos sobre educação no período imperial na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**. Brasília: Ipea, 2004. Disponível em:
https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/historia_da_educacao/leis_atos_e_regulamentos_sobre_educacao_no_periodo_imperial_na_provincia_de_sao_pedro_do_rio_grande_do_sul.pdf

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Revista Espaço Plural**, n. 29, 2013. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10426>

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. O androcentrismo do torcer: do Universo do Futebol ao estádio contemporâneo. **Conexões**, v. 20, n. 1, p. 1-19, 2022. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8668348>

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BONETTO, Pedro Xavier Russo. Futebol e Copa do Mundo: uma experiência pedagógica baseada na educação física cultural. **Revista de Educação Popular**, v. 18, n. 3, p. 110-126, 2019. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/47383>

BOURCIER, Marie-Hélène. Prefácio. *In*: PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie**. Paris: LesÉditions de Minuit, 1984.

BRASIL [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1998**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

BRASIL. Acessar a unidade de acolhimento: “serviço de acolhimento”, “unidade de acolhimento”. *In*: **gov.br**, atual. 18 ago. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-unidade-de-acolhimento>

BRASIL. Acessar a unidade de acolhimento: “unidade de acolhimento”, “abrigo”, “casa de passagem”. *In*: **gov.br**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-unidade-de-acolhimento>

BRASIL. Cadastro Nacional de Adoção. *In*: **CNJ**, 2012. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br>

BRASIL. **Decreto nº 1.331-A, de 17 de fevereiro de 1854**. Approva o Regulamento para a reforma do ensino primario e secundario do Municipio da Côrte. Rio de Janeiro: Poder Executivo, 1854. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>

BRASIL. **Decreto nº 17.943-A, de 12 de outubro de 1927**. Consolida as leis de assistencia e protecção a menores. Rio de Janeiro: Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, 1927. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17943-a-12-outubro-1927-501820-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: jan. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Promulga o Codigo Penal. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1890. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htmimpressao.htm

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Base de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. Brasília, DF: Presidência da República, 2002a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406compilada.htm

BRASIL. **Lei nº 13.509, de 22 de novembro de 2017**. Dispõe sobre adoção e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), a

Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil). Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13509.htm

BRASIL. **Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916.** Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1916. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071impressao.htm

BRASIL. **Lei nº 4.513, de 1º de dezembro de 1964.** Autoriza o Poder Executivo a criar a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, a ela incorporando o patrimônio e as atribuições do Serviço de Assistência a Menores, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1964. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4513.htm

BRASIL. **Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979.** Institui o Código de Menores. Brasília, DF: Presidência da República, 1979. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6697.htm

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

BRASIL. Ministério da Saúde. Covid-19. *In*: **gov.br**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/covid-19>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Glossário temático:** promoção da saúde. Série A. Normas e manuais técnicos. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_tematico_somasus.pdf

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações técnicas:** serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009a. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **SUAS:** Sistema Único de Assistência Social. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009b. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Consolidacao_Suas.pdf

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. **Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde:** um passo a mais na cidadania em saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2002b. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/publicacoes/notificacao-de-maus-tratos-contracrianças-e-adolescentes-pelos-profissionais-de-saude/view>

BRASIL. **Serviço de Acolhimento para Crianças, Adolescentes e Jovens**. Site do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. 2020. <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/unidades-de-atendimento/servicos-de-acolhimento-para-criancas-adolescentes-e-jovens>. Acesso em fevereiro de 2023.

BRASIL. Sistema Nacional de Adoção. *In*: **CNJ**, 2024. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br>

BRETON, David Le. Corpo e pós-modernidade. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO E TEOLÓGICO, 10., 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: FAJE, 2014.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do "sexo". Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n.1, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDEIRA, Jeane dos Santos. **A infância desvalida institucionalizada em Pelotas/RS**: controle e ordenamento social nas páginas dos periódicos locais – décadas de 1910 a 1940. 2020. 273 f. Tese (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

CAMARGO, Mário Lázaro. **Adoção tardia**: representações sociais de famílias adotivas e postulantes à adoção (mitos, medos e expectativas). 2005. 269 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

CASTRO, Edgardo. **O vocabulário de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A cultura do plural**. Campinas: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Nina Rosa do Amaral; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 3, p. 425-34, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/qCNFbWZnftRdy4PmTGGYKQp/abstract/?lang=pt>

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *In*: VV.AA. **Cruzamento**: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004. p. 7-16.

CUNHA, Leandro Reinaldo da. Passabilidade como fator de inclusão e acesso para pessoas transgênero. *In*: **Migalhas**, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/direito-esexualidade/392338/passabilidade-como-fator-de-inclusao-e-acesso-para-pessoas-transgenero>

CUNHA, Leonardo Costa da. **As mulheres no futebol do Rio Grande/RS nas décadas de 1970 e 1980**: entre subversões, pioneirismos e invisibilidades. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

DAMICO, José; KNUTH, Alan Goularte. O (des)encontro entre as práticas corporais e a atividade física: hibridizações e borramentos no campo da saúde. **Movimento**, v. 20, n. 1, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.39474>

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. 255 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DEBINHA. *In*: **Wikipédia**, [s.d.]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Debinha>

DINIZ NUMISMÁTICA. Conversão de réis para o real. *In*: **Diniz Numismática**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.diniznumismatica.com/p/conversao-de-reis-para-o-real.html>

FARIA, Eliene Lopes. É jogando futebol que você aprende: a participação na prática social como modo de aprendizagem. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17., CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/viewFile/3163/1431>

FARIA, Eliene Lopes. Práticas cotidianas de futebol, práticas de aprendizagem. *In*: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA MERCOSUL, 7., 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2007.

FEIXA, Carles; FERNÁNDEZ-PLANELL, Ariadna; FIGUERAS-MAZ, Mónica. Generación Hashtag. Los movimientos juveniles en la era de la web social. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 14, n. 1, p. 107-120, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/773/77344439006.pdf>

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e Sociedade**, v. 23, n. 3, p. 979-92, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/9DHbWGDTP74bgMWcPpk3KPd/abstract/?lang=pt>

FIGUEIREDO, Michele Braun *et al.* Futebol à tardinha: notas sobre educabilidade. *In*: RIGO, Luiz Carlos; PARDO, Eliane Ribeiro; THOMAZ, Florismar Oliveira. (Org.) **Além da universidade**. Ijuí: Unijuí, 2006. p. 47-62.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção de sentidos: a adolescência em discurso. In: SILVA, Luiz Heron da. (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 424-39.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: estratégia poder-saber**. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. v. 4.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003. v. 2.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade: curso no Collège de France (1980-1981)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

FREITAS, Sayonara Oliveira. **Histórias de adoção tardia: considerações a partir da analítica existencial heideggeriana**. 2014. 179 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

GALLO, Sílvio. Biopolítica e subjetividade: resistência? **Educar em Revista**, v. 33, n. 66, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/nmFRqJV8P8mRGzbB3j7bHXm>

GALONI, Luana Luiza *et al.* O processo de institucionalização da infância preta em casas de acolhimento. **Mosaico**, v. 13, n. 2, 2022. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/3062>

GALONI, Luana Luiza *et al.* Peles negras: a produção da subjetividade de adolescentes em acolhimento institucional na Baixada Fluminense. **Revista da ABPN**, v. 16, Edição Especial, 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1572>

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/172>

INSTITUTO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. **[Fotos da linha do tempo – 05/04/2022]**. [S. l.], 5 abr. 2022. Facebook: Instituto Nossa Senhora da Conceição. Disponível em:

<https://www.facebook.com/nossasradaconceicaopelotas/photos/pcb.3068625840058262/3068625426724970/>

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Identidade de gênero**: conceitos e termos: guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2. ed. Brasília: Universidade Federal de Goiás, 2012.

JOGO do bafo. In: **Wikipédia**, [s.d.]. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Jogo_do_bafo

KNUTH, Alan Goularte; ANTUNES, Priscilla de Cesaro. Práticas corporais/atividades físicas demarcadas como privilégio e não escolha: análise à luz das desigualdades brasileiras. **Saúde e Sociedade [online]**, v. 30, n. 2, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/CJfPgSktxtJGcP8HX5kWg9L/?lang=pt>

KOCH, Rodrigo. A Copa do Mundo em tempos pós-modernos: a relação de crianças e jovens com o megaevento. **Revista Unilasalle**, Canoas, v. 1, n. 27, p. 109-24, 2014. Disponível em:
<https://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/1731>

KOCH, Rodrigo. **Cultura, identidade e futebolização**: na Europa contemporânea. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2022.

KOHAN, Walter Omar. **Infância**. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LINO, Michelle Villaça; SOUZA, Lilian Angélica da Silva. Proteção tem cor: problematizando o acolhimento institucional de crianças e adolescentes negros. **Revista Serviço Social em Debate**, v. 5, n. 1, 2022. Disponível em:
<https://revista.uemg.br/serv-soc-debate/article/view/6236>

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTA (futebolista). In: **Wikipédia**, [s.d.]. Disponível em:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Marta_\(futebolista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marta_(futebolista))

MAY, Tim. Teoria social e pesquisa social. In: Tim MAY. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MONTEIRO, Renata Alves de Paula; CASTRO, Lúcia Rabello de. A concepção de cidadania como conjunto de direitos e sua implicação para a cidadania de crianças e jovens. **Revista Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 271-84, 2008. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-549X2008000200006

Museu da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, Salvador, Brasil.

NAZARIO, Roseli. **A infância das crianças pequenas no contexto de acolhimento institucional**: narrativas de meninas e meninos na Casa(Lar). 2014. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

NUNES, Tainá *et al.* “Coisa de menina” e “coisa de menino”? Uma leitura do preconceito de gênero pela perspectiva dos praticantes de balé clássico masculino e futebol feminino. **Sociologias Plurais**, v. 7, n. 3, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/353836792_Coisa_de_menina_e_coisa_de_menino_Uma_leitura_do_preconceito_de_genero_pela_perspectiva_dos_praticantes_de_bale_classico_masculino_e_futebol_feminino

OLHARES SOBRE PELOTAS. **[Significações da infância no século XIX e XX]**. [S.l.], 7 abr. 2013. Facebook: Olhares sobre Pelotas. Disponível em: https://www.facebook.com/Olharessobrepelotas/photos/394063560700855?_rdc=2&_rdr#

OLIVEIRA, Márcia Gomes da Silva de. **Apadrinhamento afetivo**: uma parceria das casas-lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz com a comunidade de Coqueiros. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Matéria Desinformação e falta de respostas impactam acesso de trans ao esporte. *In: Ig Queer*, 06 jun. 2022. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-06-06/transformando-o-esporte-inclusao-atletas-trans-brasil.html>

PISANI, Mariane da Silva; KESSLER, Cláudia Samuel. As mulheres no Universo do Futebol brasileiro: resgatando o gênero. **Conexões**, v. 20, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8667753>

PORTO, Rosane de Albuquerque. **Roda dos expostos**: deslocamentos do livro ao jornal. 2011. 226 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira e Teoria Literária) - Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e Teoria Literária, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: 2014.

QUEM PODE JOGAR? Direção: João Silva. Produção: Maria Oliveira. Filmes do Futuro, 2019.

RIBEIRO, Lóry da Silveira Ribeiro; RIGO, Luiz Carlos. O futebol como produtor de subjetividade: um estudo a partir de crianças e jovens das casas de acolhimento da cidade de Pelotas/RS. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 11, 2025. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2619>

RIBEIRO, Lóry da Silveira; GOELLNER, Silvana Vilodre; RIGO, Luiz Carlos. Adoção tardia: manifestações do cotidiano de uma casa de acolhimento de Pelotas/RS.

Revista Caderno Pedagógico, v. 21, n. 10, p. 1-21, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/9121>

RICHARLISON. *In: Wikipédia*, [s.d.]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Richarlison>

RIGO, Luiz Carlos *et al.* Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 3, 2008. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/217>

RIGO, Luiz Carlos; TORRANO, Conrad Vilanou. Identidades dos clubes de futebol: singularidades do FC Barcelona. **Movimento**, v. 19, n. 3, p. 191, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/34314>

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCHA, José Fernando Teles da. **Do asilo dos expostos ao berçário**: assistência e proteção à criança abandonada na cidade de São Paulo (1896-1936). 2010. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SARAIVA, Vanessa Cristina dos Santos. **O racismo institucional nos percursos da adoção**. 2022. 292 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SAYÃO, Yara. Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes: supervisão institucional e estágio de psicologia como formas de intervenção. *In: MACHADO, Adriana Marcondes; LERNER, Ana Beatriz Coutinho; FONSECA, Paula Fontana. (Org.). Conceções e proposições em psicologia e educação*. São Paulo: Blucher, 2017. p. 191-208.

SCHETTINI, Suzana Sofia Moeller; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 2, p. 285-93, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/jwzdcW4n8Wj3GCN7tvZrykh/abstract/?lang=pt>

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SZORTYKA, Adriane Martins *et al.* A saúde mental permeando o desacolhimento de adolescentes dos abrigos institucionais da cidade de Pelotas: um relato de experiência. **Journal of Nursing and Health**, v. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/3500>

TEIXEIRA, Heloísa Maria. Os filhos das escravas: crianças cativas e ingênuas nas propriedades de Mariana (1850-1888). **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 11, n. 15, 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2010v11n15p58>

TOLEDO, Luiz Henrique de. Sagrada arte de colecionar figurinhas: reagrupando o futebol. **Ponto Urbe**, n. 14, p. 1-18, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/220805>

TWISTER (jogo). In: **Wikipédia**, [s.d.]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Twister_\(jogo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Twister_(jogo))

VANTI, Elisa dos Santos. A breve história de Ethelvina: caridade, filantropia e assistência à infância em Pelotas, Rio Grande do Sul (1875-1900). **História da Educação**, v. 6, n. 12, pp. 143-58, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30573>

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/G9PtKyRzPcB6Fhx9jqLLvZc/?format=pdf&lang=pt>

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, v. 38, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/18441>

WORTMANN, Maria Lúcia; RIPOLL, Daniela; POSSAMAI, Laís. Educação ambiental corporativa para crianças: analisando a animação Peixonauta do Discovery Kids. **Perspectiva**, v. 30, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n2p371>

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA	
---	---	---

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a) secretário(a),

Gostariamos de solicitar sua autorização para realizarmos a produção de dados para pesquisa de doutoramento em Educação Física, do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) cuja temática gira em torno do futebol e, é desenvolvida pela professora Lóry da Silveira Ribeiro, sob orientação do professor Dr. Luiz Carlos Rigo.

Caso você autorize a realização da pesquisa, pretendemos efetivar as seguintes atividades: encontros presenciais para a escuta das crianças e jovens, com duração aproximada de uma hora, na instituição de acolhimento em que estes estiverem residindo. Será enfatizado às crianças e jovens que as participações serão voluntárias e os mesmos poderão recusar-se a participar da pesquisa a qualquer momento. Durante os encontros garantiremos o tempo necessário para que os participantes possam expressarem-se com conforto e bem-estar. Se solicitado, poderemos realizar pausas durante as conversas.

Para participar deste estudo, a Secretária de Assistência Social, o Município de Pelotas ou qualquer um dos participantes não vão ter nenhum custo, nem receber qualquer auxílio financeiro. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa. Para melhor compreensão das informações, o áudio dos encontros junto às crianças e jovens moradores das instituições de acolhimento, serão gravados. Mas, em nenhum momento serão feitas fotos ou vídeos dos participantes. Assim como, os verdadeiros nomes das crianças e jovens não serão publicados em nenhum local. Os resultados da pesquisa estarão à disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados produzidos na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente.

José Olavo dos Passos
 SECRETARIO MUN. DE
 ASSISTÊNCIA SOCIAL

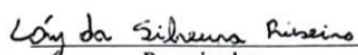
	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA	
---	---	---

Declaro que autorizo a realização da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Telefone de contato dos pesquisadores: (53) 991790110

E-mail: loryedufi@gmail.com


 Pesquisador responsável
 (orientador)


 Pesquisadora


 Secretário(a) da Assistência Social do
 Município de Pelotas
 José Cláudio dos Passos
 SECRETÁRIO MUN. DE
 ASSISTÊNCIA SOCIAL

Pelotas, fevereiro de 2022.



ANEXO B - CARTA DE APRESENTAÇÃO DE PESQUISADORA

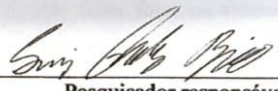
	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA	
---	---	---

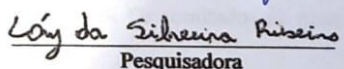
CARTA DE APRESENTAÇÃO DE PESQUISADORA

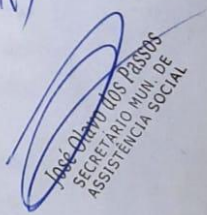
Prezado(a) Senhor(a),

Vimos por meio deste, solicitar sua autorização para realizarmos a produção de dados para pesquisa de doutoramento em Educação Física, do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) cuja temática gira em torno do futebol e, é desenvolvida pela professora Lóry da Silveira Ribeiro, sob orientação do professor Dr. Luiz Carlos Rigo. Neste momento, buscamos conhecer as instituições de acolhimento do município de Pelotas - RS, visando o desenvolvimento da pesquisa, a partir da produção de dados sobre a área em questão. Para melhor compreensão das informações, o áudio dos encontros junto as crianças e jovens moradores das instituições de acolhimento, serão gravados. Mas, em nenhum momento serão feitas fotos os vídeos dos participantes. Assim como, os verdadeiros nomes das crianças e jovens não serão publicados em nenhum local. A participação das crianças e adolescentes será voluntária e os mesmos poderão recusar-se a participar da pesquisa a qualquer momento. Agradecemos a atenção e colocamo-nos ao inteiro dispor para contato pessoal.

Telefone: (53) 991790110 (Lóry da Silveira Ribeiro)
E-mail: loryedufi@gmail.com


 Pesquisador responsável
 (orientador)


 Pesquisadora


 Jacy Oliveira dos Passos
 SECRETÁRIO MUN. DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Secretário(a) de Assistência Social do
Município de Pelotas

Pelotas, fevereiro de 2022.